



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**Diego Moraes Guimarães**

**Foucault e Freud: acerca da sexualidade em discurso nos *Três*  
*Ensaio de Teoria Sexual***

Salvador - BA  
2016

**Diego Moraes Guimarães**

**Foucault e Freud: acerca da sexualidade em discurso nos *Três Ensaios de Teoria Sexual***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carlota Maria Ibertis.

Salvador - BA  
2016

## **Agradecimentos**

À UFBA e à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, pelas condições oferecidas para o desenvolvimento dos meus estudos.

À CAPES, que possibilitou com a concessão de bolsa este trabalho.

Aos professores Malcom Guimarães Rodrigues e Suely Aires Pontes, pelas valiosas sugestões e correções, em ocasião do exame de qualificação.

À Norma Lúcia, minha mãe, pela constante dedicação e pelo amor incondicional.

À Zete Nunes, minha tia, pela hospitalidade, pelos carinhos e cuidados.

Às minhas amigas de todas as horas. Especialmente, à Amanda Matos, Manoela Barbosa e Vivian Val pelo companheirismo e estímulo na jornada para construção deste trabalho. À Andressa Ribeiro, Brenda Moraes, Diana Lemos, Elaine Belavista, Janaína Alves, Nara Silva e Suzane Lopes, pela cumplicidade e aprendizados que me ofertam e, sobretudo, pela oportunidade diária de compartilhar as experiências e os mistérios dessa vida.

Por fim, à Carlota María Ibertis, por ser de fato uma professora: alguém que cultiva e se dedica, com prazer, ao conhecimento. Agradeço a você, Carlota, pelo profissionalismo, pelos ensinamentos, pela espera e pela liberdade que só um mestre sabe bem exercitar na relação com um discípulo. Agradeço, por compartilhar o conhecimento da filosofia e por ter me apresentado à literatura freudiana, tão importante para mim e para minha formação. Gratidão pela orientação, generosidade e disponibilidade para a realização deste trabalho, e também, pelo acolhimento nos momentos mais difíceis.

## Resumo

Este trabalho estuda a análise genealógica feita por Michel Foucault sobre o discurso da sexualidade, e particularmente, sobre o discurso da sexualidade freudiano, ao mesmo tempo, em que apresentamos a própria teoria sexual pensada por Sigmund Freud, ao fazermos uma leitura interna desse discurso, ou seja, de como se estabelece o significado e o encadeamento de seus temas e conceitos. Com isso, nosso objetivo é adquirir condições para avaliar, com alguma propriedade, os limites das análises de Foucault direcionadas ao discurso freudiano. Nossa proposta consiste, então, em demarcar as afirmativas que faz Foucault à teoria da sexualidade postulada por Freud, apurando a validade desse conjunto de inferências ao correlacioná-las ao texto freudiano, para enfim, podermos considerar se a teoria sexual psicanalítica tal como Freud a concebeu se restringiria ao que Foucault em suas análises chamou de *dispositivo de sexualidade* ou, se o discurso freudiano ultrapassa essa categoria, possibilitando-nos o questionamento da crítica foucautiana e sua suposta pertinência.

Palavras-chave: Foucault, Freud, Discurso, Sexualidade, Dispositivo.

## Abstract

This paper studies the genealogic analysis made by Michel Foucault about the sexuality discourse. It studies specifically the analysis on the Freudian sexuality discourse while presenting Sigmund Freud's sexual theory and making an internal reading of such discourse, i.e., of how meaning is established and the connection of Freud's themes and concepts. Therefore, the objective is to acquire conditions to evaluate, with some level of aptitude, the limits of Foucault's analysis directed to the Freudian discourse. The proposal consists of delimiting the statements made by Foucault to the sexuality theory proposed by Freud, investigating the validity of this set of inferences when correlating them to the Freudian text while considering if the psychoanalytic sexual theory, as it is called by Freud, is restricted to what Foucault called as *sexuality dispositif*, or if the Freudian speech extends to this category, which allows us to question the Foucauldian critics and its alleged relevance.

Keywords: Foucault, Freud, Discourse, Sexuality, Dispositif.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| <b>Introdução</b>   | 7  |
| <b>Capítulo 1: <i>Foucault e a construção do discurso da sexualidade</i></b>        | 13 |
| I – Da repressão à produção discursiva  | 13 |
| II – A verdade do sexo: sobre a confissão sexual e o modelo cientificista           | 20 |
| III – A positividade do poder   | 25 |
| IV – O dispositivo foucaultiano e o discurso psicanalítico da sexualidade           | 30 |
| <b>Capítulo 2: <i>Sobre a teoria freudiana da sexualidade</i></b>                   | 36 |
| I – Da importância concedida à vida sexual  | 36 |
| II – A questão da moral sexual  | 41 |
| III – O conceito de pulsão nos <i>Três Ensaios de Teoria Sexual</i>                 | 44 |
| IV – As perversões sexuais: dos limites entre o normal e o patológico               | 48 |
| V – A hipótese da sexualidade infantil  | 52 |
| <b>Capítulo 3: <i>O discurso freudiano da sexualidade: um dispositivo?</i></b>      | 60 |
| I – Entre a hipótese repressiva e o recalque  | 60 |
| II – Da sexologia à teoria sexual freudiana   | 71 |
| III – Dos conjuntos estratégicos de poder-saber aos limites da crítica foucaultiana | 79 |
| <b>Considerações Finais</b>   | 91 |
| <b>Referências Bibliográficas</b>   | 93 |
| <b>Bibliografia Consultada</b>  | 95 |

## Introdução

Uma das fortes razões que levou Foucault a ocupar-se com o projeto duma história sobre a sexualidade, em meados da década de 1970, reside na simultaneidade entre dois fatos que marcaram o final do século XIX. Um deles é de que o surgimento histórico da figura de Freud e da psicanálise vincula-se a um fenômeno singular de grande importância na sociedade da época, e especialmente, no imaginário dos médicos e pesquisadores dedicados ao campo da psicologia, tal fenômeno é a histeria: uma neurose que se caracteriza por um desconhecimento peculiar que o sujeito tem sobre si mesmo, sobre um fragmento de sua própria história, desconhecimento de seu desejo, de sua sexualidade.

Paralelo a esse fato, o outro fenômeno indicado por Foucault, refere-se à multiplicação de discursos sobre o tema da sexualidade, multiplicação quantitativa de discursos quanto da qualidade de seus efeitos. Essa produção discursiva em torno do sexo representaria uma espécie de desenvolvimento e expansão de modelos discursivos acerca da sexualidade humana culminando na massificação de teorias da sexualidade, de ciências sobre a sexualidade que pouco a pouco se consolidaria no que Foucault define por “supersaber”, ou seja, no fato da crescente produtividade de discursos sexuais e os efeitos que esses discursos exercem sobre a conduta dos indivíduos.

Ora, para Foucault, a questão é que numa primeira análise a existência, ao mesmo tempo, do fenômeno da histeria e do desenvolvimento do discurso da sexualidade poderia parecer contraditória, uma vez que a histeria ao manifestar-se como desconhecimento pelo sujeito de seu próprio desejo sexual, e a produção de discursos significar a expansão do conhecimento sobre a sexualidade, geraria o seguinte impasse: como pode haver, sincronicamente, e num mesmo momento, uma afecção causada por uma espécie de não saber sobre a sexualidade no indivíduo e um fenômeno de “supersaber” social acerca da sexualidade humana?

Ao se deter um pouco mais sobre essa questão, Foucault não atribui caráter contraditório em haver uma espécie de difusão da neurose histérica e a produção discursiva ou científica da sexualidade num mesmo período. Ao contrário, para ele o fato da histeria não é estranho ao fato da multiplicidade de discursos. Esses fenômenos coexistem e representam uma problemática típica das sociedades ocidentais: o de existir

um desconhecimento do sujeito a respeito das suas próprias questões sexuais, ao mesmo tempo, em que há uma crescente especulação, no plano cultural, do que seja a noção de sexualidade.

Notemos a distinção feita por Foucault entre as dimensões individual e social acerca do saber da sexualidade; no que tange ao indivíduo o que há é o não saber, e por isso mesmo, a referência à histeria. Já em relação à esfera social o que existe é um saber excessivo formatado na discursividade científica. É considerando esse duplo fenômeno descrito acima, que Foucault, direciona-se à história da sexualidade e a reescrevê-la a partir das relações entre poder e saber. Demarcando que seu interesse incide mais sobre a questão da superprodução sociocultural da sexualidade, do que propriamente, a questão individual do desconhecimento do sujeito em relação ao seu próprio desejo, como analisara Freud e a psicanálise, segundo a opinião de Foucault.

O ponto é que em meio às investigações sobre a produção teórica da sexualidade, no nível social, a teoria freudiana apareceu a Foucault como um emblema, e por isso mesmo, passou a tecer determinadas considerações acerca do modo de proceder desse discurso. Foucault, a partir de sua tese da *proliferação discursiva* faz fortes afirmações direcionadas à psicanálise, em especial, à teoria sexual freudiana e às condições históricas que possibilitaram seu surgimento. Pois bem, é nesse sentido que segue o conteúdo desta pesquisa: de sublinhar a interpretação que Foucault acaba por estabelecer com a teoria freudiana pela perspectiva da sexualidade.

Para tanto, partiremos do livro *A Vontade de saber*, primeiro volume da trilogia *História da Sexualidade*, com vistas a apresentar as análises feitas por Foucault acerca do respectivo tema, mas também, utilizaremos os *Três Ensaio de Teoria Sexual*, publicado por Freud no ano de 1905, justificando o estudo que intencionamos desenvolver ao expor as hipóteses freudianas presentes nesse texto e as especificidades dessa teoria sexual. É primordialmente a partir dessas duas obras que se buscará acentuar as considerações tecidas por Foucault acerca do saber psicanalítico e o que haveria de pertinente nessas considerações.

Ora, que tipo de consideração Foucault faz sobre a psicanálise e à sua teoria da sexualidade? Segundo o pensamento deste autor, a sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico: o *dispositivo de sexualidade*, um conjunto de enunciados que devidamente articulados na forma de discurso engendram práticas, ditam normas e acabam por definir através de certas técnicas de poder o que se tenha por verdade acerca



da sexualidade humana. Para Foucault, a história desse dispositivo equivaleria à arqueologia da psicanálise. É essa a afirmação que em última instância esta pesquisa questiona, e por isso mesmo, é que lançamos mão dos *Três Ensaios...* para examinar a partir do próprio texto freudiano se há a possibilidade de adequação entre a teoria sexual psicanalítica e sua caracterização como um dispositivo.

Visto isso, no primeiro capítulo deste trabalho, em que se abordará o que para Foucault significa a construção do discurso da sexualidade, partiremos da indicação histórica da multiplicação de discursos sexuais, acentuada no século XIX, com o objetivo de compreendermos em que direção o regime poder, saber e sexualidade é conduzido por esse autor. Para tanto, devemos apresentar a tese foucaultiana da *proliferação dos discursos* em oposição à *hipótese repressiva* – amplamente adotada pelos discursos tradicionais sobre o sexo – buscando acentuar as operações que ao longo da história da cultura ocidental contribuíram fortemente, segundo Foucault, para a eclosão de teorias sexuais expressas na forma de ciência.

Em seguida, trataremos do tema da verdade sobre o sexo expressa na forma do discurso científico. Uma vez que para Foucault, a civilização ocidental caracteriza-se por aderir à *scientia sexualis* como método para produzir a verdade do sexo. Nesse sentido, questionar-se-á por quais técnicas a inter-relação verdade e sexo vem sendo construída historicamente, desde a prática confessional na Idade Média até o período da Modernidade com o surgimento da psicanálise. Evidenciado o itinerário que levou o sexo, enquanto prática que envolve um conjunto de prazeres e sensações, a tornar-se um saber de natureza científica.

Esse deslocamento conceitual da consideração do sexo como uma prática, para o sexo enquanto objeto de estudo da ciência, é fundamental para as análises de Foucault, haja vista, que suas investigações intencionam demarcar o fato do sexo ser tornado categoria do saber de maneira a produzir o que chamamos de sexualidade. Daí sua tese de que a sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico. Pois, segundo Foucault, a sexualidade não se figuraria com um impulso ou força de natureza desconhecida e indomesticável, mas sim, como um dispositivo discursivo dotado de elementos heterogêneos representado na forma do saber.

Assim, trataremos de definir a noção de *dispositivo de sexualidade* e seus contornos a partir das relações de “poder-saber”, considerando o caráter positivo dessa relação de reciprocidade onde o poder produz saberes e o saber produz poderes, no caso,

o poder produziria o saber da sexualidade que por sua vez exerceria efeitos desse poder sobre as condutas sexuais dos indivíduos. Por fim, ainda no primeiro capítulo, apresentaremos o papel estratégico, atribuído por Foucault, ao discurso da sexualidade psicanalítico no interior desse dispositivo, levando-o a identificar a história do *dispositivo de sexualidade* como arqueologia da psicanálise.

Já, no segundo capítulo, passamos à exposição da teoria sexual pensada por Freud. Iniciamos esse estudo com a pergunta de como as questões sexuais e a vida erótica passaram a lhe interessar. Nossa tentativa é a de examinar em que consiste a interpretação freudiana da noção de sexualidade e o papel que lhe atribui no interior do saber psicanalítico, a fim de poder evidenciar o que o autor entende por sexual, indicando suas singularidades frente às demais teorias, ao mesmo tempo, que procurando evidenciar as hipóteses que sustentam seu discurso. Além, evidentemente, de acompanhar as nuances e a originalidade do seu pensamento.

Para a fundamentação e realização desse estudo, faremos dos *Três Ensaios...* nosso aporte capital. Considerado um dos textos fundamentais sobre o assunto que nos ocupa e também um dos pilares em que se apoia a teoria psicanalítica por trazer algumas chaves conceituais importantes para a estruturação desse saber, a publicação de 1905 é o resultado de uma construção teórica elaborada após alguns anos de acúmulo clínico e conceitual sobre a natureza e o processo de desenvolvimento da sexualidade como pulsão sexual, e da relação instrumental dessa pulsão com a vida psíquica e comportamental dos indivíduos.

Frente a isso, o que buscamos no interior dos *Ensaios*, em primeiro lugar, é perguntar em que consiste a noção de sexualidade postulada em termos de pulsão e de que maneira essa noção distanciar-se-ia duma compreensão instintual da sexualidade buscando evidenciar se, de fato, a teoria sexual freudiana se opõe aos discursos científicos do século XIX. Em seguida, examinar-se-á de que modo Freud trata da temática da moral e de sua relação com a sexualidade, ou seja, de como os costumes sexuais podem incidir sobre as perturbações psíquicas. Mais adiante, passamos ao problema das perversões, com vistas a esclarecer em que medida a ressignificação feita por Freud do que se entende por perverso, promove mudanças substanciais nos limites colocados entre variação e doença.

Por último, lançaremos mão da hipótese da sexualidade infantil descobrindo as formas e características de sua expressão, segundo Freud. Atestando-a como chave

conceitual para o discurso psicanalítico nas adaptações entre as teorias da sedução e da fantasia. Procurar-se-á demonstrar as fases do desenvolvimento libidinal pelas quais passa cada indivíduo desde as primeiras manifestações da pulsão sexual na infância até culminar nas transformações típicas da puberdade. Nesse sentido é que apresentaremos a problemática econômica da libido e das excitações sexuais.

Finalmente, no terceiro capítulo, depois de examinadas as diferentes perspectivas tanto de Foucault quanto de Freud sobre o tema da sexualidade, pretendemos a partir da questão se a psicanálise e sua teoria sexual equivalem-se ao *dispositivo de sexualidade* foucaultiano, reunir os elementos que nos aproximem ou distanciem dessa inferência, para daí, podermos examinar se há pertinência na crítica feita por Foucault ao discurso freudiano. Em outras palavras, a proposta desse último capítulo consiste em considerar a questão do dispositivo de sexualidade, observando se a teoria psicanalítica se aproxima dessa noção a partir da concepção de biopoder, e caso contrário, questionar a crítica foucaultiana, apontando seus limites e incongruências.

Dentre algumas características trazidas por Foucault que fariam do discurso sexual freudiano componente do dispositivo são: o tema do sexo e de sua respectiva repressão como objetos centrais de estudo, a reivindicação da suposta neutralidade científica, o caráter disciplinador e regulador de seus enunciados, além das regras de normatização e administração que tal discurso exerceria sobre as condutas sexuais em geral; dentre outras hipóteses que serão melhor definidas no curso desta pesquisa.

O que queremos abordar é a questão de se esse conjunto de elementos que caracterizam o dispositivo serviria também para caracterizar a teoria freudiana. Se os conjuntos estratégicos de *poder-saber*, pontuados por Foucault, como a *histerização do corpo da mulher*, a *pedagogização do sexo da criança*, a *socialização das condutas de procriação* e a *psiquiatrização do prazer perverso*, dizem respeito ou seriam premissas da teoria sexual psicanalítica, associando-a como moderna técnica disciplinar a serviço do biopoder, e por conseguinte, como possível constituinte do dispositivo. Para tanto, nosso percurso no derradeiro capítulo se inicia com o desenvolvimento das noções de repressão e recalque. Nesse sentido, queremos delimitar as diferenças substanciais que existem entre essas concepções, retomando o que Foucault entende por *hipótese repressiva* e o que Freud chamou em psicanálise de recalque.

Em seguida, fazemos um paralelo sobre o que se entende tradicionalmente por sexologia e o que estudamos acerca da teoria sexual freudiana nos *Três Ensaios...*

Nosso intuito é esclarecer as possíveis aproximações entre ambas e o que as distingue fundamentalmente. Para isso, revemos os conceitos de pulsão e instinto referidos à sexualidade, passando pela questão das perversões sexuais e de seus desdobramentos no seio do discurso científico tradicional, assim como, no discurso freudiano. Por fim, considerando a máxima de que a teoria sexual freudiana se caracterizaria como dispositivo, enumeramos e explicamos em que consistem as estratégias de *poder-saber* sinalizadas por Foucault e correlacionamos cada uma delas ao que na teoria freudiana poderia fazer desse discurso um instrumento pertencente ao dispositivo de sexualidade.

Notamos que na crítica feita por Foucault em direção a Freud e a sua teoria encontrar-se-ão algumas lacunas pontuais, e por isso mesmo, buscamos investigar qual a natureza dessa crítica e das falhas que a instauram, encadeando os argumentos utilizados por Foucault e correlacionando-os integralmente ao discurso freudiano. Com esses estudos que se iniciam com as teses de Foucault acerca do discurso da sexualidade, e da sexualidade tal como formulou Freud no interior do saber psicanalítico, aspiramos estabelecer as possíveis interlocuções entre os pensamentos desses autores, para enfim, podermos questionar a pertinência das hipóteses foucaultianas sobre a teoria freudiana e o real alcance desse conhecimento.

## Foucault e a construção do discurso da sexualidade

### Da repressão à produção discursiva

De acordo com Foucault convencionou-se entre os estudos tradicionais<sup>1</sup>, que assumem como objeto de investigação a sexualidade humana, defenderem como uma de suas proposições basilares o que o autor chamou de *hipótese repressiva*. Ora, em que consistiria tal hipótese? Ao deter-se sobre a análise histórica<sup>2</sup> da sexualidade, Foucault constata quão marcado é o uso da noção de repressão no conjunto teórico das publicações científico-sexuais do século XIX. Essa noção representaria o estado generalizado de repressão social à sexualidade. Repressão não apenas às práticas sexuais, mas a qualquer menção, ou mesmo, teorização sobre o tema do sexo. Nesse sentido, a ideia de repressão indicaria o rigor mais que excessivo da censura em torno das questões relativas ao sexual, e mais, que tal rigor desencadearia consequências tanto particulares, como disfunções na vida psicosssexual, quanto públicas, como a impossibilidade do saber ou do conhecimento comum sobre o sexo.

É importante destacarmos que Foucault quando fala da presença da *hipótese repressiva* no conjunto teórico das publicações científico-sexuais, ele está se referindo ao campo tradicional da ciência e à concepção de sexualidade e de repressão sexual forjadas no interior do conhecimento científico. No entanto, na configuração de seu

---

<sup>1</sup> Foucault faz referência aos clássicos teóricos da sexualidade e suas respectivas publicações que os consagraram como fundadores da sexologia no final do século XIX, a saber, Krafft-Ebing em *Psychopathia sexualis* (1886), Havelock Ellis, autor dos *Estudos de psicologia sexual* (1897) e Albert Moll com sua obra *Libido sexualis* (1897). Mas também se refere à teoria crítico-cultural de Wilhelm Reich e sua proposta sexual-revolucionária, e especialmente, a Sigmund Freud e a psicanálise.

<sup>2</sup> O conceito de História tomado, por Foucault, não se caracterizaria por narrar os fatos notáveis ocorridos numa dada sociedade por via da sucessão contínua de eventos e ações, procurando assim, a origem, o aperfeiçoamento e o progresso dos acontecimentos. Quando Foucault resignifica o termo História associando-o à noção de acontecimento e não mais às noções de causa e origem, é uma tentativa de ultrapassar esses preceitos habituais da História clássica em seus estudos. É no método genealógico que Foucault, influenciado por Nietzsche, encontra a saída de uma ideia de causalidade atribuída à investigação histórica tradicional e estabelece o terreno para se pensar a História numa perspectiva crítica, admitindo suas rupturas, transformações e descontinuidades. Podemos encontrar essa noção de História tomada como genealogia a partir de obras como *Microfísica do poder* publicada originalmente em 1970 e na própria trilogia *História da sexualidade* iniciada no ano de 1976.

pensamento, Foucault, quando se apropria da noção de saber se refere menos à concepção clássica de saber científico do que a dimensão histórico-cultural de um discurso<sup>3</sup>. Isso quer dizer que quando este autor fala sobre o saber da sexualidade, ele não está se restringindo à particularidade do conhecimento científico, compreendido como classe de conhecimentos sistematizados, adquiridos via observação, pesquisa e explicação de determinado fenômeno formulado metódica e racionalmente. Para Foucault, o saber, reúne o discurso teórico, mas também as práticas, ou o exercício desse discurso no cotidiano. O que mais lhe interessa é a constituição histórica de saberes qualificados como verdadeiros, e de como esses saberes foram possíveis de ser construídos e experimentados num dado contexto social. Ou ainda, o que Foucault define como condições de possibilidade da emergência de um saber: de certa situação ou fato histórico que desencadeiam uma série de discursos ditos verdadeiros e que por sua vez esses discursos reafirmariam certos comportamentos.

E é em meio a um cenário coercitivo que o discurso tradicional da repressão afirmaria o excesso de proibições ao sexo e à sexualidade, entendidos, respectivamente, como prática e como saber desdobrado dessa prática. A repressão, para Foucault, teria, portanto, teor ambivalente, uma vez que se referiria tanto à repressão das condutas sexuais quanto à formulação da temática do sexo. Negação dos atos e das palavras. A *hipótese repressiva* estaria no cerne das teorias sexuais, e segundo a leitura de Foucault, no modo como essas teorias relacionam poder, saber e sexualidade, expressa na seguinte síntese: o poder com sua natureza repressora interditaria a totalidade do que diz respeito ao sexo, determinando o que se pode e o que não se pode fazer ou produzir nessa esfera.

Dessa maneira as teorias sexuais, então emergentes, afirmariam como diz Foucault, que acerca do sexo uma permanente inibição se fixaria, e em qualquer referência, tanto ao campo teórico quanto ao das práticas imprimir-se-ia a força da interdição. O tema geral da sexualidade logo vincula-se ao tabu e a realidade da vida sexual caracteriza-se pelas inúmeras restrições: o sexo é exclusivamente para

---

<sup>3</sup> O discurso em Foucault não se restringe à concepção tradicional do discurso como exposição metódica sobre determinado assunto ou organização de ideias por meio da linguagem. Mas o discurso, enquanto parte da categoria do saber, é um conjunto de enunciados que ganha corpo nas instituições, seguindo um princípio de agrupamento e de estratégia que funcionaria como instrumento de regulação e dominação promovido pelas relações entre poder e saber.

reproduzir, o homem está para a mulher e vice-versa, as crianças e os mais velhos não têm sexualidade, dentre outras assertivas. Ora, os efeitos dessa orientação restritiva se desdobrariam, segundo as sexologias, nas formas do desconhecimento e do silêncio em torno das questões sexuais onde qualquer fala, teorização, ou qualquer gesto em nome do sexo estaria fadado ao imperativo da censura. Vale dizer que essa repressão generalizada não atingiria individualmente a todas as pessoas e a todos os saberes, até porque, mesmo com a existência da repressão, certa classe de indivíduos escaparia a essa censura e também algumas formações discursivas. Prova disso, são as próprias sexologias a que estamos fazendo referência, que diante ao impedimento de se pensar a sexualidade conseguem formular suas hipóteses, exatamente, porque pertencem a um nicho ao qual é permitido que se fale desse tema: o nicho da ciência. Isto é, mesmo com os reclames em torno da censura haveria aí uma espécie de autorização aos discursos ditos científicos que pudessem versar sobre a sexualidade humana.

Devemos acentuar que frente à ambiguidade suscitada pela noção de repressão, que ora se refere à repressão sexual individual, e ora à repressão da elaboração de teorias sexuais, Foucault ocupa-se basicamente desta última. Ou seja, da *hipótese repressiva* aplicada na formação dos discursos. O interesse de Foucault, não diz respeito à interdição sexual pela qual cada sujeito solitariamente passa e as ressonâncias disso na sua disposição psicofísica, por exemplo. Mas suas análises incidem questionando o papel da censura no interior das teorias sexuais. É nesses termos que Foucault fala de repressão. Repressão em relação aos discursos, muito embora, a proibição às práticas sexuais esteja evidentemente vinculada à censura do conhecimento sobre o sexo. Se o saber da sexualidade é negado é porque em algum grau o ato sexual também o é.

Dito isso, Foucault observa, que ainda segundo as teorias sexuais a “época da repressão” ao tema do sexo teria como marco histórico o aparecimento das chamadas sociedades burguesas. O pudor, a vergonha excessiva e o medo de ferir a decência da rígida moral vitoriana, coincidiriam com o intenso processo de transformação sociocultural atribuído à moderna vida civilizada. A repressão ao discurso sexual e o desenvolvimento do capitalismo relacionar-se-iam na oposição existente entre o sexo e a força de trabalho, ou seja, na primazia da ação de trabalhar em detrimento do exercício do prazer. A sexologia concluiria, então, que numa sociedade ascendente e de orientação produtivista não haveria lugar para o ato sexual com fins puramente

recreativos, tampouco, para o desenvolvimento do saber da sexualidade e seu fim especulativo.

Nessa medida a lógica da censura<sup>4</sup>, supostamente advinda da ordem burguesa, aplicar-se-ia às condutas e aos saberes sexuais em geral, devido às exigências morais em torno da vida sexual do indivíduo e do conteúdo que se ocupa a ciência. Mas a censura recairia, neste caso da relação trabalho e sexo, mais sobre o indivíduo, que inserido neste tipo de sociedade, o tipo burguês, sofreria determinadas sanções comportamentais relativas à sua sexualidade, por conta da necessidade de apropriação da sua capacidade de força de trabalho como meio capital de produção econômica. Quer dizer, tudo aquilo que dispersaria essa força dita específica para o trabalho, para a atividade de produção e manutenção da classe burguesa, estaria condenado à repressão.

Segundo a dinâmica da supressão do sexo pela ascensão econômica da burguesia, as tradicionais teorias sexuais creditavam os efeitos da censura sobre o erotismo e sobre a generalidade das atividades sexuais à excessiva demanda de trabalho, que inibiria as expressões diversificadas da sexualidade humana. A partir desses pressupostos econômicos, da ascensão do modo de vida burguês e de atender a crescente escala de produção do sistema capitalista, o sexo e, por conseguinte, seu discurso seriam controlados por intermédio de proibições. De modo a instaurar como problemática resultante desse novo tipo de sociedade o que as teorias da sexualidade chamaram de “Idade da repressão”.

Sinalizada essa questão histórica do surgimento da repressão sexual coincidir com o desenvolvimento do capitalismo, na qual se ancoram as teorias sexuais, segundo Foucault, para justificar o fato da repressão ao sexo, o autor coloca em questão o porquê da manutenção dessa concepção repressiva da sexualidade. Para ele, existe uma espécie de “benefício do locutor” que talvez a justificasse. Ou seja, do próprio fato de se considerar que o sexo é alvo da repressão, gerar-se-ia como consequência, a necessidade de libertação sexual. Caberia aos teóricos, aos chamados “locutores da sexualidade”, essa difícil tarefa de liberação, de rompimento com a cesura aos costumes e ao conhecimento sexuais. Para Foucault, essa intenção liberadora circundaria todo o

---

<sup>4</sup> Para Foucault a censura teria uma lógica própria, e se expressaria da seguinte forma; “afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista” (FOUCAULT, 1988, p.82).



imaginário das ciências sexuais e caracterizaria seus discursos ao reivindicarem por liberdade sexual, ao mesmo tempo, em que se autorizariam como possíveis libertadores.

Nisso consistiria, se pudermos dizer, a leitura da noção de repressão que, segundo Foucault, estaria presente na base dos discursos sexuais, representada pela *hipótese repressiva*. Todos esses discursos, uns mais outros menos, como exemplifica o esquema foucaultiano, afirmariam a duplicidade dum repressão sexual: repressão à vida sexual individual e repressão ao conteúdo das teorias sexuais. Ambas implicariam em prejuízos muitas vezes irreparáveis. A repressão sobre o indivíduo se seguiria de danos à sua disposição psicofísica, especialmente, nas relações consigo e com o mundo sociocultural à sua volta. Já a repressão sobre o saber sexual comprometeria o desenvolvimento e a produção de estudos voltados para esse campo científico, impedindo a integração de possíveis benefícios e esclarecimentos a todo o corpo social.

Para Foucault, a história da sexualidade não se teceria apoiada na centralidade da censura sobre os indivíduos, tampouco sobre os saberes. E por isso mesmo, ele lança mão de três dúvidas em relação aos fundamentos em torno da *hipótese repressiva* questionando assim seu estatuto, sua validade. Primeira dúvida: a repressão sexual é mesmo uma evidência histórica? Segunda: o essencial na mecânica do poder é a ordem repressiva? E terceira: o discurso crítico em relação à repressão do sexo de fato é oposto a essa censura, ou compõe a mesma rede histórica da chamada repressão?

Essas questões irão nortear o pensamento de Foucault, ao longo de todo o livro *A vontade de saber*, direcionando-o para a cisão entre os conceitos de repressão e sexualidade que, segundo ele, tradicionalmente vem sendo a fórmula para se pensar as relações entre poder e sexo. De maneira que as dúvidas que Foucault lança sobre a *hipótese repressiva* funcionariam então, como ferramentas conceituais para a indicação da positividade do poder – tema que iremos abordar ainda neste capítulo – pensando a sexualidade como um produto das relações de *poder-saber*, e assim, justificar sua tese da *proliferação de discursos*:

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da ilusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre

quais locutores e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e descrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. (FOUCAULT, 1988, p.21/22).

Em defesa de ter havido aí um fenômeno de multiplicação discursiva em torno do sexo, notemos a especificidade da argumentação de Foucault quando entende que não se trata apenas duma questão de repressão ao discurso sexual. Parece-nos que o fato de Foucault descentralizar o papel da censura, entendendo-a como aquilo que impossibilita a existência de algo, não significa sua descrença nas proibições direcionadas à sexualidade. Mas, quando Foucault revisa a validade da *hipótese repressiva* no interior dos discursos sexuais é porque entende que sobre o tema do sexo não há uma negação radical, como sugere a repressão, mas antagonicamente o que há é uma incitação aos assuntos sexuais travestida na depuração das palavras, no recondicionamento de como referir-se ao sexo, de quem pode falar sobre ele e sob quais circunstâncias.

Obviamente que para Foucault a repressão sexual é algo real, afinal de contas, ela está aí objetivamente, enquanto evidência histórica, transpassando as relações e fazendo-se forçosamente experimentar. Não podemos dizer que Foucault ingenuamente a ignora, que a desconsidera, mas acredita que fazer da proibição o fundamento do que foi dito sobre o sexo ao longo da história da civilização ocidental, consistiria numa ilusão. E por que tratar a sexualidade em termos de repressão consistiria numa ilusão? Por duas razões: a primeira porque o essencial em relação aos discursos sexuais é sua incitação, sua produção. Ou seja, sobre o sexo o que existe, de acordo com Foucault, é uma superprodução discursiva em meio ao século XIX representada na formulação crescente de teorias sexuais.

A segunda razão para Foucault questionar e até mesmo desqualificar o caráter fundamental que se atribui à repressão é porque, paradoxalmente, essas teorias sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que denunciam a censura excessiva ao sexual, acabam não só por criticarem a interdição, mas, sobretudo, por produzirem modelos discursivos de funcionamento da sexualidade ao formularem seus pareceres sobre o sexo. Esse parecer se cristalizaria na forma de discurso e utilizaria da autoridade científica para fomentar seus efeitos de poder como, por exemplo, a normalização dos costumes sexuais de uma dada cultura.

Assim, para pensar a sexualidade sem o “apoio” da costumeira noção de repressão, Foucault, precisou realocar a *hipótese repressiva* na economia dos discursos

sobre o sexo. Isto é, ele não ignora a questão da interdição aos atos, mas entende que os atos são determinados por esses discursos sexuais, e por isso, direciona suas análises à categoria do discurso. O interesse de Foucault está, especialmente, em desmontar o argumento de que os discursos são proibidos, de que a elaboração de saberes estaria vetada. Para daí considerar que o fundamental na história da sexualidade e de sua relação com o poder reside na forma da produção de discursos e não de que eles sejam ou tenham sido reprimidos. Entre a *hipótese repressiva* e a *proliferação dos discursos* o que está em jogo para Foucault é a noção de poder, ou melhor, as relações de poder. No sentido de pensar o poder não apenas em sua dimensão repressora, mas de assumir sua natureza relacional e produtora de discursos:

Sobre o sexo, os discursos – discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto – não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 1988, p.22).

Notemos que quando Foucault afirma a existência e a repercussão dos discursos sexuais, não está tratando, no caso, dos enunciados considerados marginais ou mesmo situados fora da esfera e da ação do poder regulamentar, que investidos de indignação, exatamente pelo excesso de moralismo em torno da sexualidade, querem subverter as regras estabelecidas ou reivindicar novas formas de lidar com os aspectos sexuais. Essa circunstância, como o próprio Foucault afirma é como que uma reação imediata e espontânea à tamanha repressão sexual.

Em particular, Foucault direciona-se aos discursos socialmente legitimados pelo regime e organização próprios ao poder. Aqueles discursos que circulam e organizam o seio social, amparados pela autoridade científica e seus critérios de validação; os discursos que encontramos nos livros, que aprendemos a cultuar e cujos efeitos engendram práticas e normas de comportamento. Isso significa que o que está em questão é o discurso reconhecidamente verdadeiro e sistematizado na forma do saber.

“A colocação do sexo em discurso” como diz Foucault, é uma inserção metricamente racionalizada do exercício do prazer em modos discursivos, é a

transformação radical do sexo no saber chamado sexualidade, consolidado a partir de uma série de estudos, de afirmações e promessas. O sexo acaba por ser modelado gradativamente na forma da erudição científica enquadrando-se num conjunto de conhecimentos teóricos, práticos e técnicos. E é sobre isso que, a seguir, passaremos a investigar, vamos nos deter sobre a produção da verdade acerca do sexo, já presente no sacramento da confissão na Idade Média e que se continua, salvando as diferenças, nas técnicas científicas da Modernidade.

### **A verdade do sexo: sobre a confissão sexual e o modelo cientificista**

Segundo Foucault, uma série de instrumentos e aparelhos foi elaborada para que motivação não faltasse em falar do sexo constantemente. Uma espécie de fermentação discursiva que assolou a sociedade ocidental a partir do século XVIII, e desde então, vem ascendendo positivamente. Uma multiplicação do discurso sobre o sexo, do discurso verdadeiro do sexo, e mais, um discurso da verdade sobre o homem no sexo. O que significa que o tema da sexualidade passou a relacionar-se não somente com a questão da verdade como também com a questão da identidade, isto é, sobre a verdade do que é o homem. De maneira que perguntar acerca da verdade do que é ser humano vinculou-se à indagação de seu sexo, do que o homem faz do seu sexo<sup>5</sup>.

A expressão desse encapsulamento do sexo na forma do discurso verdadeiro, para Foucault, deve-se primeiramente ao sacramento da confissão: prática religiosa que envolve a remissão dos pecados daquele que confessa e sua respectiva penitência pelas mãos de uma autoridade que atua em nome do divino. A confissão foi instituída historicamente como um dever pela igreja católica na sua tarefa de direção espiritual e exame de consciência em plena Idade Média. Onde a carne, o corpo, guardariam a origem de todos os pecados, de todos os males e de todo desejo sexual.

Nesse contexto, assiste-se à instituição religiosa desqualificar o corpo e a vasculhar incisivamente a vida sexual de seus discípulos, com o objetivo de ouvi-los; ouvir seus anseios, seus erros e carências para daí ter acesso aos seus desejos. A ordem cristã determinou assim, como atividade obrigatória, que todo fiel relatasse acerca de

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, M.: *História da sexualidade I, A vontade de saber*, cap. IV.

seus desejos, que formulasse em palavras tudo aquilo que circundava seus pensamentos, seu imaginário sexual, de modo a produzir efeitos de domínio sobre esses desejos e sobre a condução dos comportamentos, a fim de reorientar e modificar suas expressões no real.

Confessar tornou-se uma exigência, e não somente confessar, mas confessar a verdade no interior duma ritualização do sagrado. Foucault identifica, portanto, na igreja católica o lugar privilegiado da crescente valorização do discurso sobre o sexo e atribui à tradição ascética e monástica o fato histórico da “colocação do sexo em discurso” a partir do rito da confissão.

Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessada. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum motivo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra, e a sustenta quando ela se esquiva. (FOUCAULT, 1988, p.59).

Do confessionário para a sala da aula, para o consultório médico, para o domicílio familiar. Esses foram os locais em que toda essa empresa foi construída. O saber sobre o sexo desloca-se do confessionário e passa a ocupar o quadro central das teorias científicas do século XIX caracterizando a mudança de abordagem sobre as questões sexuais que transitam do sacramento da confissão para a formação da ciência do sexo. Enquanto fator histórico de produzir verdades, o ato de se confessar para Foucault é um exemplo de valor preponderante na sua filosofia uma vez que, segundo ele, este foi o maior veículo para a produção de discursos verdadeiros sobre o sexo.

De acordo com Foucault a confissão se dissipa e se enraíza entre as instituições e as relações em geral, de modo que os confessores não se percebam coagidos a formular enunciados. Dá-se como fato comum cada um se revelar, pois se acredita que assim poderá cada qual encontrar a verdade, a verdade sobre si. A confissão se disfarça como um caminho para a liberdade. Porém, Foucault nos alerta: a confissão é um instrumento

histórico de produzir verdade, regida e pautada por relações de poder. É no confessional que a verdade do sexo é inicialmente composta<sup>6</sup>. Mas notemos, que há uma expansão do procedimento confessional, que deixa de pertencer exclusivamente ao âmbito religioso, e passa a aplicar-se também como técnica para produzir verdade no meio científico.

Que fique claro que coube à instituição religiosa as primeiras investidas em torno das questões sexuais, entretanto, não foi a única que “educou” nossos prazeres, e esse é um ponto importante para compreendermos a genealogia da sexualidade narrada por Foucault. Segundo ele, a sexualidade vem sendo construída e lapidada desde a Idade Média com o advento do confessional, e vem se estendendo até os dias de hoje, através das diversas instâncias que nos cercam; a pedagogia, a medicina, a psiquiatria e o direito. Essas instituições e as suas formas de extorquir a verdade, seja por via de interrogatórios ou consultas, consolidou um marco histórico para o Ocidente: a propaganda e a massificação dos discursos científicos sobre o sexo<sup>7</sup>.

Nesse processo o prazer se torna objeto de investigação científica e daí o tema da *vontade de saber* em Foucault, vontade da ciência de saber sobre a sexualidade. O prazer de saber sobre o sexo. Ter-se-ia então dois prazeres: o sexual e o de saber sobre o sexual. A partir de um dado momento histórico, uma demasiada curiosidade social acerca do sexo se estabelece, uma vontade quase que autônoma, de saber o que é o sexo de modo a possibilitar que o homem chegasse a acreditar que a verdade sobre ele mesmo estaria no seu sexo, porque este revelaria sua face mais íntima.

Assim, desde o século XVIII, o sexo ganha roupagem científica. É tomado de assalto pela suposta neutralidade da ciência como objeto de investigação excessiva e exaustiva, e porque não dizer, prazerosa. O direito e a verdade sobre o sexo pertenceriam doravante ao discurso científico. Como a ciência, por muitas vezes, é o lugar onde creditamos nossas certezas, ela teve subsídio suficiente para determinar seus critérios de verdade e fomentar seus preconceitos.

O empreendimento de Foucault consiste em que entendamos por que ao longo da história de nossas sociedades, durante tantos séculos, a procura pela verdade do sexo se

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. III.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. II.

fez constantemente presente em diferentes épocas e civilizações. De modo que sobre o sexo criou-se um emaranhado de conceitos, teorias, de prescrições comportamentais, que afirmavam o que era a sexualidade, suas principais características e sua finalidade. Para Foucault, essas afirmativas sobre as questões sexuais funcionariam como formas de controle social e de sujeição individual, pelo fato de que ao elaborarem acerca do que seja a sexualidade acabam, simultaneamente, por demarcar o campo científico do saber sexual e a identificar e exigir nos indivíduos o modelo comportamental apropriado.

A civilização ocidental acaba por caracterizar-se como aquela que busca a verdade do sexo a partir da especulação científica, ao fazer das práticas e dos discursos sexuais objetos de saber, ao passo que esse saber, produz normas de conduta em relação à vida sexual de uma determinada sociedade. A história do homem ocidental pontua Foucault<sup>8</sup>, é marcada por fazer-se revelar suas nuances sexuais com vistas ao controle da sexualidade de toda população. Toda uma engrenagem é meticulosamente desenvolvida para que se confessem os prazeres. Pensando nisso é que Foucault lança como questão o porquê dessa vontade tão intensa de querer saber sobre a sexualidade humana.

Por isso mesmo, Foucault procura externar sua posição indicando as razões pelas quais o homem contemporâneo é levado sempre a ter uma vontade de saber sobre o sexo. Vontade de saber que tem nas práticas e nos discursos da verdade do sexo, seus referentes; vontade em torno da qual uma ciência do sexo se ergueu em fins do século XVIII, se consolidou no século XIX, e adquiriu sua potência máxima com o advento da psicanálise. Essa vontade de saber imprime-se como uma experiência da qual não é possível escapar pois se torna uma vontade de saber a verdade do sexo em nós. (VILAS BOAS, 2002, p.98).

Segundo Foucault, a nossa civilização ocidental foi a única a tratar da sexualidade pelo viés da ciência, ou seja, a pôr em prática uma “*scientia sexualis*” que ordena e controla o sexo fundamentalmente pela relação entre poder e saber. As demais civilizações, a exemplo da Índia e do Japão, estariam voltadas para extrair a verdade do sexo a partir do próprio prazer, tratando dos assuntos sexuais como “*ars erotica*”. O sexo como arte ou a arte dos prazeres, onde o que se evidencia é o despertar para a jornada em direção ao prazer. A verdade do sexo é extraída nessas culturas pela

---

<sup>8</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. IV, p.76.

qualidade do prazer, e não, orientadas pelo proibido e o permitido estabelecidos a partir da autoridade do saber científico sobre o sexo, como fazemos em nossa cultura ocidental.

Para as civilizações orientais o prazer é da ordem da arte erótica e o privilégio de conhecer essa arte traria para seu praticante o contato com o sublime, com o sagrado através da experiência de aprender a sentir prazer. A parte que coube à nossa civilização se distanciou, e muito, do prazer tomado enquanto arte. Ficamos, essencialmente, com o prazer enquanto ciência, ou seja, a dinâmica na qual concebemos o prazer é conforme e a partir da inter-relação poder-saber, ou melhor, do prazer de saber sobre o prazer sexual, para se ter poder de controle sobre as condutas.

O século XIX se caracteriza pela apropriação do procedimento da confissão na forma de discurso científico, ou seja, a confissão enquanto narração de si a um determinado interlocutor se estende ao campo da ciência e de suas técnicas de exame e avaliação. A ciência se apropria da relação interrogado e interrogador estabelecida pela confissão, e a partir de então, regula e interpreta o discurso daquele que enuncia. Onde quem analisa os discursos detém a verdade e possibilitará, através de um diagnóstico, a redenção e até mesmo a cura dos considerados “males” sexuais.

O homem foi conduzido a buscar uma verdade do sexo desde o modelo religioso da confissão até o que mais tarde estaria presente nas sexologias. A sexualidade para Foucault tem sido historicamente, uma confluência de todas as tentativas de falar sobre o sexo, pelo viés da repressão, desde a Idade Média até os dias atuais, com seu ápice no século XIX. A sexualidade é resultado da estratégica inter-relação saber, poder e prazer. Foi através dessa inter-relação que a “*scientia sexualis*” foi instaurada como um dispositivo que não trata do sexo tendo em vista o prazer pelo próprio prazer, como supunha a “*ars erotica*”. Mas sim, o prazer envolto de técnicas disciplinares e conduzido por discursos científicos possibilitados por relações estratégicas de poder.

Diz-se, frequentemente, que não fomos capazes de imaginar novos prazeres. Pelo menos, inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer. (FOUCAULT, 1988, p.69).



Podemos perceber, portanto, que o problema para Foucault é o de compreender, por que no Ocidente, a questão da verdade tem sido constantemente relacionada com a temática do prazer. Os discursos emergentes sobre a sexualidade têm estatuto de verdade, porque é no âmbito da ciência que eles vêm sendo elaborados. Além do que, o sexo guardaria aquele segredo originário sobre nós mesmos, e que só teríamos acesso, a partir da nossa fala e com o devido auxílio de um especialista. Para Foucault a sexualidade é uma construção discursiva porque é um conjunto ordenado de palavras ditas e não ditas, expressas na “*scientia sexualis*” com capacidade de sujeição sobre os indivíduos, a partir da produção de verdade<sup>9</sup>.

Contudo, vale ainda dizer que Foucault ao fazer da sexualidade um objeto genealógico de investigação, aponta-nos que é preciso rever o que concebemos por sexualidade. Pois segundo ele, a sexualidade consistiria, antes de tudo, num saber proporcionado pelas relações de poder inerentes ao discurso científico. Se temos acesso a um discurso sobre a sexualidade, esse discurso é certamente oportuno, pois garante poder e controle para quem o fabrica. A vontade de saber sobre o sexo não nos garante a liberdade e o gozo que tanto se almeja, pelo contrário, torna e mantém o corpo dócil e limitado e, sobretudo, refém dos padrões comportamentais por conta dos efeitos de poder que o discurso da sexualidade exerce sobre cada um individualmente. É exatamente sobre esses efeitos do poder e de seu caráter positivo que iremos nos debruçar em seguida.

### **A positividade do poder**

Durante muito tempo associou-se, restritamente, a investigação filosófica foucaultiana a uma espécie de análise dos saberes e do conhecimento. Ora, essa interpretação não é descabida ou sem propósito, uma vez que Foucault em seus primeiros escritos tratou de questões que demonstraram seu interesse, por exemplo, pela história das ideias, das ciências humanas e também, pelas condições e critérios internos que tornam ou possibilitam factualmente um discurso ser científico ou não. Ou seja, as inquietações de Foucault estavam em torno da formação das ciências que tomam o

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. III, p.67.

homem como objeto de conhecimento, e do modo como historicamente se estabelece e se distingue um saber como verdadeiro ou falso.

Dessa maneira, caracterizando seus primeiros textos como voltados para o tema do saber e do conhecimento, encarados como formação discursiva, e para o questionamento do estatuto de verdade que se atribui à ciência. Uma das obras que traduz esse primeiro momento de Foucault é *A Arqueologia do Saber* (1969) em que são lançadas nesse livro, as bases conceituais para se pensar o estudo das culturas e sociedades através de seus vestígios históricos e seus discursos, a partir da análise metodológica das regras e produção discursivas. Porém, mesmo debruçado sobre essa análise histórico-arqueológica dos saberes e sobre a descrição dos modos e das possibilidades que se dão as declarações, Foucault, acrescenta às suas análises a questão genealógica do poder e passa a articulá-lo intimamente a formação dos saberes.

Ora, é sobre o tema do poder e da sua inter-relação com o discurso da sexualidade no pensamento foucaultiano que iremos nos ocupar agora. Com este filósofo a noção de poder não somente traduz uma forma distinta de se pensar o que é o poder, mas, vai além de mais nova uma teorização. Foucault com seus estudos pretende uma análise e não uma teoria que afirme o que seja o poder. Ao entender que as relações de poder são relações típicas e inerentes à vida cotidiana em sociedade, Foucault, de algum modo, desmistifica o poder como uma coisa, ou algo a ser conquistado e trata-o como um jogo de estratégia cuja dinâmica pode ser representada através de lutas específicas, que podem multiplicar suas formas e se renovar constantemente.

O poder para Foucault não tem sede única, nem tampouco, um ponto de partida fixo. O poder atravessaria todo corpo social e correlacionado ao saber acaba por condicionar o modo como se pensa e se age e, sobretudo, como se comportam sexualmente os indivíduos. Para Foucault é preciso fazer uma analítica do poder, ou seja, saber quais instrumentos o torna possível e qual o seu campo de ação, e assim, entender porque só conhecemos a face negativa do poder: o poder como instância punitiva e repressora. O poder, segundo Foucault, constitui-se nas relações de forças que perpassam singularmente todas as relações estabelecidas em sociedade, condicionando e afetando os corpos, as atitudes e as escolhas de toda população.

No percurso histórico do pensamento ocidental, continuamente o poder esteve vinculado e representado como mero reprodutor da força bruta, da proibição e expressão da violência, ou seja, entendido na perspectiva do que Foucault chamou de concepção

jurídica do poder, segundo a qual o poder é considerado como entidade castradora que interdita. Porém, se faz necessário entender que apesar do poder pressupor ou indicar a sobreposição entre um indivíduo e o outro, a natureza do poder não é apenas repressora.

Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos. (FOUCAULT, 1979, p.8).

O interessante é notarmos que o poder também produz e incita, e por isso, não é unicamente repressor. Esta noção de poder, tratada exclusivamente como proibição ao longo da história do pensamento em nossa sociedade, seria essencialmente insuficiente. Foucault, ao tentar compreender porque se concebeu de maneira tão rasa a dinâmica do poder, quer em último caso pensar como de maneira tão veemente, se tomou o poder somente no âmbito do negativo, e dessa forma comprometendo significativamente, o modo como lidamos historicamente com o poder e suas nuances<sup>10</sup>.

O convite foucaultiano é de que se faça uma genealogia do poder, ou seja, de uma análise e averiguação histórica do que consiste a problemática do poder, evidenciando sua relação íntima com o saber da sexualidade. Foucault nos apresenta uma nova perspectiva do poder, sob uma ótica polimorfa, isto é, o poder visto como múltiplo, como forma de relação, ou ainda uma relação de força com outras forças, diferenciando-se de uma concepção vertical e estável.

Assim, o que Foucault propõe é que para nos aproximarmos melhor dessa outra perspectiva de se encarar o poder, de fato, se faz necessário certo distanciamento, do modo tradicional de pensarmos o poder como soberano<sup>11</sup>, ou mesmo que esses poderes

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. IV, p.83.

<sup>11</sup> O poder soberano ao qual Foucault faz referência em *A vontade de saber* diz respeito ao exercício do poder típico do *dispositivo de aliança*, que é o modelo anterior ao dispositivo de sexualidade na genealogia proposta por ele. Segundo o *dispositivo de aliança*, que trata das relações de parentescos e transmissão de bens, o poder se aplica essencialmente de modo unilateral, por via exclusiva da autoridade, utilizando as relações familiares como fonte donde emana tal poder. Assim, o poder soberano garantiria a manutenção daqueles que já se encontram nas instâncias de controle, consolidando a dualidade social entre opressores e oprimidos. Para Foucault, o *dispositivo de aliança* não desaparece

são derivados de um poder específico, ou que partem de um ponto central. Mas sim, o que se percebe com esta maneira distinta de se analisar o poder é um emaranhado de poderes onde a horizontalidade é o espaço para que estas relações plurais ganhem corpo:

Uma sociedade não é um corpo unitário no qual se exerceria um poder e somente um, mas é, na realidade, uma justaposição, uma ligação, uma coordenação, uma hierarquia também, de diferentes poderes, porém diferentes poderes que permanecem na sua especificidade; (...). Portanto, a existência de região de poder; a sociedade é um arquipélago de poderes diferentes. (FOUCAULT, 1981, p.26).

O poder enquanto relação de força está infiltrado nas relações sociais de modo geral. E assim, passa pelos dominados ao mesmo tempo que passa pelos dominantes. E o que tem a ver afinal o poder com o saber? É o que Foucault nos lança como questionamento em *A Vontade de Saber*; que vontade de saber é essa? Mais especificamente, por que se quer saber tanto acerca do sexo, da sexualidade humana? Podemos arriscar que não é um saber gratuito, mas sim intencional e dominador, para gerir e controlar os corpos e a vida em sua multiplicidade. Assim, na medida em que o poder é exercido o saber é regulamentado. O que leva Foucault a afirmar que o sujeito que conhece não é livre por deter um conhecimento, mas o conhecimento ao qual tem acesso, só se tem acesso por existir uma face do poder que lhe permite isso.

Daí a complexidade do *poder-saber* que é instaurado entre técnicas e estratégias. A ideia de saber ou conhecer para se adquirir poder, e do poder permitir e ditar os discursos dos saberes é para que se siga um movimento de homogeneização. Os saberes dizem, implantam, educam o que é a sexualidade. E para que possam gerir essa sexualidade, dizer o que se deve escolher e ser, não houve contenção de mecanismos, de modalidades de subjetivação, de instituições modeladoras de comportamento:

Se a sexualidade se constitui como domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instruíram como objeto possível; e em troca, se o poder pôde tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos. (FOUCAULT, 1988, p.93).

---

com o surgimento do dispositivo de sexualidade, o primeiro é realocado no interior do segundo, alimentando-o em suas formas modernas de controle. Mas a diferença reside exatamente no modo como lidam com o poder, na forma de seu exercício e na maneira de compreendê-lo. Se no *dispositivo de aliança* o que é central é o poder jurídico-repressor e seu sistema de regras preservando a família como lugar, por excelência, de exercício do poder soberano, no dispositivo de sexualidade o que está em jogo é a dimensão produtiva do poder e seu caráter polimorfo presente nas relações sociais como um todo.

Foucault nos provoca a pensar que nossos discursos são resultados de um condicionamento ao que devemos conhecer e gostar como verdade. Se nos permitem podemos ir além desta asserção; para Foucault a verdade é oriunda de jogos de poder aos quais os discursos estão submetidos. Há em cada época ou momento histórico o que Foucault chama de dispositivo – noção que será melhor abordada na próxima seção – que detém um conjunto de elementos heterogêneos como discursos, instituições, leis, enunciados científicos absorvidos pela população de modo a impor afirmações e comportamentos concernentes à sexualidade.

O alerta ou a denúncia foucaultiana é que nossa vida em sociedade tem por base o controle e a disciplina dos corpos. Somos coordenados por um campo restrito de ideias onde pensamentos, práticas e fala, são produtos do poder, poder este que dita uma verdade e cria o que chamamos de sexualidade.

A que se deve obedecer, a que coação estamos submetidos, como, de um discurso a outro, de um modelo a outro, se produzem efeitos de poder? Então é toda essa ligação do saber e do poder, mas tomando como ponto central os mecanismos de poder, é isso, no fundo, o que constitui o essencial do que quis dizer. (FOUCAULT, 2003, p.54).

Percebamos que o objeto de Foucault é, portanto, a genealogia dos mecanismos de poder e da maneira como eles se engendram e se inter-relacionam. Ora, como se averigua quais são as instâncias do poder no tecido social? Para Foucault, é na produção de verdade, entendendo a verdade como um conjunto de procedimentos e de enunciados historicamente construídos, que o poder se expressa. É na interface do saber e do poder, da verdade e do poder que a problemática foucaultiana ganha fôlego.

Enfim, o que Foucault nos mostra é que esta face do poder, que lhe interessa, deve ser vista como mecanismo, procedimento e, sobretudo como técnica. O poder encarado como técnica é passível de invenção e aperfeiçoamento, e conseqüentemente de melhor rendimento. O aspecto positivo para Foucault, em última instância, é o alcance que o poder pode engendrar e as técnicas que pode desenvolver, para se obter e manter aquilo que se tem. Como, por exemplo, a manutenção dos corpos dos indivíduos tornando-os úteis e a administração da população por via do controle social.

No entanto, não podemos deixar de esclarecer, que essa perspectiva positiva do poder, analisada por Foucault, não significa dizer que o poder é algo bom, ou que contém a qualidade do que é bom e benevolente, até porque a problemática trazida por

este filósofo, sobre as nuances do poder, não diz respeito ao juízo de valor que pode ser associado a este. Mas a questão acerca do aspecto positivo do poder, que especialmente interessa a Foucault é a disposição e a capacidade de cumprir e desempenhar o seu dever, o seu papel, ou seja, o poder é tratado enquanto relação positiva porque produz e é produzido.

O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma “positividade”. E é justamente esse aspecto que explica o fato de ele ter como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo. Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. Pois o seu objetivo básico não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. (MACHADO, 2006, p.172).

A positividade do poder está no fato de ele produzir, transformar. O encargo do poder é produzir saberes, e neste caso, o saber sobre o sexo. Daí Foucault apontar a relação permanente e mútua entre saber, poder e sexualidade. A sexualidade enquanto resultado da construção de um saber científico está sujeita às relações de poder que são próprias ao conhecimento. O poder ao produzir conhecimento e este por ser produtor de poderes, produz-se também indivíduos, uma vez que direciona a forma como se pensa e a maneira como se pode agir dentro de uma arena restrita de possibilidades. Fabricando assim, indivíduos úteis e dóceis, logo, mais fáceis de serem manobrados.

### **O dispositivo foucaultiano e o discurso psicanalítico da sexualidade**

Quando Foucault traça a história da sexualidade descrevendo-a desde a negação da *hipótese repressiva* à afirmação da incitação aos discursos, passando pelas relações entre poder e saber quando da constituição do discurso verdadeiro sobre o sexo, o que está em jogo nessa narrativa é a história da formação do *dispositivo de sexualidade*. Primeiro porque ao negar a centralidade da repressão quanto às questões sexuais, e enfatizar em seu lugar o fenômeno da incitação, Foucault acaba por deslocar o registro de sua análise, da censura à multiplicação, e assim, validar o caráter positivo da noção de poder defendida por ele. Ou seja, ele não pensa a repressão como o fundamento das

relações entre poder e sexo porque a sua maneira de compreender o poder foge da tradicional concepção jurídica.

Com efeito, o poder pensado em termos jurídicos é exatamente ao que Foucault está se contrapondo. O poder não se encerra na função de interditar, proibir ou simplesmente negar, como já foi dito anteriormente. O poder produz e esse fato já sinaliza a noção de dispositivo, uma vez que este, se caracteriza pela capacidade de produzir, ou melhor dizendo, pela capacidade de produção do que chamamos de sexualidade. Daí a sexualidade se constituir na qualidade de um dispositivo histórico, porque se trata duma elaboração gradativa em torno do sexo fazendo-o categoria de discurso.

Por definição, o dispositivo<sup>12</sup> se caracterizaria por compreender um conjunto de discursos, de enunciados científicos, de proposições filosóficas, de estruturas arquitetônicas, mas também de instituições e suas leis. Esses variados elementos que compõem a conjuntura sociocultural de uma determinada época representariam, segundo Foucault, a elaboração ao longo dos séculos do saber da sexualidade. O dispositivo é fruto, portanto, da superprodução discursiva em torno do sexo. Todavia, o que Foucault está dizendo quando aborda a sexualidade em termos de dispositivo é ainda mais forte: ele não quer dizer apenas que foi através da ciência sexual que o sexo se tornou um saber, mas sinalizar a instrumentalização do sexo em todo o corpo social, seja por parte dos indivíduos, seja por parte das instituições.

Foucault evidencia a produção histórica da sexualidade por via de saberes resultantes duma série de estratégias e interesses promovidos pelos poderes que regulam uma dada sociedade. O sexo passa então a ser administrado por todo aparato social representado na figura do Estado. Desse modo, essa dimensão da sexualidade trazida por Foucault deve ser entendida em termos políticos, pois é justamente a sua função política que ele quer salientar apontando as técnicas de poder. O fator político vem da transformação do sexo em “negócio” de interesse público. Toda essa proliferação discursiva sobre a sexualidade tem em vista o controle das condutas sexuais de uma dada sociedade por via da produção de saberes.

O sexo torna-se objeto de disputa entre o Estado e os indivíduos, onde de um lado, o Estado regula e administra as práticas sexuais através dos discursos médico,

---

<sup>12</sup> REVEL, J.: *Michel Foucault: conceitos essenciais*, 2005.

jurídico e religioso, e por outro lado, o indivíduo procura a verdade sobre si em seu sexo, mas essa verdade está ancorada no discurso que o Estado autoriza e produz. Nesse sentido, os indivíduos se encontram diretamente atingidos pelos efeitos de poder que esses discursos exercem sobre seus desejos. Notemos o esquema que Foucault monta: a sexualidade como dispositivo, como um conjunto que dispõe de regras, compõe-se a partir do que absorve dos indivíduos confessos, em seguida, reverte em lei moral o que os próprios indivíduos enunciaram acerca de seus desejos com a estrita função de controle e vigilância sobre seus comportamentos.

Foucault aponta como exemplo dessa administração do sexo através de técnicas de poder, o fenômeno da população no século XVIII. A população enquanto fator político e econômico considera o corpo social como um todo e, enquanto tal, apresenta desdobramentos específicos: natalidade, fecundidade, formas de alimentação, habitat, etc. Essas especificidades da população, segundo Foucault<sup>13</sup>, perpassam pela problemática do sexo, quando se pensa nas questões relativas ao casamento, na frequência das relações sexuais, nas práticas contraceptivas e tantos outros elementos que se deparam todos aqueles que se encontram sob a égide da civilização.

O fenômeno da população garantiu ao Estado o controle sobre as condutas sexuais ao conhecer de perto o que se passa com o corpo e o sexo dos cidadãos, além de determinar quais práticas seriam corretas ou não, considerando que haja um padrão, ou uma verdade relativa à sexualidade. Os instrumentos que garantiram o domínio da sexualidade ao Estado, entendido como o conjunto das instituições que controlam e administram uma nação, são exatamente os saberes que o próprio modelo estatal legitima como conveniente, a saber, a medicina, a pedagogia, a geografia, o direito. Cada um desses saberes, que por vezes já foram elencados em nossa pesquisa, funcionou como instrumento para se apoderar do que seja a sexualidade.

Foucault<sup>14</sup> nos aponta quatro grandes conjuntos estratégicos que no interior do dispositivo estabeleceram eficácia quanto ao poder e produtividade quanto ao saber, legitimando a apropriação do sexo pelo *dispositivo de sexualidade*. *A histerização do corpo da mulher*: a mulher tomada como objeto de investigação, como ponto frágil e singular na família com seu papel de mãe no espaço doméstico e no espaço social como

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, M.: *A vontade de saber*, 1988, cap. II, p.28.

<sup>14</sup> FOUCAULT, M.: *op.cit*, cap. IV, p.99.



indispensável reprodutora. *A pedagogização do sexo da criança*: através da educação interditar a sexualidade na criança e os cuidados excessivos em torno dela e das suas respectivas práticas consideradas indecorosas, como a masturbação. *Socialização das condutas de procriação*: sobre as práticas de controle de nascimento e seus desdobramentos para a questão da espécie. E enfim, *A psiquiatrização do prazer perverso*: o estabelecimento dos limites entre normal e patológico nas condutas sexuais, e nos considerados desvios e anomalias.

Esses saberes estabeleceram segundo Foucault, papéis importantes na composição do *dispositivo de sexualidade*, pois a partir deles é que se viabilizou a própria produção da sexualidade. Nesse longo trajeto que vem desde o sacramento da confissão, promovido pela instituição religiosa, até o discurso científico, o sexo tornou-se sexualidade. É nesse contexto, que Foucault situa historicamente a psicanálise e atribui-lhe papel singular no interior do dispositivo. A história do dispositivo, segundo o autor, equivaleria à arqueologia da psicanálise<sup>15</sup>.

Para entendermos melhor essa proposição, precisamos de antemão ver em que consiste a arqueologia para Foucault. A arqueologia é um método pautado na investigação histórica. Visa-se a partir dela uma análise das regras de formação e produção dos discursos, que em última instância, afirmam e condicionam uma verdade através de enunciados, no caso, o enunciado da sexualidade. Com a arqueologia o que Foucault pretende é a exposição, senão a denúncia, de discursos que geram determinadas práticas e inversamente. Ao longo de sua análise arqueológica, Foucault percebe que a história tradicional investiga somente os fatos de determinada época como acontecimentos fechados e cíclicos, presos numa contínua e progressiva causalidade.

Na arqueologia não se busca o momento exato em que algo foi dito ou colocado em prática pela primeira vez, nem tampouco a gênese e a continuidade de determinada invenção. Esse tipo de investigação, segundo Foucault, cabe à historiografia tradicional e seus historiadores, que comumente concentram-se na interpretação determinista da sucessão dos fatos e da geração das coisas<sup>16</sup>. Parece que a história em seu viés

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, M.: op.cit, cap. IV, p.122.

<sup>16</sup> FOUCAULT, M.: *Microfísica do Poder*, 1979, cap. II, p.15.

tradicional está voltada, por exemplo, para o momento em que a não cientificidade passa à ciência, ou a não filosofia passa à filosofia, constituindo e pontuando assim a geração e a sucessão das coisas. Já a preocupação da arqueologia é a especificidade em que se dão as coisas, ou seja, o conjunto de elementos que concorrem para que determinado discurso germine.

O interesse do arqueólogo pintado por Foucault não é atingir o fundo último do saber, nem a constituição última do mundo, nem a certeza e a verdade do conhecimento, mas suas pretensões são as de investigar a regularidade dos enunciados, a descrição dos fatos e a multiplicidade dos eventos, tal qual se encontram em seus arquivos. A história que o arqueólogo quer traçar é de como as instituições, os processos econômicos e as relações sociais podem dar lugar a tipos definidos de discursos.

Ela não trata o discurso como *documento*, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alébrica”. (FOUCAULT, 1969, p.159).

Com isso, pode-se perceber que o método arqueológico, apesar de retroativo, não pretende exatamente nos remeter ao instante crucial em que algo foi estabelecido e fixado, mas, no entanto, quer nos descrever os discursos historicamente definidos e que de uma forma ou de outra estes discursos conduziram as condutas de uma época. A arqueologia, enfim, traduz os rastros de um investigador crítico frente a um filão histórico, sem pretensões de desmascarar ou desvelar o que subjaz os discursos emergentes. O objeto que o arqueólogo reescreve é o discurso, nem mais, nem menos.

Pois bem, feita essa breve definição da arqueologia, talvez possamos nos aproximar do que Foucault quis dizer quando identifica a história do dispositivo com a psicanálise. Ao defender essa tese parece-nos que Foucault está afirmando que para a psicanálise surgir, enquanto saber, todo um percurso a precedeu e a possibilitou. Essa trajetória se deu a partir da técnica confessional, presente desde a tradição cristã, até o projeto psicanalítico. De modo que a psicanálise seria herdeira desses moldes de proceder e de apreender as questões sexuais dos indivíduos.

Para Foucault a psicanálise, por conta de sua teoria sexual, ocuparia papéis simultâneos no dispositivo: ao mesmo tempo em que assume posição adversa à teoria da

degenerescência adotada pela medicina e psiquiatria, exige do indivíduo a confissão, tal qual a instituição religiosa. Ora, a teoria sexual se caracterizaria como dispositivo? Cabe a ela tal analogia? Essas e outras questões nos servirão de norte para o desenvolvimento do que se segue, onde procuraremos apresentar a teoria da sexualidade pensada por Freud, com vistas a compreender tal concepção, para mais adiante dispormos dos elementos que nos possibilite questionar a crítica foucaultiana.

## *Sobre a teoria freudiana da sexualidade*

### **Da importância concedida à vida sexual**

Embora seja nos *Três Ensaio de Teoria Sexual* que encontramos centralmente a apresentação e o desenvolvimento do que consiste a noção freudiana de sexualidade, a importância atribuída a essa temática não nasce somente com essa publicação. Em verdade, esses *Ensaio*s são antes o resultado de uma elaboração conceitual iniciada desde os primeiros manuscritos, do que uma teoria instantânea de como a psicanálise compreende a sexualidade. Ou seja, o que estamos em defesa, nesse primeiro momento, é de destacar o caráter processual com o qual Freud apropria-se do tema da sexualidade, levando em conta o período anterior à composição de sua própria teoria em 1905, justamente para percebermos por quais vias essa teorização se realiza e as quais necessidades vêm responder no interior do saber psicanalítico.

Assim, o que queremos ressaltar sobre o percurso de Freud em direção à sua teorização da sexualidade diz respeito ao momento crucial em que, na análise dos seus primeiros pacientes acometidos por neuroses, fatores sexuais se apresentam na base desses distúrbios psíquicos. Daí, as primeiras conjecturas sobre a hipótese da sexualidade como fator etiológico das neuroses, porque o que haveria na origem dessas disfunções são impulsos sexuais impedidos de satisfação. Contudo, vale o parêntese, de que a atenção em torno do binômio sexualidade-neurose, já circulava timidamente em meio à ciência médica da época, de modo que a hipótese da origem sexual atribuída à constituição das doenças nervosas circunscreveu o imaginário de afamados médicos<sup>17</sup> do século XIX que se dedicaram, especialmente, ao fenômeno da histeria<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Referimo-nos evidentemente aos trabalhos de Jean-Martin Charcot e Josef Breuer, os quais conquistaram grande notoriedade, ao voltarem-se de modo central à experiência da neurose histérica, influenciando diretamente o ingresso de Freud ao campo das psicopatologias.

<sup>18</sup> Por definição a histeria caracteriza-se por uma doença psíquica pertencente à classe das neuroses em oposição a uma afecção orgânica. Em geral, a histeria, segundo Freud, manifesta-se como um estado enigmático desde a antiguidade histórica, por apresentar um conjunto de graves perturbações, relacionadas ao encobrimento do traumatismo psíquico.

Com Freud não foi diferente, ele também se apropriou em suas investigações dessa neurose, herdando de seus mestres e contemporâneos, a suspeita de que seria a sexualidade a fonte do traumatismo psíquico que marcava o indivíduo histérico, com frequência especial, as mulheres. Mas não por isso, devemos negligenciar a originalidade freudiana, e nem os encargos que lhe custou, declarar factualmente a causalidade sexual na disposição neurótica. No entanto, um longo percurso se delineia entre a vaga desconfiança do aspecto sexual até o fato de assumi-lo conceitualmente em seus estudos como fator etiológico. As primeiras vezes em que Freud ouvira sobre a “coisa sexual”, ele ainda se encontrava sob as influência de Charcot e Breuer, além de Chrobak, um ginecologista de Viena. A esses três homens, comenta Trillat<sup>19</sup>, Freud deveria sua descoberta da origem sexual da histeria e das neuroses em geral.

Com Breuer lhe foi confidenciado, em francês, que na origem da histeria tratava-se de “segredos de alcova”. Já com Charcot, a história se deu quando este, numa conversa informal, sinalizou lhe que na maioria dos casos é a “coisa genital” que se apresenta. E por fim, com Chrobak, quando ele afirma, em latim, para Freud que o tratamento em alguns dos diagnósticos seria: “*Penis normalis dosim repetatur*” o que equivaleria a “pênis em dose normal deve ser repetido”. Diante a essas provocações Trillat comenta ainda o que essas histórias testemunhariam sobre a cena médica do século XIX:

Mas elas também testemunham o fato de que, mesmo no meio médico, a coisa sexual não pode ser evocada senão de maneira desviada, alusiva ou hermética. Só se pode falar dela sob o disfarce de uma língua estrangeira (Breuer), sob a condição de não ser escutada (Charcot) ou sob a condição de utilizar uma língua morta (Chrobak). É preciso lembrar que as passagens mais “escabrosas” da *Psychopathia sexualis* (1886) foram redigidas por Krafft-Ebing em latim? (TRILLAT, 1991, p.239).

Quer dizer, mesmo as questões sexuais estando em pauta nos círculos científicos, as suspeitas relativas à sexualidade ainda se apresentavam autocensuradas. Apesar de já atribuir-se, como foi dito, certa dose de importância por parte da ciência aos fatores sexuais relacionados à neurose. Significando que essa hipótese não é exatamente nova no sentido de que algumas áreas da medicina esboçaram acerca desse assunto anteriormente. Porém, mesmo sob essas condições os médicos hesitaram em falar

---

<sup>19</sup> TRILLAT, E.: *História da histeria*, 1991.

objetivamente sobre a fonte traumática da sexualidade, seja por falta de coragem, por desconhecimento ou talvez em nome dum dever ético, onde não caberia à medicina a averiguação da vida sexual dos seus pacientes, haja vista, a instituição de que o objeto desse saber não seria a atividade sexual humana, mas sim, limitar-se-ia ao conjunto das doenças. Ora, mas afinal, em que consistiria a contribuição trazida por Freud à medicina tradicional? E a partir de quais observações e elaborações teóricas ele pôde certificá-la?

A contribuição de Freud, num primeiro momento, reside em introduzir na perspectiva médica a regularidade dos componentes sexuais na formação dos sintomas neuróticos, através do reconhecimento de tais componentes como causa efetiva das neuroses. De modo que essa atitude desdobra-se em transformações para o âmbito da ciência médica, porque ao privilegiar os eventos sexuais, os trabalhos de Freud, acentuam a relação entre sexualidade e patologia, ou seja, de que a frequência de insatisfação sexual tem como efeito uma doença, no caso as afecções nervosas.

Outra contribuição que o pensamento freudiano traz à luz, e talvez seja essa a mais valiosa dentre as demais, é de que esses componentes sexuais que estão na base formativa tanto da vida psíquica chamada normal quanto das neuroses se resguardam no que Freud sistematizou como o inconsciente<sup>20</sup>. Aliás, contribuição essa que se estende do campo da medicina ao plano cultural, uma vez que ao definir o aparelho psíquico como cindido em consciente e inconsciente Freud acaba por promover uma reavaliação no que define o próprio ser humano. Com a noção freudiana de inconsciente a compreensão do que é o homem, antes identificada ao atributo de sua consciência, se amplia à dimensão psíquica inconsciente. Isto é, ser um homem não é mais apenas ser dotado de consciência e do direito de exercê-la, mas ser humano, a partir de então, consistiria em lidar com o que nele mesmo está inconsciente: com a origem e a natureza

---

<sup>20</sup> O inconsciente não é o objeto de nossas análises e por isso não trataremos dele com a profundidade devida, mas é um termo que se associa diretamente a concepção freudiana de sexualidade, e é considerando isto, que faremos menção a este conceito em alguns momentos deste trabalho. O termo inconsciente é proposto claramente por Freud já no *Projeto Para Uma Psicologia Científica*, de 1895. A singularidade da apropriação freudiana foi fazer do inconsciente inicialmente um sistema da psique humana e não apenas uma qualidade circunstancial, como fez a tradição médico-científica e a psicologia, ou seja, a inconsciência não é algo que acomete um indivíduo em certas condutas ou situações esporádicas como, por exemplo, um indivíduo que não poderia responder por suas “faltas”, justamente, porque lhe fugiu a consciência as rédeas de seu autocontrole. Mas, o inconsciente freudiano não é uma “falha” fortuita do comportamento dito normal, e sim, um sistema psíquico com regras de funcionamento próprias, que interfere nos desejos e ações. Na segunda tópica o inconsciente adquire o significado de qualidade de processos e representações das três instâncias psíquicas, ego, superego e id.

de seus desejos, com a vida pulsional que atravessa suas escolhas e ações, e também com suas memórias alhures esquecidas.

Mas retomemos o que dizíamos há pouco, que o Freud ao reavivar a presença da sexualidade em seus estudos percebe que as questões relativas a essa temática não encontram espaço, muito menos franqueza para refleti-las com o rigor e a seriedade necessários. Empenhado em modificar esses fatos e trazer respostas e coesão à sua própria teoria etiológica, a hipótese da sexualidade faz-se cada vez mais presente, como podemos acompanhar em uma de suas correspondências, ao amigo Fliess<sup>21</sup>. Aliás, desde o período embrionário de sua obra como, por exemplo, no *Manuscrito B* (1893), elaborado como um rascunho sobre a etiologia das neuroses, o autor já identifica o caráter patogênico do sexual pelo fato de irregularidades da vida erótica.

Nesse manuscrito, ainda restrito à ótica médica da profilaxia<sup>22</sup>, mas já indicando uma abordagem mais psicológica, Freud se refere basicamente às aproximações e diferenças entre a neurastenia e a neurose de angústia, associadas a uma vida sexual considerada anormal. Em geral, ambas as neuroses apresentam um enfraquecimento da força nervosa e empobrecimento da atividade sexual, no entanto, diferem entre si quanto à origem de seus sintomas: a neurastenia é um estado do sistema nervoso derivado dum grau de forte excitabilidade, descarregada geralmente de maneira excessiva na masturbação, e a neurose de angústia se configuraria exatamente em seu oposto, ou seja, as perturbações nervosas se devem ao fator da continência de excitação sexual associada à incapacidade psíquica para a satisfação completa.

Nota-se que nessas neuroses, depois chamadas de psiconeuroses atuais<sup>23</sup>, determina-se em todo caso uma etiologia sexual. Assim é que a partir da cuidadosa observação clínica<sup>24</sup>, e de questionar sob qual regime estão submetidas as influências

---

<sup>21</sup> Carta à Fliess datada em 11 de outubro de 1899.

<sup>22</sup> Isso revela nesse primeiro momento a expectativa de que com mudanças no comportamento de cada indivíduo e com reformas nos costumes da sociedade os distúrbios psíquicos ligados à sexualidade poderiam ser evitados. Posição que Freud defende inicialmente, mas que depois abandona.

<sup>23</sup> Categoria nomeada por Freud, cuja característica básica é a aquisição dessas afecções nervosas a partir da vivência traumática de uma situação atual, sem necessariamente ter laços diretos com primeiras impressões infantis, como acontece nas psiconeuroses de defesa.

<sup>24</sup> Interessante demarcarmos que foram as observações clínicas o que primeiramente levaram Freud à investigação geral do tema da sexualidade, quando na ocasião, debruçava-se sobre a análise dos casos de neurastenia e neurose de angústia.

determinantes que constituem a origem e o decurso das doenças nervosas, que Freud passa a empenhar-se na busca de uma solução e dum conjunto de precauções com vistas ao tratamento dos neuróticos, para isso começa então, o processo de inteirar-se da vida sexual daqueles que se submetem ao processo terapêutico, interrogando-os, reivindicando honestidade em seus depoimentos e, sobretudo, se dispondo a escutá-los.

Quem seguir minhas indicações de como elucidar a morfologia das neuroses e traduzi-la em termos etiológicos necessitará, além disso, de muito poucas revelações adicionais de seus pacientes; na própria descrição de seus sintomas, que todos estão prontos a fornecer, eles costumam apresentar ao médico, ao mesmo tempo, os fatores sexuais que estão ocultos. Seria muito vantajoso que as pessoas doentes tivessem maior conhecimento da segurança com que o médico está agora em condições de interpretar suas queixas neuróticas e de inferir delas a etiologia sexual atuante. (FREUD, 1898, vol. III, p.79).

A argumentação freudiana é de que ao tratar sobre a vida sexual dos pacientes não se encontram tantas barreiras como se supunham. Evidentemente, logo de saída, os pacientes se intimidariam em falar sobre seus segredos sexuais, mas, como o próprio Freud diz, essa timidez é logo superada e quando isso acontece os benefícios não se limitam às particularidades de cada paciente, mas expandem-se para toda a sociedade e suas respectivas regras morais ao desconstruir os silêncios em torno da sexualidade, contribuindo assim, para possíveis esclarecimentos acerca desse saber. Ainda no texto sobre *A sexualidade na etiologia das neuroses*, ele completa:

Além disso, é do interesse geral que se torne um dever, entre homens e mulheres, um grau mais alto de franqueza sobre as coisas sexuais do que se tem esperado deles até agora isso só pode constituir-se em benefício para a moral sexual. Em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência dessa franqueza geral, uma certa dose de tolerância quanto as questões sexuais. (FREUD, 1898, vol. III, p.199).

Percebe-se que a reivindicação de Freud a respeito da espontaneidade no trato com o que se diz sexual, não só implicaria em ganhos para sua teoria, como também desdobrar-se-ia em benefícios para o bem comum. De maneira que esclarecimentos na esfera da vida sexual tornariam os indivíduos menos neuróticos e a moral sexual menos restritiva. Daí a necessidade, por parte de Freud, de não apenas questionar os valores morais colocados ao sexo, por parte da ciência médica, como também os valores morais



convencionados numa dada sociedade, pois atribui a origem das neuroses a essa hipocrisia generalizada travestida na forma de moralismo.

Contudo, o que Freud faz ao dar relevância à vida sexual em termos médico-científicos é introduzi-la na prática médica através da teoria etiológica, evidenciando seu interesse para com a sexualidade por conta dos efeitos e consequências à vida psíquica. Dessa maneira, Freud pôde diagnosticar não apenas a relutância moral de seus colegas em aceitar a sexualidade como fonte de patologias, como também, a recusa e o desconhecimento da sociedade como um todo em relação às questões sexuais. A problemática reside então, no fato de que Freud, com o intuito de investigar os enigmas em torno desse assunto direcionando sua atenção às teorias sexuais vigentes, constata quão incongruentes são essas teorias enquanto fontes do saber sobre o sexual, ao pulverizarem enganos acerca dessa temática.

### **A questão da moral sexual**

A convicção de Freud quanto à incidência dos costumes sexuais sobre as perturbações psíquicas o leva ao estudo da *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, um artigo de 1908, posterior aos *Três ensaios*, em que se aborda a questão da ética sexual e sua relação etiológica com as neuroses. Nesse texto, Freud posiciona-se contrariamente aos seus contemporâneos, por não concordar que a causa da neurose seja apenas o modo de vida urbano e tipicamente moderno, mas sim, o fator preponderante na causação e na disseminação da doença nervosa, naquela época, proviria da insatisfação de impulsos sexuais que reprimidos, ou melhor, impedidos de realização desencadeariam a chamada neurose. A origem da doença nervosa estaria na repressão sexual que a moralidade civilizada impunha aos indivíduos.

Segundo Freud, existe uma espécie de antagonismo entre a constituição particular individual e as exigências da civilização. Mas o que significa afirmar isso? Significa que o modo particular de como se organiza interiormente um indivíduo, não corresponde necessariamente às normas morais cultivadas por uma dada sociedade, resultando dessa maneira, nos sacrifícios psíquicos que acaba por consumir este mesmo indivíduo. Uma vez que a neurose é um estado do psiquismo, fruto da insatisfação de necessidades sexuais inibidas em sua meta pelo desmedido cerceamento da conduta sexual.

O que a teoria freudiana diz é que as exigências morais em torno da sexualidade como, por exemplo, a legitimação da prática sexual somente com fins reprodutivos, não condiz com o que cada indivíduo deseja para si. O conflito psíquico que desencadeia o estado de neurose deveria sua origem a essa incompatibilidade entre a exigência dum padrão comportamental e o que cada pessoa particularmente aspira ou pode ser. Segundo Freud, as regras morais sexuais não contemplam a variabilidade pulsional da qual cada um é dotado. Ao afirmar isso, o autor está vinculando a alta incidência de doença nervosa à hipótese da repressão moral pela qual passa o indivíduo e sua sexualidade.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão das pulsões. Cada indivíduo renuncia a uma parte de seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. (FREUD, 1908, vol. IX, p.173).

Freud entende nesse momento de sua teoria que o fato da repressão moral, expressa na tentativa de supressão das pulsões, existe porque inevitavelmente o sujeito que se encontra inserido no seio de uma civilização, sofrerá uma espécie de sanção no caso de não dominar seus impulsos. O cidadão civilizado é aquele que renunciou a algo que lhe é próprio ou que lhe pertence em nome do bem comum. E Freud é ainda mais incisivo, ao afirmar que a condição de possibilidade da civilização ancora-se na inibição pulsional, uma vez que é da própria pulsão a quantidade de energia deslocada para a atividade cultural. Sobre esse deslocamento da energia pulsional para fins civilizacionais, seguindo especialmente o modelo da pulsão sexual, Freud o descreveu como sublimação, um dentre os destinos<sup>25</sup> pulsionais em que as pulsões sexuais se dirigem a uma finalidade diferente da meta sexual. Nessa medida, as pulsões sexuais são defletidas para o desenvolvimento da cultura e a energia sexual é transformada e absorvida em bens culturais.

O destino de sublimação da pulsão sexual é especialmente destacado no pensamento freudiano, porque possibilita a construção da cultura humana. No entanto, o

---

<sup>25</sup> Em Freud as pulsões direcionam-se a vicissitudes específicas como “a reversão no contrário”, “o voltar-se contra a própria pessoa” – noções que podemos encontrar em *Pulsões e destino de pulsão* (1915) uma exposição mais detalhada –, o “recalque” – que mereceu um artigo específico também no ano de 1915 – e a “sublimação” que os textos documentais foram perdidos e o que temos acesso está discretamente dissipado ao longo de alguns textos, como *Introdução ao narcisismo* (1914), *O mal-estar na civilização* (1930), etc.

processo de sublimação não é um efeito da pressão externa exercida pela civilização é antes, um atributo da pulsão que é capaz de transformar-se frente ao impedimento de satisfação direta. De modo que uma fração da pulsão sexual é transformada em acervo artístico, intelectual. A questão se torna complexa, porque nem todos os indivíduos têm aptidão para negar a satisfação sexual que as exigências do desenvolvimento cultural imprimem-lhes, e na tentativa de atender a esses requisitos estabelecidos como padrões, acaba-se por sucumbir à doença nervosa, uma vez que não se considera os limites que adornam sua própria constituição psíquica.

Para Freud, grandes são as dificuldades que tais indivíduos passam por terem de diluir, digamos assim, as exigências que a cultura à qual pertencem os destina e ao mesmo tempo, alienar-se de sua energia em vista dessa cultura, criando-se condições favoráveis para que se instaure ou se desenvolva nesses indivíduos o estado neurótico. De fato ficando à custa do aparelho psíquico resolver essa equação entre sujeito e cultura, na qual o resultado é a neurose, ou seja, a renúncia da satisfação pulsional, tem por consequências a evolução da civilização e o estabelecimento da doença nervosa. Ainda nessa direção acrescenta C. Millot:

Se a internalização das interdições morais pelas quais a sociedade assegura a repressão da sexualidade se efetua por intermédio da educação, esta demonstra ser a responsável direta pelas neuroses. É por meio da educação – e do anátema que ela impõe à sexualidade – que a família se assegura segundo as exigências da sociedade burguesa, da castidade dos adolescentes, com o risco de neuroses e as consequências sobre a vida sexual posterior que isto implica. Seria sobretudo a educação o desejável de transformar. (MILLOT, 1987, p.38).

Nessa perspectiva, Millot complementa a tese freudiana da supressão das pulsões oriunda das exigências morais, acentuando as contribuições da educação e seu papel como fator etiológico. O ato de educar fixaria os valores vigentes, centralizados na repressão sexual, colaborando para o quadro crescente de distúrbios neuróticos. Notemos com isso, que Millot está retratando o momento da teoria freudiana em que as argumentações direcionam-se a favor duma reforma dos costumes e, sobretudo, dos modelos de educação, pois Freud acreditava que a chave para dissolução do fenômeno da neurose estaria na mudança de comportamentos e das práticas ditas regulares.

Nesse período Freud parece conceber o problema como uma oposição entre impulsos no indivíduo e as exigências culturais, posição que irá mudar posteriormente, ao afirmar os fatores internos em que o conflito se estabelece. Não devemos

negligenciar o fato de que as investigações de Freud não se voltam somente em direção à civilização e aos seus reclames que agem como repressores das pulsões sexuais, mas suas hipóteses passaram a considerar, principalmente, como fatores determinantes os de natureza interna.

Há ocasiões em que acreditamos perceber não somente a pressão da cultura, mas também algo da essência da própria função nos recusa a plena satisfação e nos impele por outros caminhos. Pode ser um equívoco, é difícil decidir. (FREUD, 1930, vol. XXI, p.42).

Diante dessa consideração nota-se quão entremeadas estão as influências e as matrizes de uma afecção nervosa. Num primeiro período de seu pensamento Freud vincula os fatores externos, sociais e culturais contra uma satisfação mais plena da sexualidade, mas posteriormente, desenvolve a hipótese de que são os fatores de ordem interna que impedem a satisfação pulsional direta e completa, atribuindo estar na própria pulsão a vocação da humanidade para a neurose.

### **O conceito de pulsão nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***

O que Freud se propõe, portanto, é a elaboração duma teoria que se aproxime mais do que realmente seja o retrato da vida sexual humana como um todo, contemplando não apenas as manifestações e comportamentos físicos, mas, sobretudo os fenômenos psíquicos envolvidos. Em especial, que reflita a variabilidade que lhe é própria e que os discursos correntes parecem não assumir. E para isso, define uma noção de sexualidade orientada pela pulsão, em particular, pela pulsão sexual. De raiz germânica o termo *Trieb*<sup>26</sup>, aproxima-se na língua portuguesa da palavra pulsão, expressa a acepção de impulso ou força contínua. Passando a ser utilizada publicamente por Freud a partir de 1905, justamente nos *Três ensaios*, porém já se fazia timidamente presente em trabalhos anteriores, como reconhece Garcia-Roza:

---

<sup>26</sup> *Trieb* é o termo utilizado em psicanálise para referir-se a pulsão ou instinto. Existe dentre os estudiosos da obra de Freud uma dificuldade quanto a melhor concepção para traduzir esta palavra, haja vista, a típica polissemia do vocabulário alemão. Neste trabalho optamos pela tradução de pulsão, apoiados em autores como Laplanche e Potalis, por exemplo, porque entendemos que essa terminologia se aproxima mais da concepção freudiana de *Trieb*, uma vez que instinto faz referência aos comportamentos fixos e pré-determinados.

O termo *Trieb* (pulsão) é corrente na língua alemã, e faz seu aparecimento nos textos freudianos nos anos 1890. Já em 1889 ele é utilizado numa resenha feita por Freud de um livro de Forel, reaparecendo na correspondência com Fliess, no *Projeto* de 1895 e nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), sendo que nesse último é empregado tanto por Freud quanto por Breuer. Em 1898 é utilizado num surpreendente artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses* e mais uma vez no capítulo 6 de *A interpretação dos sonhos*. No entanto, são empregos tímidos, nos quais a noção aparece com contornos mal definidos e com extensão pouco clara. Estamos ainda num nível puramente terminológico e não conceitual. (GARCIA-ROZA, 1995, p.79).

O apanhado feito por Garcia-Roza exemplifica a presença do termo *Trieb* desde muito cedo na obra de Freud, mas com a ressalva do seu estatuto ainda terminológico, quer dizer, de seu uso como simples nomenclatura e de frágil delimitação teórica, mas já referida como essa espécie de noção energética. Ao passo que sua elaboração conceitual viria se estabelecer nos *Três ensaios*, onde Freud apresenta, pela primeira vez, a origem e a natureza da sua concepção de pulsão no marco da teoria da sexualidade. Mas antes de empreender sua tese, abre seus ensaios expondo o que tradicionalmente tem-se definido por pulsão sexual:

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. (FREUD, 1905, vol. VII, p.128).

É a partir desse relato, que Freud encontra a oportunidade de se posicionar teoricamente em desacordo com a concepção corrente de pulsão sexual baseada, sobretudo, nos tratados de sexologia da época em que a sexualidade, em verdade, figurar-se-ia como instinto, isto é, como algo pré-formado. Mas se por um lado, o discurso freudiano desqualifica as conclusões da chamada ciência sexual, refutando a concepção comum de sexualidade, por outro, se serve de parte da terminologia encontrada nas obras de seus contemporâneos, a exemplo da “perversão” e das “aberrações”, ao apropriar-se desses termos como ponto de partida para suas análises.

No entanto as coisas parecem mais claras, quando a teoria freudiana ao se apropriar desses termos usuais, acaba por atribuir-lhes um novo significado. Ou seja, diante dos mesmos fatos ou comportamentos com os quais se confrontavam seus colegas médicos, a particularidade da observação clínica e da fundamentação teórica por

parte de Freud, lhe possibilitou uma compreensão diferenciada desses mesmos fenômenos apresentados nos tratados sexuais. Pois então, para validar seus argumentos em defesa de que os estudos sobre a conduta sexual dos indivíduos estavam marcados por equívocos, Freud, antes de tudo, lançou mão de duas categorias que servirão como condição de possibilidade para a teorização da sexualidade enquanto pulsão:

Introduzamos aqui dois termos: chamemos de *objeto sexual* a pessoa de quem provém a atração sexual, e de *alvo sexual* a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa. (FREUD, 1905, vol. VII, p.128).

A importância em determinar essas categorias de antemão, reside estrategicamente em dois aspectos: o primeiro deles no que se refere ao comportamental, isto é, ao estabelecer o *objeto* e o *alvo* como categorias básicas para descrever a pulsão sexual, parece que o que Freud tem em vista é questionar um padrão sexual único ao relativizar o que se entende tradicionalmente por “aberração” e “perversão” nas condutas sexuais, desenvolvendo ao longo dos *Ensaio*s que tanto o *objeto* quanto o *alvo* são, de modo geral, variáveis quando se observa a vida psicosexual dos indivíduos.

Já o segundo aspecto, diz respeito à dimensão teórica, porque o *objeto* sexual e o *alvo* sexual são termos relacionais da pulsão, ou melhor, tanto um quanto o outro, a constituem conceitualmente. Mas o que isso quer dizer? Que o *objeto* sendo aquele que exerce a atração sexual e o *alvo* como um conjunto de atos que leva a satisfação com esse objeto, são elementos que estruturam a pulsão sexual. É possível localizar essa exposição de maneira mais sistemática no texto *Pulsões e destinos de pulsão*<sup>27</sup>. Nesse artigo, Freud defende a noção de pulsão semelhantemente à dos *Três ensaios*, mas agora a partir das distinções entre os estímulos endógenos e exógenos, identificando a pulsão

---

<sup>27</sup> Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915) Freud ao sistematizar a sua teoria das pulsões estabelece seus termos relacionais: *impulso* (elemento motor da pulsão), *alvo* (ato para o qual impele a pulsão), *objeto* (a pessoa que exerce atração sexual) e *fonte* (um processo somático cuja tradução psíquica é exatamente a pulsão). No primeiro dos *Três ensaios*, Freud já define esses termos na tentativa de dimensionar a pulsão sexual, mas não os articula ainda especificamente, nem lhes fornece tanto fundamento teórico como no artigo de 1915.

como uma espécie de estímulo interno, diferenciando-a das incitações vindas de fora do corpo. Nessa direção, escreve Caropreso:

O estímulo pulsional é concebido como um estímulo proveniente do interior do corpo que atua continuamente sobre o aparelho psíquico: ao contrário dos estímulos exógenos, os estímulos pulsionais não atuam como uma força de choque momentânea, nem poderiam ser totalmente eliminados mediante ações reflexas de fuga; eles atuariam como uma força constante, e sua eliminação exigiria a execução de uma “ação específica” sobre o mundo. Toda complexidade da atividade psíquica decorreria, assim, da necessidade de satisfazer as necessidades pulsionais. (CAROPRESO, 2010, p.151).

A autora salienta a diferença entre pulsão e estímulo externo. A pulsão é definida como estímulo endógeno dotado de força contínua do qual nem o corpo nem o aparelho psíquico podem escapar. Nesse sentido, Caropreso acentua que a complexidade da atividade psíquica, segundo pensou Freud, consistira exatamente na satisfação desses estímulos pulsionais, ou seja, as excitações que desencadeiam as pulsões interpelariam o psiquismo reivindicando sua descarga na forma de satisfação. O que levou Freud a conceber o modo de operação do aparelho psíquico segundo a manutenção em níveis mais baixos da energia interna do organismo por via da satisfação de necessidades pulsionais.

Todavia, quando Freud assinala a pulsão como independente duma estimulação vinda de fora, não significa que lhe atribua identidade com os estímulos de natureza somática, mas sim, que o somático é fonte da pulsão porque é do corpo que partem as excitações pulsionais, mas a própria pulsão, nesse momento da teoria, caracterizar-se-ia como “representante psíquico” dessas excitações, e não como as próprias excitações:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui constantemente, para diferenciá-la de um “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida psíquica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (FREUD, 1905, vol. VII, p.159).

Por definição o conceito de pulsão nos *Três ensaios*, tem como fonte um órgão específico do corpo humano, e desse órgão de função erógena ou prazerosa partem estímulos cujo mecanismo de excitação traduzem-se em expressão psíquica. O que possibilita essa interação ininterrupta entre o somático e o anímico é o atributo de força próprio da pulsão. A partir dessa ação motora é que os impulsos sexuais se dão a nível representacional no psiquismo caracterizando a pulsão como uma noção fronteira porque estabelece as combinações do corpo com a alma.

Assim, a pulsão seria definida como manifestação no psiquismo do conjunto de excitações que se dá organicamente. Ainda segundo Freud, a pulsão, em si mesma, não possuiria qualidade alguma é justamente a zona erógena e a ação específica em busca da satisfação que lhes dão atributos. A questão é que tanto as fontes de excitação quanto as formas de eliminação dos estímulos não seguem um tipo de modelo. Indicando que a pulsão sexual, por exemplo, não se satisfaz numa única forma. Apontando-nos outra propriedade da pulsão que é sua variabilidade. Daí a inserção de Freud no estudo das “perversões” porque é na expressão do caráter e comportamento ditos perversos, que ele legitimará a noção de sexualidade como algo variável, e por isso, orientado pela pulsão sexual, e não como algo fixo como o instinto.

### **As perversões sexuais: dos limites entre o normal e o patológico**

É através da evidência dos inúmeros desvios sexuais que Freud irá contrapor-se à opinião corrente de que existe uma via uniforme, fixa e pré-determinada para a expressão da sexualidade tal qual a concepção clássica de instinto. É nessa direção que ele ocupa-se da psicopatologia das perversões, ao fazer uma espécie de descrição, ou o que se costuma chamar de nosografia, das consideradas perversões que seriam causa de diversos distúrbios, analisando as possíveis relações entre estas: a perversão e os limites entre doença e normalidade. Para tanto, Freud utiliza-se das categorias já mencionadas, *objeto* e *alvo*, ao explicar a diversidade clínica em questão. Consideremos, portanto, uma breve exposição das condutas tidas como desviantes da norma sexual, então estabelecida.

Os desvios reportados por Freud na sua teoria sexual, no que diz respeito ao *objeto* são dois: a inversão ou homossexualidade, e a preferência por animais e pessoas sexualmente imaturas, mais conhecidas por nós, respectivamente, como zoofilia e



pedofilia. Essas escolhas objetais são tradicionalmente classificadas como perversas, justamente porque não cumprem com a escolha do objeto sexual estabelecida como normal ou correta, a saber, a relação entre um homem e uma mulher adultos.

Dentre esses desvios quanto ao *objeto*, direcionamos nossa pesquisa para a descrição da inversão, considerando que Freud debruçou-se com alguma dedicação sobre o caso dos chamados invertidos reavaliando a questão da homossexualidade como um tipo de aberração sexual. Enfatizar o tema da inversão significa que se entende que para Freud a pedofilia e a zoofilia são de fato aberrações sexuais e, mais do que isso, denunciam o grau de variabilidade e rebaixamento que a pulsão sexual é capaz de alcançar na realização de satisfação, até mesmo, romper com a barreira da espécie. Quer dizer, o questionamento proposto por Freud sobre o que é determinado como aberração, no quesito escolha objetal, incide sobre a relação entre doença nervosa e inversão.

Pois então, segundo ele, o fato de um indivíduo escolher um outro do mesmo sexo como objeto do seu desejo, não implica necessariamente que este indivíduo esteja doente ou sofra de alguma aberração sexual, nem tampouco que a inversão seja uma qualidade específica da classe dos neuróticos, mas ao contrário, a inversão não se identificaria à aberração ou a uma doença de tipo degenerativa, mas a um modo de expressão da pulsão sexual.

O estudo da inversão também colocou uma questão insolúvel para Freud: a inversão é inata ou adquirida? É algo que o indivíduo traz consigo ou são as múltiplas influências acidentais que determinam sua conduta? Apesar das dificuldades acrescentadas a essas questões, Freud não descarta que haja algum componente no próprio indivíduo que colabore com sua conduta invertida, mas o que para ele está em jogo de forma central são as vicissitudes pelas quais, o indivíduo em questão passa no curso da sua própria história e dos registros dessa história em seu psiquismo.

E na busca por esclarecer as possibilidades da inversão, o autor conclui, a partir de suas observações clínicas, que há uma predisposição bissexual implicada nos casos de inversão. E mais do que isso, que essa predisposição bissexual está originalmente em todos os indivíduos, mas que se transforma em monossexual, devido às inúmeras influências culturais que ao longo do processo de desenvolvimento cada um se encontra submetido<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> FREUD, S.: *Três ensaios de teoria sexual*, 1996, p.130.

No que diz respeito à inversão, Freud conclui que não há uma característica que seja universal, tanto no que tange ao *objeto*, que apesar de ser do mesmo sexo, em cada relação amorosa se reivindica por atributos psíquicos variados, ora masculinos como a virilidade, ora femininos, como o recato, quanto no que tange ao *alvo*, já que não existe uma prática específica que marque substancialmente as relações sexuais entre os invertidos.

Enfim, as pesquisas sobre a inversão conduziram Freud a afirmar que a pulsão sexual nas suas relações com o *objeto* e com o *alvo* não está determinada, como supõe a normatividade, em que o desejo se expressaria somente na atração entre o par de opostos: homem-mulher e na união genital entre estes com fins reprodutivos. As conclusões a que chega Freud destoam da concepção naturalista da sexualidade como instinto, como algo previamente estabelecido. Assim, a pulsão sexual independe de um objeto e de um alvo específicos, sendo o mais próprio à definição da pulsão sexual a capacidade de transmutar-se.

Ora, apresentadas as condutas chamadas “aberrações sexuais” quanto ao *objeto*, especialmente a inversão, vamos à exposição dos desvios que se referem ao *alvo* sexual, ou seja, às condutas que fogem à união genital, considerada como *alvo* sexual normal. Tidas como perversões, as práticas que não se restringem ao coito são enumeradas por Freud, para que de saída já percebamos que existem fatores que ligam as perversões à vida sexual normal.

Vamos a elas, primeiramente as chamadas *transgressões anatômicas* que são: a) supervalorização do objeto sexual, b) o uso sexual da boca e do orifício anal, c) a significação de outras partes do corpo e d) substituição impropria do objeto sexual – fetichismo. Sumariamente, no que diz respeito a essas condutas consideradas como desvios quanto ao alvo, a teoria freudiana defende que o fato de considerarem-nas como perversões, está associado a fatores puramente convencionais no estabelecimento do asco como valor. Para ele, essas condutas se aproximariam do grau patológico, quando praticadas em vias exclusivas.

Seguramente, um outro fator que aproxima a conduta sexual normal da perversão, a partir ainda do desvio ao alvo, é a *fixação em alvos sexuais provisórios* como: a) o toque e o olhar, representados respectivamente, no tato e no prazer de ver, que ironicamente, se apresentam como indispensáveis para atingir o alvo sexual normal. Além dessas fixações, tem-se: b) o sadismo e o masoquismo que conseqüentemente são

as formas ativa e passiva do prazer na dor, ou melhor, o sádico sente prazer na sujeição do outro e o masoquista em ser sujeitado.

As descrições dessas condutas levam Freud a perceber que existem mais semelhanças entre as ditas práticas perversas e a normalidade, do que se possa imaginar. Freud entendeu que muito do que se julgava perverso, degenerado ou mesmo depravado no âmbito da sexualidade, em verdade está disseminado como prática corriqueira entre os indivíduos de modo geral. Porém, este autor, nos alerta em suas considerações sobre as perversões, que nas primeiras averiguações sobre o tema fosse natural que os médicos traduzissem esses comportamentos como anormais, devido ao desconhecimento generalizado causado pela falta de familiaridade com que os assuntos de ordem sexual são tratados.

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização da palavra perversão. (FREUD, 1905, vol. VII, p.152).

Essa passagem ilustra bem a conclusão dada pelo discurso freudiano sobre os limites frágeis que há entre o comportamento normal e o dito patológico. Ao remodelar a perversão à categoria de variação, defendendo que em relação à sexualidade o que existe não é um quadro genérico de patologias, mas trata-se de mera variedade em relação à norma, Freud nos previne que palavras como *degeneração* ou *perversão*, são termos que devem ser utilizados com algum cuidado, quando referidos às condutas sexuais<sup>29</sup>. Ficando claro que a concepção de perversão assumida pela psicanálise considera a sexualidade como intrinsecamente perversa, porque a realização da pulsão sexual foge das prescrições quanto ao *alvo* e ao *objeto* considerados normais, e se caracteriza por uma variabilidade imensurável.

E como fica a questão das perversões em relação à esfera psíquica, haja vista que o conjunto de aberrações citadas vincula-se mais à expressão comportamental? Ora, a participação dos processos psíquicos é inseparável da ordem das condutas no que tange

---

<sup>29</sup> FREUD, S.: op.cit, p.131.

ao desenvolvimento da pulsão sexual. Apesar do enfoque no modo de proceder das práticas sexuais perversas, Freud volta-se para o anímico concluindo que sua participação se dá quando no desenvolver pulsional forças psíquicas, como a vergonha e o asco, cerceiam as pulsões sexuais enquadrando-as nas regras destinadas à vida sexual normal.

Feitas todas essas considerações sobre as perversões como caminhos irregulares da pulsão sexual, Freud reserva enfim suas observações à pulsão sexual específica nos neuróticos, segundo frutos da investigação psicanalítica. O processo analítico levou Freud a asseverar que a única fonte energética dos que sofrem de psicose neuroses do tipo histeria, neurose obsessiva são forças pulsionais de cunho sexual.

Apesar de o autor estar inclinado a demonstrar as semelhanças entre a pulsão sexual normal e a dos neuróticos existe o fato inegável da particular diferença entre essas. É que nos neuróticos o conflito entre a pulsão sexual e as exigências que o indivíduo faz a si mesmo tem como saída o sintoma, pela sua incapacidade de satisfazer-se sexualmente em vias diretas, associada a preceitos morais inseridos a partir de sua educação. Parece-nos que a distância que há entre o indivíduo neurótico e o normal reside no conflito acarretado pelas experiências ou expectativas do prazer<sup>30</sup>.

Em última instância a razão para Freud definir a sexualidade como perversa fundamenta-se na sua hipótese de uma sexualidade infantil como chave interpretativa desse fenômeno. De modo que ao evidenciar o quanto as moções perversas são formadoras de sintomas nas psicose neuroses, possibilitou-lhe evidenciar indicações do infantilismo na sexualidade dos neuróticos, e formular que esses indivíduos mantêm o estado infantil de sua sexualidade. Levando Freud a associar o estado anímico dos neuróticos ao da infância, e afirmar que a sexualidade está presente desde o início da vida.

### **A hipótese da sexualidade infantil**

Freud direciona-se então, a esmiuçar o que na infância se apresentariam como condutas de tipo sexual e o que as definiriam como tal. Quando a criança experimenta a

---

<sup>30</sup> FREUD, S.: op.cit, p.159.

sensação de prazer pela primeira vez, esta sensação deve sua origem à necessidade vital de alimentar-se. A pequena criança incapaz de prover seu próprio alimento depende por isso de um cuidador, em geral, a mãe. Ao alimentar a criança, a progenitora também está despertando nesse filho as primeiras experiências de prazer que se podem fazer notar.

A partir disso, Freud demarca o primeiro estágio pelo qual passa a pulsão sexual ao longo do processo de desenvolvimento libidinal, caracterizado pela oralidade. Segundo ele, a experiência do prazer deve sua origem à alimentação obtida do seio materno, pois ao mamar o bebê simultaneamente alimentar-se-ia e experimentaria a sensação de prazer, através do efeito de satisfação provocado pela erogeneidade da mucosa bucal. Daí a proposição freudiana de que a pulsão sexual surge, por apoio, na pulsão de nutrição, mas desvia-se da função de nutrir-se para a função autônoma de produzir prazer, representada segundo Freud, pela pulsão sexual.

As primeiras manifestações da pulsão sexual na infância se dão aos moldes do auto-erotismo. Como bem diz o termo, a pulsão sexual se satisfaz com o próprio corpo, ou seja, a partir dele e com ele, independentemente dum objeto externo. Em verdade o que caracteriza o alvo da pulsão sexual na infância é o auto-erotismo seja na mucosa labial ou posteriormente nas manifestações masturbatórias da zona anal e genital. A significação erógena dessas partes do corpo demonstra quão dispersa é a pulsão sexual no período infantil devido à multiplicidade de zonas erógenas. Por esse fato Freud identifica as primeiras expressões da pulsão sexual nas pulsões parciais. O que significa que a pulsão sexual ainda não se encontra subordinada à primazia das zonas propriamente genitais e se encontram independentes umas das outras quanto ao prazer.

Sendo irregulares as manifestações da pulsão quanto as suas fontes e alvos a infância caracteriza-se, segundo Freud, pela disposição perversa polimorfa. Essa disposição refere-se à insubordinação da pulsão sexual a apenas um lugar do corpo, implicando que suas excitações transitam por todo território corporal:

Essa mesma disposição polimorfa, e portanto infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão, e no imenso número de mulheres prostituídas ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário. (FREUD, 1905, vol. VII, p.180).

A especificidade desse texto e, diga-se de passagem, sua ousadia, mostra quão anárquica são as pulsões na infância ao não se orientarem apenas a partir dum órgão ou região corporal determinada. Mas, transitam entre as significações erógenas da boca, do ânus e da genitália, numa sincronicidade difícil de demarcar. De modo, que a produção e obtenção de prazer oriunda dessas zonas devem suas origens a estimulações variadas. Ao postular o caráter universal da perversão polimorfa e compará-la à prática da prostituição, Freud está a reivindicar que essa disposição apesar de modelar a sexualidade infantil, pode se manter posteriormente na vida adulta e isso é observável na função de pré-prazer que as zonas erógenas cumprem no ato sexual.

Apesar dessa multiplicidade que caracteriza as primeiras moções sexuais, Freud não lhes atribui uma aleatoriedade qualquer. Pelo menos, a partir do ano de 1915, quando a noção de desenvolvimento da organização sexual passou a compor a teoria da sexualidade infantil. Com a introdução dessa noção, Freud pôde especificar as fases ou períodos pelos quais passam a pulsão sexual na vida de cada indivíduo, enfatizando que por mais que sejam estádios pelos quais passa toda criança, cada uma passa a sua maneira, de acordo com suas particularidades constitucionais e em relação ao contexto externo que se encontram inseridas. Dessa interação onde o que está em jogo é a dimensão constitucional e as influências acidentais, o que se obtém por resultado são os contornos definitivos da pulsão sexual.

Interessante notar que dentre as fases de desenvolvimento existe um período cujo papel é importantíssimo: o período de latência, onde a pulsão sexual sofre uma interdição, especialmente da cultura, através da educação, em que a pulsão cuja finalidade é sexual desvincula-se dessa finalidade original e assume outras funções como as intelectuais, ou a pulsão de saber, expressa nas primeiras investigações infantis sobre o próprio corpo, sobre o ato sexual, ou ainda sobre o mundo. Nessa perspectiva escreve Freud:

Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito haver com isso. Na realidade, porém, esse condicionamento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. Esta fica inteiramente dentro do âmbito que lhe compete ao limitar-se a seguir

o que foi organicamente prefixado e imprimi-lo de maneira um pouco mais polida e profunda. (FREUD, 1905, vol. VII, p.167).

Notemos a importância do período de latência no curso do desenvolvimento da pulsão sexual devido aos processos psíquicos nele envolvidos, quando Freud situa o surgimento de obstáculos ou critérios de natureza psíquica que irão impor-se à expressão, digamos assim, mais espontânea da pulsão sexual, como a aversão e o acanhamento, que se caracterizam como atributos psicológicos apreendidos ainda na infância e que devem sua origem aos valores morais e estéticos que uma dada sociedade cultua.

Feita essa breve introdução sobre as primeiras manifestações da pulsão sexual na infância, possibilitando com que Freud formulasse a concepção da sexualidade infantil, busquemos então, evidenciar as especificidades e a que necessidades conceituais essa temática vem contribuir ao discurso freudiano. Segundo o próprio autor, esses estudos poderiam oferecer-lhe algumas contribuições valiosas para a compreensão de características essenciais da pulsão sexual, ao encontrar na infância a possibilidade de acompanhar as origens e o rumo do desenvolvimento dessa pulsão. Para tanto, Freud enfatiza:

É certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbações e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas apenas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância, e, nos escritos já inúmeros sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre “o Desenvolvimento Sexual” costuma ser omitido. (FREUD, 1905, vol. VII, p. 163).

Desse texto, podemos constatar ao menos duas posições assumidas por Freud: a primeira se refere à regularidade duma sexualidade infantil, e a segunda, à noção de desenvolvimento pulsional, como já mencionamos, expressa desde manifestações presentes na infância. Com essas hipóteses a concepção psicanalítica de sexualidade acaba por ampliar a noção tradicional especialmente por estender a existência de moções sexuais ao período infantil. Algo de fato inovador por romper com a típica ingenuidade atribuída ao universo da criança, além de identificar nelas o período pré-

histórico do desenvolvimento sexual, ao postular os fenômenos corporais e anímicos da sexualidade desde os primeiros anos da infância.

Mas como Freud chega à formulação da sexualidade infantil? Que papel ela vem cumprir nessa trama discursiva que é a psicanálise? Então, a hipótese da sexualidade infantil emerge nas investigações psicanalíticas quando das adaptações<sup>31</sup>, entre as teorias da sedução e da fantasia. Teorias estas que estruturam o saber psicanalítico quanto às pesquisas entorno do fator etiológico das neuroses e as razões do trauma psíquico.

De maneira muito sucinta, podemos dizer que a teoria da sedução sustentou durante um longo período a teoria etiológica psicanalítica. Quando afirmava a especificidade traumática oriunda dum cena de sedução que envolvia um indivíduo adulto e o indivíduo neurótico em questão, quando este ainda era uma criança. Segundo essa teoria, a origem da neurose se deve a fatores associados a uma experiência de sedução vivida, e às impressões que tal experiência deixou na lembrança. A questão é que tanto a sedução quanto as resultantes impressões infantis se encontram encobertas pelo fenômeno psíquico da amnésia<sup>32</sup>, causado não apenas por conta de um esquecimento fortuito devido à evidente distância entre a infância e a vida adulta, mas sim, causado pelo processo singular de recalçamento<sup>33</sup>.

A teoria etiológica das neuroses sustentaria, portanto, que na origem e formação da doença nervosa o que a define é a ação sexual externa por parte de um adulto, que deliberadamente investiria sobre o corpo precoce da criança atitudes e gestos de sedução. No entanto, essa teoria cai por terra, ou melhor, é deslocada a segundo plano devido a evidências obtidas pela experiência psicanalítica ao demonstrar quão frágil é a realidade dessa sedução. Pelo menos em sua realização factual, empírica. Na medida em que para que a sedução ocorresse e assim validasse a teoria traumática, ter-se-ia de supor em todos os casos o ato de seduzir, de modo que a maioria, senão, todos os pais

---

<sup>31</sup> MONZANI, L.R.: *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989.

<sup>32</sup> A amnésia infantil é o fenômeno psíquico cuja característica é o esquecimento das primeiras impressões vividas na infância. Freud compara a amnésia infantil à amnésia histérica associando que o processo do recalque presente na histeria é o mesmo que estrutura o esquecimento da primeira infância.

<sup>33</sup> O recalque se constitui como um mecanismo de defesa do psiquismo frente às representações e pulsões inconciliáveis, mantendo-os na dimensão inconsciente do aparelho mental. Assim, o recalçamento caracteriza-se pelo processo de retenção e não pela eliminação de desejos.



ou cuidadores das crianças que viriam a desenvolver a disposição neurótica, teriam de ser adultos sedutores ou degenerados em sua universalidade.

Pareceu a Freud que a realidade não se daria a essa maneira, e junto ao fato de nem todos os pais serem sedutores, coadunam-se outras razões teóricas que o levaram ao chamado “abandono” da teoria da sedução: como as vivências infantis não seriam acessíveis à consciência devido ao processo de recalçamento, e por extensão, de no inconsciente não diferenciar-se realidade da fantasia, por conta da lógica própria dessa atividade anímica que torna seu conteúdo diretamente incognoscível. Com isso a urgência em reaver os pilares de sua teorização se fez cada vez mais latente, ao ponto de confessar numa correspondência à Fliess<sup>34</sup> a perpetuada frase: “não acredito mais na minha neurótica”. Justificando assim seu desapontamento na lida com a teoria da sedução. No entanto, apesar do fato dessa teoria não se aplicar às investigações causais da neurose, Freud pôde obter alguns ganhos conceituais frente a essa perda estrutural, como observa Monzani:

Se de um lado Freud abandona a teoria da sedução, logo depois adquire três conceitos-chaves que vão, segundo alguns, constituir o eixo e o centro da psicanálise como tal. Esses três conceitos são: 1) a sexualidade infantil 2) Édipo; 3) o papel preponderante, de agora em diante, da *fantasia*, já que a sedução como cena realmente ocorrida aparentemente jamais pode ser constatada. Para os historiadores oficiais da Psicanálise, esse é o momento privilegiado onde, abandonando a teoria da sedução, Freud se vê de posse dessas três noções-chaves através das quais a teoria psicanalítica teria se estruturado definitivamente como disciplina autônoma com objeto próprio. (MONZANI, 1989, p.41).

Apesar desses ganhos evidentes para o campo teórico da psicanálise, Monzani segue na direção de que esses mesmos ganhos não implicam necessariamente num abandono literal da teoria da sedução. Mas, segundo ele, o que Freud faz é antes, redefinir essa teoria do que eliminá-la como fator de formação do trauma neurótico, ao constatar que a experiência de ser seduzido tratava-se efetivamente duma fantasia. Daí a matriz e a possibilidade de uma reviravolta conceitual, que na perspectiva de Monzani, não se restringe a uma mudança de justificativa teórica ao fazer valer a fantasia frente à sedução, mas, sobretudo, à volta aos pressupostos organicistas cuja orientação são os fatores de ordem interna.

---

<sup>34</sup> Carta à Fliess datada em 21 de setembro de 1897.

Segundo Monzani, se Freud não se servisse mais de sua teoria da sedução, cairia no clássico determinismo orgânico em que os princípios assumidos orientam-se pela formação patológica a partir apenas de processos internos como, por exemplo, a fantasia. Aí é que entra o Édipo<sup>35</sup>, pois num período em que os alicerces da teoria da sexualidade psicanalítica baseavam-se no princípio endógeno, o complexo de Édipo justificado pela esquema da sedução, como fator de origem externa, perderia o peso e a centralidade que tradicionalmente ocupam no saber psicanalítico. Por isso mesmo, Monzani defende a hipótese de uma comunhão entre as teorias da sedução e fantasia, e o reconhecimento de que ambas contribuem para o objetivo terapêutico da psicanálise e também para solucionar os enlaces teóricos dessa prática:

Monolitismo ou ruptura? Sedução ou fantasia? Nem uma coisa nem outra. O que assistimos foi a um movimento complexo onde, a bem dizer, nada foi abandonado, mas sim redefinido, repensado, retificado. Podemos praticamente tomar como ponto de partida qualquer uma das noções que estivemos discutindo e veremos que ela está intimamente ligada a esse movimento. Para dar estatuto teórico à noção de complexo de Édipo, por exemplo, Freud retoma a ideia de sedução. Só que esta, por sua vez, é redefinida tendo em vista a realidade da sexualidade infantil, a qual agora, não pode mais pura e simplesmente ser pensada como o resultado de um rígido determinismo. E assim por diante. (MONZANI, 1989, p.53/54).

Nessa passagem fica claro o posicionamento do autor quanto às transições entre as teorias freudianas. Monzani defende a ideia de movimento presente no pensamento de Freud. Movimento este que não renuncia seus acúmulos conceituais anteriores, mas os agrega e os amplia na edificação da psicanálise. Frente a isso, o fato que nos interessa é que nas adaptações entre as teorias da sedução e da fantasia, os conceitos de sexualidade infantil e complexo de Édipo foram possibilitados ao saber psicanalítico como desdobramentos dessa adaptação teórica. Assim, no que diz respeito à hipótese da sexualidade infantil ela emerge a partir do momento em que o esquema da sedução é posto de lado, exatamente porque nessa teoria, Freud ainda não considerava as bases da sexualidade nos anos da infância. Reavaliando seu posicionamento, Freud volta-se ao período infantil, pois nota que traços dessa época mantêm-se ainda centralmente nos

---

<sup>35</sup> O termo Complexo de Édipo criado por Freud é inspirado na tragédia grega *Édipo Rei* de Sófocles. Designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta em relação a sua mãe. Faremos algumas menções a esse termo, por conta de sua centralidade para a teoria psicanalítica do aparelho psíquico e da relação com a pulsão sexual.

desejos e nas condutas sexuais dos neuróticos, indicando assim uma espécie de infantilismo característico dessa afecção.

No que tange ao complexo de Édipo como complexo nuclear das neuroses, curiosamente observa-se que não é um termo destrinchado nos *Três ensaios*, e isso se deve a falta de estruturação desse conceito, por parte de Freud, que na versão original de 1905 estava por empreender essa noção extremamente importante, quando se trata do modo como a psicanálise situa as bases para o desenvolvimento do psiquismo e da pulsão sexual. Para Freud o drama edipiano caracteriza-se como um evento universal pelo qual passa toda criança no desenvolvimento de sua pulsão sexual. É na relação triangular com os seus pais que o pequeno infante nutria suas primeiras moções de amor-erótico em direção à mãe, e as de ira pelo pai devido à sua presença entendida como ameaçadora.

Com isso, se voltarmos ao contexto das psicopatologias na psicanálise, temos que o desejo de ser seduzido dos doentes nervosos, e que forma a base de seus conflitos atuais, remete invariavelmente a fantasia edipiana, onde as primeiras emoções são experimentadas com peculiar intensidade. Levando Freud a associar o estado anímico dos neuróticos ao da infância, e afirmar que a sexualidade está presente desde os primeiros anos da vida.

Assim sendo, é considerando o que foi desenvolvido até aqui que direcionamos nossas argumentações para a problemática sugerida por nós: caberia à psicanálise e sua teoria sexual a equiparação ao dispositivo de sexualidade foucaultiano? Ou ao contrário, a leitura de Foucault estaria sujeita a equívocos e a teoria freudiana não se restringiria a essa categoria? É o que passaremos a abordar no derradeiro capítulo.

### *O discurso freudiano da sexualidade: um dispositivo?*

#### **Entre a hipótese repressiva e o recalque**

Como foi dito no primeiro capítulo, Foucault, em suas considerações acerca da história da sexualidade, destaca ter havido no conjunto das teorias sexuais elaboradas no final do século XIX, a afirmação de uma censura generalizada ao sexo, ou o que ele chamou de *hipótese repressiva*: a hipótese em que se declara a repressão tanto às práticas sexuais quanto às suas respectivas formulações teóricas. Muito embora, já saibamos que a concepção de repressão que é objeto direto da crítica de Foucault é a relativa aos discursos e a argumentação presente nestes de haver uma excessiva repressão social ao que diz respeito ao tema do sexo. Mostramos o quanto essa questão da repressão estaria presente no discurso das teorias sexuais, e que este fato evidenciaria a centralidade e a importância da *hipótese repressiva* dentre elas.

O discurso da repressão seria, assim, permanentemente reiterado pelas teorias sexuais na medida em que elencariam entre suas formulações a relação proibitiva que a cultura exerce sobre a vida sexual dos indivíduos e os efeitos danosos dessa relação. A razão para que essas teorias sexuais dessem relevo às proibições entre cultura e sexualidade, de acordo com Foucault, se deveria basicamente a dois motivos que já nos referimos aqui: primeiro, a incompatibilidade entre o sexo e a época da crescente exploração da força de trabalho, ou seja, o valor exclusivo à atividade produtiva não daria lugar para se pensar nas questões relativas à vida sexual. E segundo motivo, o posicionamento estratégico que ocuparia certas teorias sexuais por assumirem um discurso crítico-transgressor ao atribuir à repressão sexual a causa pelos prejuízos psicofísicos dos indivíduos, ao passo que encontraríamos nessas teorias a saída para superação desses males.

Procuramos evidenciar no início desta pesquisa que a crítica de Foucault pesaria exatamente sobre esse último motivo, onde o que está em jogo é a argumentação adotada pelas sexologias acerca da excessiva censura moral à sexualidade e junto a isso a suposta função liberadora que as próprias teorias cumpririam ao questionarem a censura e seus possíveis efeitos sobre o corpo social. A repressão ao sexo seria, nesse

sentido, o registro fundamental em que a teorização da sexualidade se elaboraria nas sociedades ocidentais. No entanto, a análise de Foucault que expusemos mostrou que ao contrário da censura, quando se pensa na especificidade dos discursos, o que se observa é a sua multiplicação e não seu impedimento, como se supunha tradicionalmente. A tese foucaultiana refere-se, portanto, a superprodução de saber sociocultural em torno da sexualidade, em detrimento de pensá-la sob o prisma da repressão. E mais, refere-se também, e isso particularmente nos interessa, ao questionamento do lugar que ocupa o saber psicanalítico no interior dessa superprodução por conta de suas contribuições teóricas acerca do tema da sexualidade.

É preciso tentar estudar, em si mesma, em suas origens e formas próprias, essa superprodução de saber sociocultural sobre a sexualidade e, por outro, tentar verificar em que medida a própria psicanálise, que se apresenta justamente como fundamento racional de um saber sobre o desejo, como a própria psicanálise faz parte, sem dúvida, dessa grande economia da superprodução do saber crítico a respeito da sexualidade. (FOUCAULT, 2004, vol. V, p.59).

Foucault insere a psicanálise nessa economia produtora de discursos sexuais e entende que sua forma de participação na superprodução sociocultural da sexualidade é através da teoria do desejo. Para Foucault, a psicanálise aborda o tema do desejo a partir do desconhecimento que o sujeito tem daquilo que deseja, que em geral é desconhecimento de um desejo sexual.<sup>36</sup> Ou seja, Foucault considera que esse impedimento que há entre o sujeito e o acesso ao seu próprio desejo é a fórmula como o saber psicanalítico problematizaria a questão da interdição ao sexual: a impossibilidade de tornar certos desejos sexuais conscientes, devido à lei de barragem do recalque, faz do indivíduo um desconhecedor dos seus desejos, e isso lhe traria debilidades de natureza psicofísica como, por exemplo, a doença nervosa. Nesse sentido, a hipótese etiológica da doença nervosa centrada no desejo sexual recalçado, pensada por Freud, contribuiria, segundo Foucault, para o tal fenômeno de multiplicação de teorias sobre a sexualidade, e particularmente, teorias que tratam da sexualidade como reprimida.

Pois bem, partindo da perspectiva foucaultiana que repudia a *hipótese repressiva* dos discursos sexuais e que defende, ao invés disso, a sua proliferação é que buscamos entender o destaque dado ao discurso psicanalítico em meio às análises de Foucault

---

<sup>36</sup> Foucault, M.: *Ditos e escritos V*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.57.

sobre a história da sexualidade, quando ele interpreta a teoria sexual freudiana como discurso que relaciona censura e sexualidade e como pertencente ao esquema de produção social do saber acerca da sexualidade humana. Baseados nisso é que propomos os seguintes questionamentos: o discurso sexual freudiano compartilharia da ideia de existência duma repressão sexual e da crítica a essa repressão? Como Freud pensou a questão da repressão sexual no interior de sua teoria? Esse discurso estaria de fato na mesma lógica da produção social da sexualidade por se pronunciar acerca do tema da interdição ao desejo sexual? E, em última instância, se a leitura apontada por Foucault do que ele entende ser a noção de sexualidade em psicanálise e de suas relações com a censura correspondem ao que Freud desenvolveu em seus estudos.

Com essas perguntas nossa intenção é de nos aproximarmos da problemática central deste capítulo que é a possível caracterização do discurso freudiano como um dispositivo por conta de sua teoria sexual. Para tanto, nos ocuparemos de início com a questão da repressão sexual. Se retomarmos parte do que foi dito no nosso segundo capítulo, onde o que se examina é a construção da teoria da sexualidade no pensamento do Freud, podemos evidenciar claramente a presença do tema da repressão sexual no seu discurso. Procuramos mostrar como a censura em torno da vida erótica teve um papel preponderante desde suas primeiras investigações sobre a etiologia das neuroses, e de como as exigências da moral sexual civilizada afetaria em graus variados a disposição psicofísica de certa classe de indivíduos, devido aos efeitos patologizantes provenientes da repressão ao sexual.

Questões como essas levaram Freud a estudar profundamente as problemáticas entre cultura e sexualidade, e a tecer inúmeras críticas à moral sexual civilizada e aos padrões comportamentais de sua época. E como vimos, Freud não só criticou esses padrões, mas, além disso, chegou a propor reformas radicais acerca dos costumes estabelecidos, e especialmente, sobre as bases conservadoras em que repousa a educação. Ora, até aqui, estaríamos autorizados a afirmar que a *hipótese repressiva*, como denominou Foucault, também foi um posicionamento teórico tomado por Freud. Entendendo essa hipótese como uma ação negativa por parte da ética sexual que atuaria externamente sobre os indivíduos, ao mesmo tempo em que representaria o posicionamento crítico a essa repressão sexual.

No entanto, Freud não se deteve apenas ao rigor dos elementos externos ou socioculturais como fatores causais da repressão sexual e consecutivamente das

psicopatologias. Mas considerou, especialmente, o modo como se combinam os fatores de natureza interna para justificar os conflitos psicosexuais. É interessante observarmos que Foucault reconhece a especificidade do discurso psicanalítico ao falar do que tradicionalmente é concebido por repressão. E mais, Foucault não só reconhece como também afirma que a psicanálise já o antecipara, de alguma forma, no que diz respeito à insuficiência do termo repressão ao falar de interdição à sexualidade, especialmente, quando a teoria psicanalítica assume outra concepção para tratar das questões relativas à interdição do desejo sexual e dos conflitos oriundos dessa interdição.

Que o sexo não seja “reprimido”, não é de fato uma asserção muito nova. Há muito tempo já foi dito por psicanalistas. Eles recusaram a maquinaria simples que facilmente se imagina ao falar em repressão; a ideia de uma energia rebelde a subjugar pareceu-lhe inadequada para decifrar a maneira como poder e desejo se articulam; eles os supõem ligados de modo mais complexo e mais original do que esse jogo entre uma energia selvagem, natural e viva provinda de baixo, que aumenta sem cessar, e uma ordem que tenta lhe opor obstáculo de cima; não se trata de imaginar que o desejo é reprimido, pela boa razão de que é a lei que é constitutiva do desejo e da falha que o instaura. (FOUCAULT, 1988, p.79).

Vejamos, Foucault atribui à psicanálise já trazer em seu discurso a recusa da noção de repressão, apenas como ordem externa que incidiria reprimindo o sexo como algo sobre o qual se deve adquirir certo domínio. Segundo Foucault, os psicanalistas ao negarem esse modelo de análise se valeriam de outros meios para abordar a questão da repressão sexual, a saber, articulando a lei e o desejo<sup>37</sup>. Ou seja, a psicanálise por não tratar a questão da sexualidade exclusivamente como reprimida, no sentido da exclusão e da proibição vinda estritamente de fora, entende que as interdições no âmbito da sexualidade estariam, sobretudo, vinculadas à dinâmica do desejo. Nesse sentido, Foucault se refere à psicanálise e à sua maneira de examinar o desejo sexual não como interdito, mas que na própria articulação do desejo se encontraria uma forma particular e intrínseca de impedimento.

---

<sup>37</sup> A interpretação da psicanálise enquanto teoria que concebe a lei como constitutiva do desejo, em geral, é associada à teoria psicanalítica pensada por Jacques Lacan. Reconhecemos essa interpretação, mas nossa pesquisa se restringe às especificidades da teoria freudiana e à possibilidade de pensar, a partir dela, as relações entre lei e desejo.

Quando Foucault fala que a lei é constitutiva do desejo para se referir ao modo da psicanálise pensar a sexualidade, significa dizer que o poder de interditar, representado na forma da lei, estaria inerente às articulações que envolvem a moção psíquica do desejo. Essa caracterização feita por Foucault da teoria psicanalítica, como teoria que pensou a lei enquanto correlacionada ao desejo nos leva a compreender que, se por um lado, o discurso freudiano compartilharia da afirmação da *hipótese repressiva* ao reconhecer, como já dissemos, os efeitos das exigências morais à vida psicosssexual dos indivíduos, por outro, entendeu que não se trataria somente de repressão social, meramente externa, quando se pensa nos dilemas em torno da vida erótica, mesmo que, por vezes, tenha insistido em afirmar o fator etiológico da repressão moral sobre os comportamentos.

A particularidade do discurso freudiano é encontrar no que denominou como recalque<sup>38</sup>, o suporte para explicar os conflitos oriundos do psiquismo. Mas em que consistiria a teoria do recalque? Qual sua diferença da simples repressão? O recalque em psicanálise corresponde a um processo psíquico cuja finalidade é rejeitar e manter afastada da consciência representações que lhe seriam altamente desagradáveis. Essas representações, ou melhor, esses representantes psíquicos se encontrariam, portanto, impedidos de manifestação consciente por serem inconciliáveis com certas exigências da própria consciência.

Vale repetir que por mais que o recalque seja, como já disse Freud<sup>39</sup>, um dos destinos da pulsão não é sobre ela que este processo incide diretamente, mas sim, sobre um de seus representantes psíquicos. Não é a pulsão que é o objeto do recalque, mas seu representante. Como já dissemos, de acordo com a teoria freudiana a pulsão se expressa segundo a combinação entre dois representantes: o representante ideativo e o afeto. É

---

<sup>38</sup> Assim como existem diferenças em torno da tradução de *Trieb* por instinto ou pulsão, há também com relação à palavra alemã *Verdrängung* para se referir à repressão ou ao recalque. Dentre as traduções que estudamos encontramos ambos os termos para designar o processo de barragem de determinados conteúdos psíquicos à consciência. Nesse sentido, optamos pelo termo recalque, apoiados em comentadores como Laplace, Pontalis, e Luiz Alberto Hanns, porque entendemos junto a esses autores que na teoria freudiana essa noção traduziria melhor a especificidade da ação de censura enquanto oriunda de um processo do psiquismo. Já a repressão se referiria, genericamente, a dois aspectos: tanto a interdição em sua forma externa provinda das regras morais à vida erótica, como já expomos neste trabalho, quanto à inibição de um afeto, como logo poderemos acompanhar.

<sup>39</sup> Freud, S.: “Pulsões e destinos da pulsão” (1915) in: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, Luiz Alberto Hanns, Rio de Janeiro, Imago, p.152.



sobre o representante ideativo, tais como as ideias e os desejos, que age o recalçamento. Já o afeto que reveste cada ideia, cada desejo, não pode ser recalçado. Em verdade, são determinados pensamentos que passam pelo crivo do recalque, e não a quota de afeto que lhes envolve.

Portanto, quando Freud fala em recalçamento da pulsão, devemos ter sempre em mente que ele está se referindo ao representante ideativo da pulsão, esta sim, capaz de provocar desprazer ao ser confrontada com o sistema Prec./Consc. O outro representante psíquico da pulsão – o afeto –, apesar de sofrer vicissitudes diversas em decorrência do recalçamento, não pode, ele mesmo, ser recalçado. A razão disso é que não se pode falar em “afeto inconsciente”; o que pode ser tornado inconsciente é a ideia à qual o afeto estava ligado, podendo este último ser deslocado para outra ideia. O que o recalçamento produz é uma ruptura entre o afeto e a ideia à qual ele pertence, mas não uma transformação do afeto em afeto inconsciente. (...) Um afeto pode ser suprimido, isto é, inibido ou eliminado, mas não pode ser recalçado. (GARCIA-ROZA, 2005, p.154).

Como acentua Garcia-Roza, não é a pulsão o alvo do recalque, tampouco, o afeto que lhe acompanha. Mas é sobre a ideia, sobre o desejo, que o recalque exerce sua ação de impedimento não permitindo que certos conteúdos venham à tona na consciência. O que incide sobre o afeto é outro processo: a repressão. Notemos que a ação do recalque incide exatamente sobre a manutenção do represamento de desejos desprazerosos à consciência. A questão é que para Freud o recalçamento desses desejos não os exclui necessariamente do psiquismo, mas só os exclui da parte que concerne ao consciente. E por isso mesmo, que este autor, ao elaborar a teoria do recalque implica a cisão do aparelho psíquico em sistemas inconsciente e pré-consciente, porque o representante uma vez que foi impedido de expressão na consciência, conseqüentemente, é remanejado ao sistema inconsciente de modo a justificar a ação de censura atribuída ao recalque, isto é, a condição para que seja possível o recalçamento é a existência do inconsciente como o lugar que abriga o material recalçado.

Dessa forma, quando se diz que desejos inconciliáveis com as exigências da consciência são recalçados, não significa dizer que foram subtraídos ou extinguidos, como seria com o afeto, mas que apesar de refreados em sua meta, ainda se manteriam na vida psíquica. Além disso, esses desejos recalçados não só se manteriam no

inconsciente como imprimiriam constantemente sua força em direção à consciência, ou seja, o desejo cujo conteúdo foi recalçado, ao mesmo tempo em que está impedido, luta por satisfazer-se e irromper com a lei que o interdita. Assim, o recalque pode ser pensado como uma espécie de barragem seletiva que autoriza e desautoriza uma representação de tornar-se consciente.

Não se deve imaginar o processo de recalque como um evento único de efeito duradouro, por exemplo, como se algo que estava vivo tivesse sido abatido e daí em diante permanecesse morto; pelo contrário, o recalque necessita de um empenho contínuo de força, cuja cessação colocaria em risco seu sucesso e tornaria necessário uma nova ação de recalque. Devemos imaginar que o recalçado exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, a qual precisa ser equilibrada por meio de uma contrapressão incessante. (FREUD, 2004, vol. 1, p.181).

Segundo Freud, o recalque é um processo de natureza ininterrupta. Seja por parte da sua lei de interdição a certos desejos, como por parte dos próprios desejos que insistem em sobrevir essa lei. O que caracteriza ambas as partes é a pressão que uma exerce sobre a outra e o dinamismo fruto dessa pressão. O recalque é assim um mecanismo vivo que se atualiza no aparelho psíquico através da constância de seu movimento de resistência, movimento esse, que também é autônomo e categórico em sua lei de barragem aplicada a determinados pensamentos refutados da esfera da consciência.

Nessa direção que podemos pensar o recalque como uma espécie de lei, de regra que se impõe à revelia. Em última instância o recalque é concebido por Freud como um mecanismo defensivo da psique contra o desprazer produzido por representações, ou ideias e desejos incompatíveis com valores conscientes. De acordo com isso, o conflito se dá entre sistemas ou instâncias intrapsíquicas: consciente e inconsciente, na primeira tópica; ego, id e superego, na segunda tópica.

Contudo, mesmo a psicanálise explicando que a lei que interdita o desejo sexual está no interior do próprio desejo, ou seja, no interior de cada indivíduo, Freud não deixaria de pensar a sexualidade, como diz Foucault, submetida a uma ação de natureza negativa. Para Foucault, o saber psicanalítico ainda que não se direcione apenas à repressão social da vida erótica, acaba somente por deslocar a *hipótese repressiva* duma ordem externa vinculando-a a uma ordem interna. Agora não seria mais a moral sexual

que com seu poder repressor faria exigências à conduta dos indivíduos, mas a fonte dessas exigências estaria no interior de cada indivíduo e na capacidade que lhe é própria de interditar-se.

Foucault argumenta que a teoria sexual freudiana continuaria a contribuir com a perspectiva repressiva da relação entre poder e sexo ao combiná-los negativamente na dinâmica do desejo, quando essa teoria afirma que sobre o desejo sexual existe uma ordem interna, uma lei, representada na ação do recalque, que com o seu poder o impediria de realização. O poder repressor estaria, portanto, internalizado no psiquismo junto à formação e o registro dos desejos sexuais individuais. Essa internalização de um poder que reprime é tanto uma questão de introjetar certas ideias e práticas repressoras estabelecidas pelos padrões sociais, quanto um mecanismo do próprio aparelho psíquico chamado recalque, que dotado de poder de interdição barra certos desejos sexuais de se tornarem conscientes. Quer dizer, de uma forma ou de outra o registro de interdição seria mantido, seja provindo de fora – do social – ou de dentro – do psiquismo – ambas representariam a concepção jurídica do poder, como a pensou Foucault.

Para Foucault, tanto a concepção de um poder que reprime o sexo quanto aquela que insere a lei como constitutiva do desejo fundam-se em um modelo jurídico pouco criativo, que coloca limites, enuncia a lei e exige a obediência. Com isso, ele está dizendo que, apesar de os psicanalistas não fundarem seu conceito de repressão como proibição, mas sim articularem desejo e poder, colocando a lei como constituinte do desejo, esse conceito continua a funcionar através de um modelo jurídico de poder. (TESHAINER, 2006, p.74/75).

Importante reafirmarmos com essa passagem do Teshainer, que Foucault equipara a concepção de poder que reprime à lei como constitutiva do desejo, porque ambas as concepções compartilhariam de uma definição de poder pensando-o apenas em seu caráter restritivo. A noção de um poder repressor, em geral associado às sexologias, representaria uma ação de natureza externa do poder sobre a vida sexual dos indivíduos, e a noção da lei como constitutiva do desejo, se referindo à teoria sexual freudiana, representaria uma ação de origem interna do poder, também repressor, mas que habita no próprio indivíduo. Para Foucault, tanto as tradicionais sexologias como a teoria sexual freudiana participam dessa concepção jurídica que entende o poder como algo somente que barra, que nega, que restringe, tal qual uma lei.

Podemos então retomar uma das questões sugerida por nós, anteriormente, colocada a partir da crítica de Foucault: o discurso freudiano estaria na lógica de produção social da sexualidade por vincular as noções de desejo sexual e de recalque, ou seja, de conceber a lei como constitutiva do desejo? Ora, analisemos: como vimos podemos pensar a lei intrínseca ao desejo sexual no interior do saber psicanalítico através da noção de recalque como uma forma de lei que regula os desejos de se tornarem conscientes. Sabe-se que o recalque tem por função não extinguir, mas sim, manter afastado da consciência certos pensamentos. Caberia, portanto, ao mecanismo do recalque a manutenção dos desejos no inconsciente, conservando-os, e não, os eliminado do psiquismo.

De fato, se retomarmos o texto psicanalítico, mesmo não tratando a questão da sexualidade somente por via da repressão social, a formulação da teoria do recalque e seu funcionamento ao modo de uma ordem categórica, caracterizaria ainda assim a psicanálise como um saber vinculado ao tema da interdição, uma vez que encontramos na definição de recalque a ação de barragem e o poder de controle. Ainda nessa direção, se observamos melhor essa questão da lei como constitutiva do desejo associada por Foucault à teoria freudiana, podemos pensar tanto o mecanismo de recalque como essa lei que interdita, mas se pensarmos bem podemos relacioná-la da mesma forma ao complexo de Édipo.

Em *Tótem e tabu*, Freud alerta sobre a íntima relação entre proibição e desejos em geral, e em particular do incesto: a uma proibição tão estendida e rigorosa corresponde um desejo proporcionalmente contrário. O complexo de Édipo reflete tal relação no âmbito psíquico marcado pela ambivalência em torno das figuras materna e paterna que determina um desejo constituído ao mesmo tempo de impulso desiderativo e interdição. Podemos visualizar no drama edipiano a lei que interdita o desejo incestuoso e como consequência psíquica a introjeção da proibição constituindo a instância superegógica, responsável na segunda teoria freudiana do aparelho psíquico pelo conjunto das forças morais inibidoras. Nesse sentido, o poder com o qual a lei introjetada exerce sua proibição sobre o desejo, pode ser pensado como um poder que tem por função a censura, o impedimento.

A conclusão que tiramos disso é que em parte se compreende a tese de que em Freud haveria características da concepção jurídica do poder, se considerarmos a questão do recalque e também o complexo edipiano. No entanto, precisamos esclarecer

que Foucault e Freud partem de perspectivas fundamentalmente diferentes. Quando Foucault analisa o discurso da sexualidade ele tem em vista as relações entre saber e poder implícitas à formação sociocultural dos discursos, ao passo que Freud estuda a noção de sexualidade enquanto pulsão e considerando-a em relação ao funcionamento do psiquismo humano. Nossa pesquisa evidencia isso e compreende os limites da proposta colocada por nós de analisar a teoria sexual freudiana como um dispositivo, haja vista as diferenças estruturais que há entre esses saberes. Se quisermos vincular o pensamento de Foucault ao de Freud temos, de antemão, de entender seus distintos objetos de estudo para sermos razoáveis em nossa tarefa.

Foucault lê o saber psicanalítico e suas teorias do recalque e do sexual, além do complexo de Édipo sob a ótica do poder. Enxerga nesse conjunto teórico como as investigações entre poder e sexo permanecem associadas à concepção jurídica em que o poder interdita a sexualidade. Por não concordar com a exclusividade da *hipótese repressiva* entre o poder e o sexo é que Foucault encaminha suas análises para a desqualificação da *hipótese repressiva* e em defesa do caráter produtivo do poder. E insere a teoria sexual freudiana na produção social da sexualidade por conta de sua filiação às relações negativas entre poder e sexo, seja na repressão oriunda do social e da respectiva crítica e essa repressão, quanto no funcionamento do mecanismo do recalque ou na trama edipiana e suas consequências.

O que podemos dizer até aqui é que se por um lado o saber psicanalítico, para Foucault, participaria da multiplicação discursiva sobre o sexo por fazer a crítica da repressão e por associar-se à concepção jurídica do poder, ele não participaria de qualquer maneira. O que queremos dizer com isso é que se a teoria sexual freudiana aproxima a psicanálise da concepção de dispositivo pelas razões citadas acima, acreditamos que ela não se resume a essa caracterização feita por Foucault. Com seus conceitos e teorias Freud nos legou alguns questionamentos e contribuições valiosos. Com seus estudos voltados para o campo da psicologia e das psiconeuroses, ele mostrou não só a existência da repressão social à vida erótica e os danos psicofísicos causados aos indivíduos de baixa resistência à repressão moral, mas demonstrou também como essa repressão generalizada à sexualidade é uma exigência que acomete a todas as pessoas de uma sociedade para a constituição da própria cultura.

Os acúmulos intelectuais e culturais da comunidade humana, segundo Freud, se fazem à custa das pulsões sexuais. A chamada sublimação, como já mencionamos, é um

dos destinos por que passa a pulsão sexual no processo educativo e civilizatório que cada um é submetido, de modo que a energia pulsional sexual é direcionada para outros fins que não os sexuais como o trabalho e o estudo, por exemplo. Ser um ser social implicaria em sacrifícios à pulsão sexual e nem todos, talvez a maioria, estariam capacitados a cumprir bem isso. A questão é que existem graus de quanto se suporta tais sacrifícios e os mais frágeis sucumbem nessa tarefa desenvolvendo a doença nervosa. Como vimos, a etiologia das psiconeuroses encontra-se na congruência das altas cargas de exigência moral feita aos indivíduos e a inabilidade psíquica de assimilar essas exigências provenientes da moral, e especialmente, da moral sexual civilizada, uma vez que o conteúdo de grande parte do material recalcado é de natureza sexual.

O discurso freudiano da sexualidade ao mesmo tempo em que compartilha de termos e premissas das teorias tradicionais, provoca importantes reavaliações conceituais na ciência e na cultura de seu tempo. A crítica que faz Freud à excessiva repressão sexual presente na era vitoriana, e por isso mesmo aproximando-o da concepção jurídica do poder, não nos parece fazer de seu discurso mais um enunciado crítico dentre outros. Reconhecemos isso e procuramos evidenciar em nosso segundo capítulo como o posicionamento teórico de Freud está na contramão das teorias que lhe antecederam e também das que lhe são contemporâneas. Nesta seção em que estamos tratando do tipo de relação que a teoria sexual freudiana, representada basicamente nos *Três ensaios...*, estabelece com a ideia de *hipótese repressiva* apresentada por Foucault, queremos salientar o forte impacto do discurso freudiano na cultura e, de modo especial, assinalar que muitas mudanças nos comportamentos em torno de como viver a sexualidade parecem dever-se a sua influência.

Freud ao mostrar o quanto a vida erótica como um todo é alvo de constantes retaliações ao longo do desenvolvimento psicofísico, e o quanto de conteúdo sexual é recalcado no inconsciente, procurou em seus estudos demonstrar a complexidade existente na forma como o ser humano se relaciona com o prazer. No entanto, nos resta analisar se, a partir da sua teorização da sexualidade e da crítica que faz ao modo repressivo que a sociedade e cada um lidam com a dimensão psicosssexual, Freud acabou por produzir, como sugere Foucault, um discurso supostamente verdadeiro sobre a sexualidade quando coloca em cheque a censura sexual.

Mas, o que a concepção jurídica do poder mostra de mais interessante é que a repressão impede a verdade, dificultando a constituição de saberes verdadeiros.

Dessa maneira, fazer a crítica da repressão, fazer a sexualidade falar, é tentar construir um discurso que enuncie a verdade do sexo. [...] Se a hipótese repressiva precisa ser denunciada e criticada, o mesmo deve ser dito de todo discurso que se pretende como crítica da repressão. A crítica da repressão não é, portanto, exterior ao que ela critica, mas está enraizada nesta concepção “jurídica” do poder vigente nas sociedades ocidentais. (CHAVES, 1988, p. 97/98).

Neste trecho Chaves fala da perspectiva foucaultiana de que ao tecer a crítica da repressão social da sexualidade e de por isso associar-se ao entendimento jurídico do que é o poder, ou seja, da sua dimensão de pura negatividade, os discursos críticos acabam por substituir o que criticam e dessa maneira instituem ao seu modo outra verdade sobre o que é a sexualidade. Podemos observar que há em Freud um discurso crítico à repressão; o que o leva a avizinhar-se com a concepção jurídica do poder, salvo as especificidades desse discurso. Entendemos juto a Chaves, que a teoria freudiana deve ser questionada se a consideramos como um discurso crítico vinculado ao que critica. Mas ainda nos resta entender se a teoria sexual freudiana se caracterizaria como um discurso verdadeiro sobre a sexualidade. Ou melhor, se é um discurso cientificamente verdadeiro sobre o sexual que ao afirmar e definir o que é a sexualidade fixaria uma verdade no campo dos comportamentos, assim como, a sexologia. É exatamente com esse ponto que nos ocuparemos em seguida

### **Da sexologia à teoria sexual freudiana**

Foucault aproxima a teoria freudiana das teorias sexuais que lhe são contemporâneas no século XIX. As chamadas sexologias que junto à biologia, a medicina e a psiquiatria fizeram da vida sexual humana objeto de estudo científico. Essa proximidade entre a teoria freudiana e as sexologias, na concepção de Foucault, se deve a duas hipóteses. Uma é a relevância dada à vida erótica tornando-a objeto a ser conhecido. A outra é a reivindicação da estrutura científica ao falar de sexualidade. Ora, mas quais as implicações da problemática trazida por Foucault ao nivelar a teoria sexual freudiana a uma sexologia? A teoria de Freud se caracterizaria mesmo como uma ciência do sexual?

Nivelar a teoria de Freud à sexologia significa alocar o discurso freudiano no domínio dos discursos sexológicos que se definem pelo estudo exclusivo do tema da sexualidade. E poderíamos dizer que Foucault faz um nivelamento de dois tipos: primeiro o de tipo conceitual, ou seja, de que tanto Freud quanto os demais médicos e estudiosos das questões sexuais postularam, através de suas teorias, uma definição do que seja a sexualidade. Segundo, de um nivelamento de tipo social, quando Freud, assim como seus colegas, a partir da centralidade dada à sexualidade promoveu em torno dela, diz Foucault<sup>40</sup>, a superprodução social de um discurso verdadeiro a respeito da sexualidade humana, e assim, poder fazer de certos modos comportamentais o padrão.

Vejamos, quando Foucault em suas análises equivale a teoria freudiana à sexologia restringe o campo investigativo de Freud ao universo da sexualidade. Atribuindo ser o interesse e o conteúdo da teoria psicanalítica a exclusividade de uma teoria sexual, além evidentemente, de estar identificando o que a sexologia e Freud entenderam por sexualidade. Foucault também insere o discurso sexual freudiano no fenômeno de multiplicação discursiva em torno do assunto da sexualidade, e ao fazer isso acaba por situar esse discurso em meio à generalidade das teorias sexuais emergentes no século XIX, e desse modo, a teoria freudiana participaria da crescente inspeção social que envolve a vida sexual dos indivíduos.

Bem, nossa proposta nesta seção é averiguar, digamos assim, se existe uma similaridade da teoria sexual freudiana com a chamada sexologia, a partir da ideia de Foucault de classificá-la como uma *scientia sexualis* ou ciência sexual. Portanto, nossa pergunta no momento é: *Os Três Ensaios de Teoria Sexual* se caracterizariam como ensaios de sexologia? A resposta talvez fosse óbvia pelo próprio título da obra indicar o assunto a ser tratado, se o nome são *Ensaios de Teoria Sexual* logo é sexo, logo, seria sexologia. No entanto, com uma leitura mais atenta, nos parece que *Os Três Ensaios...* não tratariam do sexo e do ato sexual, ou pelo menos, não somente das condutas sexuais. A abordagem dada por Freud ao que ele denominou de sexualidade está menos relacionada à prática sexual e mais aos problemas psíquicos a ela relacionados, como já pudemos estudar no nosso segundo capítulo.

---

<sup>40</sup> FOUCAULT, M. *Ditos e escritos* vol. V Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012, p.57.



Para melhor cumprir a nossa tarefa de analisar o discurso sexual freudiano considerando o que foi dito por Foucault, precisamos elencar aqui as razões trazidas por ele que serviriam de caracterização da teoria freudiana como ciência do sexual. A primeira razão seria o fato de abordar o tema da sexualidade e de atribuir-lhe caráter essencial no interior de um saber. Segunda, de fazê-lo duma perspectiva científica adequando a vida sexual a um campo de conhecimentos sistematizados, observáveis e ditos como válidos. E terceira, por determinar certas regras de normatização a partir dum discurso que afirma a verdade sobre o que é o sexo e a sexualidade. São considerando basicamente essas três razões que desenvolveremos nossas considerações.

De saída já podemos dizer, baseados no que viemos estudando, que Freud considera significativamente os aspectos sexuais e que o faz próximo a metodologia científica. Apesar de que é difícil afirmar que a psicanálise se restrinja a uma ciência em termos tradicionais, se pensarmos a ciência como uma disciplina constituída, pronta e que segue certo modelo ou critério clássico de verdade.

A questão que se coloca agora, por exemplo, não é: a psicanálise é uma ciência? Mas esta outra: que tipo de racionalidade nos traz a psicanálise? Já que, de uma vez por todas, a psicanálise se enquadra muito pouco dentro da concepção tradicional de ciência. (...) É claro que a pergunta mais geral, que está por trás dessa que enunciei, é a questão de se saber até onde a proliferação desses novos discursos, desses novos saberes, não nos convida a repensar a noção da verdade que, talvez, seja ela também, na sua forma canônica, algo datado e fruto de um conjunto de avaliações sobre o real, o conhecimento, o discurso verdadeiro, etc. que exatamente essas novas disciplinas nos convidam a pensar? (MONZANI, 2008, p.16).

Para Monzani, mais interessante que querermos saber da cientificidade da psicanálise é saber se o discurso freudiano junto aos demais saberes emergentes sob o signo das ciências humanas por não se enquadrarem em critérios fixos entendidos como verdadeiros, nos levam ao questionamento do que se estabelece como verdade. Nesse jogo, nessa ambivalência entre conhecimento científico e não científico a psicanálise por não se delimitar a concepção clássica de ciência, interpela o critério de verdade determinado por ela. A questão colocada por Monzani e que queremos reiterar aqui interroga sobre qual seria a novidade que a teoria freudiana traz e que tipo de racionalidade ela imprime que objeta os critérios de verdade. Podemos então inferir que

não é somente a questão de se é um conhecimento científico, e por isso mesmo verdadeiro, que devemos lançar à psicanálise, já que é sabido por nós que essa disciplina apesar de fundamentada em certos conceitos e princípios não se restringe a estes, daí a teoria freudiana não ser uma ciência no sentido de ser um saber já acabado, constituído. Mas o que precisamos entender é que a psicanálise é uma disciplina que está por se fazer, exatamente pela natureza do que investiga: a psique humana e a lógica desconhecida do inconsciente.

Feito esse adendo, voltemos ao modo como Freud aborda as questões sexuais e estabelece sua tese sobre a sexualidade. E questionar se *Os Três Ensaio...* fazem do seu autor um sexólogo. Como foi dito por nós ao longo deste trabalho, a psicanálise pensa a sexualidade enquanto pulsão e a partir das categorias objeto e alvo sexuais. Essa síntese quer dizer que se Freud se interessa pelo tema da sexualidade, ele o faz de outra maneira. Introduzindo novos conceitos, se apropriando de outros, formulando novas hipóteses, que inclusive, acabaram por questionar certos dogmas estabelecidos pela tradição medico-psiquiátrica, como pudemos acompanhar.

Por exemplo, a sexologia ao estudar a vida sexual, a estuda considerando que a sexualidade é um dado instintivo, ou seja, caracteriza-se pelo esquema de comportamento herdado que cada indivíduo traria consigo na forma de um impulso interior padronizado. Pensando dessa maneira os aspectos relativos à vida sexual já estariam fixados e naturalmente se manifestariam na fase adulta tanto no homem como na mulher. Assim, os dois unidos na forma da família cumpririam a finalidade essencial da vida erótica de um casal: a de reproduzir-se. No centro dos discursos tradicionais sobre a sexualidade encontramos esses dois temas que se sobressaem: o do instinto e o da reprodução, expressos na fórmula da atração recíproca de um sexo pelo outro, cujos fins são a união dos órgãos genitais para a multiplicação da espécie.

A crítica freudiana da moral sexual dirige-se à exigência da monogamia institucionalizada e da sexualidade reprodutora, no seio da instituição, como formas exclusivas de canalizar a libido. A imposição, por parte da moral coetânea, da abstinência sexual fora do casamento acarreta, segundo Freud, mais prejuízos do que vantagens. O esforço para cumprir tal exigência leva amiúde a desenvolver neuroses ou perversões. Além de danificar a potência da libido cuja satisfação resulta, então, insuficiente, levando à frustração masculina e a frigidez feminina. Em definitivo, a exclusividade da monogamia

legítima, defendida pela moral do fim do século, resulta prejudicada pelo rigorismo de suas demandas (IBERTIS, 2000, p.53).

Observemos no que diz Ibertis, como Freud vai exatamente à contra mão dos discursos tradicionais ao fazer a crítica, por exemplo, da institucionalização da monogamia como via legítima para reprodução e expressão do instinto. Se observarmos também que ao pensar a sexualidade como pulsão, Freud contrapõe-se aos ditames da reprodução, porque a define como dotada de objeto e alvo sexuais, e vimos que tanto o objeto quanto o alvo não tem destinos determinados, ou seja, que nem todo encontro amoroso tem como meta a reprodução viabilizada pela união dos órgãos genitais masculino e feminino. Os estudos de Freud evidenciam que antes da possibilidade de reproduzir-se o ser humano depara-se com a experiência do prazer e que a satisfação pulsional não está definida a partir do modelo da reprodução, como já mencionamos aqui.

Se por um lado poderíamos dizer que Freud e os sexólogos compartilham do interesse pela sexualidade, por outro, podemos dizer que lidam com ela de maneira diferente, e por vezes, oposta. Seja das diferenças conceituais entre a pulsão sexual e o instinto ou das relações de importância entre o prazer e a reprodução. *Os Três ensaios...* trazem uma perspectiva nova no concernente ao que vem sendo produzido sobre o tema da sexualidade, promovendo tanto na comunidade médico-científica quanto na própria cultura a reavaliação de certos paradigmas dos quais trouxemos alguns aqui, entre eles, a finalidade da vida erótica ser a reprodução da espécie, a atração sexual só se dar entre indivíduos de sexo oposto, ou ainda de que esses indivíduos só se atraem e se unem na relação exclusiva entre si, representada na forma da monogamia. Todos esses emblemas socioculturais foram estremecidos com as teses sexuais freudianas a respeito da pulsão sexual e da variabilidade de objetos e objetivos que lhes são próprios.

Então, se resgatarmos o nivelamento social feito por Foucault entre a sexologia e teoria sexual freudiana como discursos pertencentes a um mesmo movimento de produção do saber sexual, podemos observar que a teoria da sexualidade freudiana é contemporânea a tantas outras teorias sexuais e que como elas, compõe esse fenômeno de multiplicação discursiva a respeito da sexualidade, como aponta Foucault. Mas o que estamos tentando evidenciar é que mesmo no interior de um acontecimento histórico de produção social de conhecimentos acerca da sexualidade humana, a teoria sexual

postulada por Freud não se reduz ao que tradicionalmente se chama de sexologia justamente pelas razões que estamos apresentando: porque suas hipóteses são diferentes, seus conceitos são inter-relacionados de outro modo e o lugar da noção de sexualidade no interior de cada disciplina difere substancialmente, haja vista que a teoria freudiana da sexualidade se insere no marco de uma teorização sobre o funcionamento psíquico.

Em segundo lugar, embora a teoria se refira à sexualidade com pretensão de estabelecer afirmações verdadeiras acerca desta, ela não prescreve comportamentos a seguir. Antes bem, a teoria freudiana parece afirmar a razoabilidade de cada um vivenciar a própria sexualidade de acordo com o que cada história singular tenha definido. Em outras palavras, como já frisado, dos *Ensaio*s segue-se que não existe uma sexualidade única, mas tantas quantos indivíduos houver. Assim, se sob certos aspectos a teoria freudiana se aproxima de uma sexologia, por outros, acreditamos que muito relevantes, não.

Agora, gostaríamos de resgatar também o que o próprio Foucault, ao caracterizar a teoria freudiana como uma sexologia, acentua ao dizer que essa teoria se posiciona de modo diverso dos demais discursos sexuais quanto à questão da degenerescência. Isso se explica porque Freud ao se debruçar sobre o estudo das aberrações sexuais e sua relação com as psiconeuroses nos *Três ensaios...* chega a conclusões inusitadas para seu contexto. Para ele, por exemplo, o comportamento dos chamados invertidos, considerados pela sexologia tradicional como casos de degeneração, não significa necessariamente uma forma de conduta degenerada, porque não haveria ali danos nem prejuízos no desenvolvimento psíquico-pessoal ou na qualidade de vida daqueles que têm essa prática.

Vimos que Freud estudou a questão da degeneração através da temática das perversões e avaliou quão inapropriado é o uso desses termos. Ele analisou de perto as possíveis relações entre a perversão sexual e as psiconeuroses, e se haveria uma causalidade, uma proximidade entre ambos no sentido do indivíduo ser neurótico porque também é um perverso sexual e vice-versa. Essa era uma problemática que permeava o meio médico e especialmente o psiquiátrico do período, onde se especulava as relações entre a perversão, a degeneração e a hereditariedade porque se acreditava que o perverso sexual era aquele doente que herdara certo grau de degeneração de seus antecessores.

Como antes destacado, Freud questiona o que se denominava degenerado e perverso ao constatar que as assim chamadas perversões sexuais – o uso da boca e o ânus como zonas erógenas, os fetiches, as práticas sadomasoquistas, entre outras – não seriam condutas exclusivas dos acometidos por psicopatologias. Freud observa que a maior parte dos indivíduos ditos sadios compartilha de condutas tidas como perversas, resultando difícil, diz Freud<sup>41</sup>, estabelecer o que é normal ou patológico quando se trata de manifestações da pulsão sexual.

O essencial, aliás, parece-nos estar nessa mudança de perspectiva e nessa nova divisão entre o essencial e o acessório, o certo e o incerto. Até Freud, podemos dizer, a normalidade sexual situava-se no centro e as perversões se definiam em relação a essa posição fundamental: o homossexual surgia como aquele que, em vez de amar as mulheres, amava os homens, o fetichista, como aquele que preferia as botas à vagina, e assim por diante; as perversões colocavam-se como desvios da norma (...) Ora, na obra de 1905, a normalidade deixou de funcionar como referência primordial e as perversões não mais puderam demarcar-se negativamente em relação a ela, pois a normalidade figurou ali como a conclusão de uma evolução pessoal que tivera, obrigatoriamente, de passar pelas perversões. (LANTERI-LAURA, 1994, p.86/87).

Segundo Lanteri-Laura, os *Três ensaios...* inauguram uma forma de leitura sobre as perversões, que até então não havia nas investigações medico-científicas. Para ele, quando Freud em suas análises aproxima as ditas perversões sexuais da conduta normal, acaba por promover um deslocamento no que se estabelece como sadio e doente no campo da vida erótica. Como dissemos na seção sobre a hipótese da sexualidade infantil, Freud chega justamente nessa hipótese, porque identificou na infância que a pulsão sexual desde então é pervertida, assim como mais tarde se faz notar nos psiconeuróticos. Freud considera que no processo de desenvolvimento pulsional há uma série de estágios que cada indivíduo passa na constituição da sexualidade adulta, e esses estágios mostram a semelhança entre as pulsões parciais infantis e a conduta perversa no adulto. Com a hipótese da sexualidade infantil Freud atribui ser a perversão uma conduta presente em todos os indivíduos e a disposição perversa polimorfa da pulsão sexual na infância seria prova disso.

---

<sup>41</sup> FREUD, S.: *Três ensaios de teoria sexual*, vol. VII Rio de Janeiro, Imago, 1996, p.152.

Como estudamos, Freud caracteriza a própria pulsão sexual como perversa, primeiro pelo fato específico dessa pulsão surgir de uma irrupção da pulsão de nutrição, ou seja, a pulsão sexual perverte-se da finalidade de nutrir e passa para a de comprazer-se. E segundo, pela disposição perversa polimorfa presente na criança. A perversão deixa de representar uma disfunção psicossomática exclusiva dos que sofrem de psiconeuroses, para representar a totalidade dos indivíduos, porque a qualidade de perversão está na própria pulsão sexual. Assim, as teses freudianas operam uma reavaliação dos limites entre o que se considera como doença e como normalidade, redefinindo o que era denominado como aberração ao campo da simples variação de conduta de parâmetros tidos como normais. Logo, podemos observar que não mais se trata de definir as perversões pela negativa ou contrária da norma, como assinala Lantéri-laura.

Essas afirmações apesar de riquíssimas para os estudos das psiconeuroses, para a pedagogia ou para a própria educação sexual, pareceram à época uma afronta. Com as pesquisas mais atuais podemos perceber as contribuições trazidas por Freud ao campo da sexualidade ao ter se apropriado e redefinido concepções como a de pulsão, de sexualidade infantil e perversão. O que se sabe é que os padrões culturais da época não foram receptivos às teses freudianas. Partindo desse fato é que queremos retomar a outra questão sugerida por Foucault de a teoria de Freud compor essa multiplicação discursiva a respeito da sexualidade e com isso formar através de um discurso verdadeiro sobre o sexo certas regras comportamentais.

Será que os *Três ensaios...* por ser publicado em meio ao fenômeno histórico de proliferação de discursos da sexualidade também seria um livro que afirma a verdade sobre o que é a sexualidade, ditando assim, regras comportamentais? Acreditamos que a teoria sexual freudiana não modula condutas, ao contrário, ela se apropria de condutas já existentes e ao analisá-las, considerando o aspecto psíquico, nota quão enraizadas elas se encontram na crença popular. Pensamos que a proposta de Freud é menos prescrever normas comportamentais do que colocar as já existentes à prova. Observamos que a construção da teoria sexual feita por Freud vem reavaliar crenças estabelecidas mudando a perspectiva do que seja normal. A resistência da época em aceitar a sua teoria atesta seu caráter de novidade.

Até aqui desenvolvemos dois dos três aspectos que nos propuséramos a analisar neste capítulo: a possível aproximação da teoria sexual freudiana com a *hipótese*

*repressiva*, e da sua relação com as chamadas sexologias. Agora encaminhemos nossas reflexões para a derradeira perspectiva adotada por nós com o objetivo de examinar a possibilidade e limites de caracterizar a teoria sexual freudiana como dispositivo, como quis fazer Foucault. Para tanto, iremos apresentar as estratégias entre poder e saber que, em combinação com os dois aspectos anteriormente citados fariam da teoria sexual freudiana um componente articulador do dispositivo da sexualidade e instrumento a serviço do biopoder<sup>42</sup>. Ao mesmo tempo nos propomos sinalizar lacunas nessa crítica.

### **Dos conjuntos estratégicos de poder-saber aos limites da crítica foucaultiana**

Com Foucault vimos que a sexualidade, em sua dimensão discursiva, é fruto de uma produção histórica entre as relações que envolvem o conhecimento e os poderes presentes numa dada sociedade. E que o fato da sexualidade ser formatada em discurso, em discurso científico, determinaria certos padrões comportamentais como verdadeiros. Pensando nisso é que Foucault lança mão do fenômeno social da população para desenvolver a ideia de práticas discursivas, ou seja, de práticas que criam discursos que devidamente articulados prescrevem uma série de condutas aos indivíduos, ao mesmo tempo, em que essas condutas reafirmariam o discurso estabelecido, e assim, mantêm-se um ciclo permanente entre enunciados que geram comportamentos e comportamentos que validam enunciados.

Mas como a população funcionaria como instrumento teórico para as análises de Foucault sobre as práticas discursivas acerca da sexualidade? A população enquanto um fenômeno social, ou seja, enquanto algo produzido pela união e organização de indivíduos no interior duma sociedade é no pensamento de Foucault uma forma de expressão de técnica de poder. Pois é através dela, ou melhor, da fundamentação do que caracteriza a população é que encontramos certas práticas discursivas entendidas, por Foucault, como conjuntos estratégicos de poder-saber. De acordo com Foucault a população torna possível que a administração da sexualidade representada no Estado aconteça. Na função de gerir a totalidade de indivíduos, ou seja, de administrar a

---

<sup>42</sup> O termo biopoder, deriva da concepção foucaultiana de biopolítica. Com esses conceitos Foucault designa a maneira pela qual o poder se aplica sobre os indivíduos e seus corpos, mas também sobre a população como um todo, garantindo o controle social. O biopoder, portanto se ocupará de gerir a saúde, a higiene, a sexualidade, etc., entendidos enquanto preocupações políticas.

população o Estado se apropriou, por exemplo, de saberes como a medicina, a pedagogia, a geografia e o direito, como já dissemos, na busca pela manutenção do controle social. Esses saberes, que por sua vez são práticas discursivas, aplicados sobre a população agiriam como instrumentos utilizados pelo Estado na gestão do sexo.

Como antes mencionado, quatro são os conjuntos estratégicos de poder-saber que, segundo Foucault, compõem o dispositivo de sexualidade: a *histerização do corpo da mulher*, a *pedagogização do sexo da criança*, a *socialização das condutas de procriação* e a *psiquiatrização do prazer perverso*. Nossa derradeira questão é a de pensar se esses conjuntos de *poder-saber* estão presentes na teoria sexual freudiana e de que maneira ela os abordaria. No tocante à *histerização do corpo da mulher* cabe a pergunta: A teoria freudiana toma a mulher como objeto de investigação se considerarmos as relações da mulher com a histeria e do papel que ocupa na estrutura familiar? É sabido que nas primeiras investigações da teoria psicanalítica a neurose histérica ocupou lugar privilegiado no pensamento de Freud. Como vimos, a histeria tornou-se um fenômeno social do século XIX, tanto pelo crescente número de indivíduos acometidos pela doença, quanto pela fomentação de estudos científicos em torno dela.

Objetivamente, apesar de não serem as únicas com sintomas histéricos, as mulheres protagonizaram e estiveram diretamente ligadas aos casos de histeria e a vasta literatura acerca desse tema, não só na obra de Freud como em todo imaginário médico do século XIX. Desde muito cedo na história do pensamento ocidental a histeria está relacionada à mulher, como uma afecção própria às mulheres. Embora Freud não pensasse a histeria como um fenômeno exclusivamente feminino, aos olhos de Foucault, a teoria psicanalítica contribuiu para a objetificação do corpo e da alma da mulher como alvos a serem destrinchados, como objetos de prescrição médica e enunciação da verdade sobre a histeria. Sem dúvida, Freud também contribuiu para a reflexão de por que mulheres e homens podiam tornar-se neuróticos. Como já dito, para ele as doenças nervosas seriam resultado de fatores tanto externos quanto internos, da repressão social aos aspectos sexuais e da incapacidade de cumprir os sacrifícios exigidos pela moral e por si mesmo.

Assim Freud elabora uma síntese etiológica das neuroses associando a moral sexual civilizada com o modo de funcionamento psíquico. Segundo isso, a limitação na capacidade de sublimar impulsos sexuais em favor de produtos culturais ou mesmo a



dificuldade de descarga satisfatória da excitação erótica, por qualquer que seja a razão, acarretariam danos psíquicos. Nessa abordagem, enxergamos que mais do que objetificar o corpo feminino, como sugere a tese da histerização da mulher, Freud teria dado voz às mulheres, escutando elas desvelarem seus próprios sintomas.

Todavia, não esqueçamos que a histerização da mulher denunciada por Foucault, não só questiona o fato da mulher histérica tornada objeto de estudo, mas também, questiona o papel da mulher na estrutura familiar e que papel desempenha nesse nicho. Se colocarmos essa questão à teoria freudiana de como ela aborda as relações entre a mulher e a família, podemos fazer novamente menção à situação edipiana. Freud, ao atribuir aos pais papéis importantes na construção e no desenvolvimento do psiquismo de seus filhos, afirma que é no drama edipiano que se processa a formação do superego<sup>43</sup> e a escolha do objeto sexual. O fato de a criança ser impedida tanto de viver plenamente a relação amorosa com a mãe quanto de realizar em ação o sentimento de ira para com o pai desencadeia na psique da criança a substituição da figura materna como escolha objetual e a formação da estrutura superegógica a partir dos valores aprendidos e introjetados.

Na teoria freudiana, o critério para julgar um comportamento, seja no plano da ação real ou no plano da representação psíquica, é imposto desde fora ao sujeito ao longo do processo da sua educação. A saída do complexo edipiano tem como consequência a interiorização de tal critério. Antes disso, os pais são o tribunal moral; após a instauração do superego é essa instância psíquica quem cumpre o papel de juiz e censor. (IBERTIS, 2000, p.122).

Daí se pode compreender a importância que o núcleo familiar tem para a teoria freudiana e o papel não só que tem a mãe, mas também o pai, ou as figuram que cumpram essa função, no desenvolvimento psicosssexual da criança. É a partir dos pais que a criança tem despertada a pulsão sexual, assim como, é inserida no campo da moralidade. Depois disso é a educação que dá continuidade à elaboração dos critérios psíquicos estabelecidos por cada indivíduo em seu superego. Em especial queremos acentuar o modo como Freud dá espaço em suas reflexões para a questão da mulher e da família pensando na situação edipiana. Em Freud nos parece que a relação familiar mãe,

---

<sup>43</sup> De acordo com a segunda teoria freudiana do aparelho psíquico, conjunto das forças morais inibidoras que se desenvolvem sob a influência da educação durante o processo de socialização.

pai e filho foge aos parâmetros afetivos que se tem como comuns. Ou pelo menos dos parâmetros presentes no imaginário popular.

A teoria freudiana nos mostra como o núcleo familiar, ao contrário dum manancial de amor puro e romântico, ele é envolto por relações tensas de erotismo e ódio. Que entre pais e filhos a trama que se representa inicialmente é mais próxima da tragédia, por isso o recurso ao mito de Édipo. A figura materna é responsável pela erotização do corpo da criança quando lhe direciona os primeiros cuidados e carícias, e é ela quem contribui para a origem e desenvolvimento da pulsão sexual no ato da amamentação, quando daí a pulsão sexual se transmuta da função de nutrição e no bebê se experimenta o primeiro registro de prazer. Vejamos que a mulher representada no drama edipiano escapa ao que socialmente se espera da mãe, antes de Freud não se poderia conceber a figura materna como preceptora da pulsão sexual na criança.

Com essa questão edipiana Freud evidencia também a importância do tabu do incesto para a vida social e dos efeitos psíquicos que essa interdição traz. São as interdições em torno do incesto que garantem a realidade do processo edipiano que toda criança civilizada está sujeita a passar. Portanto, o que entendemos é que mesmo falando da mulher e de seu papel no seio familiar, a teoria freudiana retrata a figura feminina e a família de modo distinto das demais teorias que versam sobre o que Foucault chamou de *histerização do corpo da mulher*, e seu mérito não está apenas em ser distinta das outras teorias, mas na revolução e nas contribuições que seu pensamento trouxe.

Direcionemo-nos ao segundo conjunto estratégico que é a *pedagogização do sexo da criança*, do excessivo cuidado sobre o que seriam os aspectos sexuais presentes na infância e do crescente número de estudos em torno desse tema. Mostramos como Freud foi explícito em seu interesse pelo período da infância, inclusive já dissemos que esse é um dos temas que lhe foram mais caros, por afirmar em suas teses a existência da sexualidade desde os primeiros anos de vida do ser humano. Isso fica claro no ensaio sobre *A sexualidade infantil* em que Freud traz a infância como um dos pilares de suas investigações, e especificamente, o que nela já se pode dizer de natureza sexual. Mas, será que a partir disso poderíamos caracterizar a teoria freudiana como um conjunto de métodos educativos sobre a sexualidade na criança? Como pudemos notar na seção em que estudamos o pensamento freudiano, a noção de sexualidade infantil tem valor

teórico importantíssimo para a psicanálise e não nos parece estar restrita a um modelo de prescrição pedagógico-comportamental do sexo da criança.

E por que dizemos isso? Baseados no que estudamos do texto freudiano mostramos que a hipótese da sexualidade infantil vem atender necessidades teóricas no interior da trama psicanalítica e não simplesmente formular uma série de condutas associadas à infância definindo o que é certo ou errado acerca da sexualidade infantil. Sabemos que as noções de sexualidade e sexualidade infantil, reescritas por Freud, para se referir aos aspectos sexuais têm suas devidas especificidades. Acentuamos que quando Freud fala de sexualidade está pensando-a em suas manifestações no psiquismo e no modo como nos relacionamos com as experiências de prazer desde o período da infância. Desse modo é possível pensar a sexualidade na criança se rompermos com a concepção de que a sexualidade restringe-se à genitalidade. A sexualidade está no bebê desde seu contato com a amamentação e isso significa sua inserção nas relações com o prazer. Mesmo narrando a origem e o desenvolvimento da pulsão sexual baseando-se na evolução das práticas infantis, e reconhecendo o corpo infantil como fonte sensorial, como fonte das pulsões, Freud interessa-se mesmo pela estrutura psíquica da criança e o registro, na forma da memória, das primeiras experiências erógenas e suas consequências na vida adulta.

Isso não significa que a teoria freudiana se caracterize como teoria que faça uma espécie de pedagogização do sexo da criança. O que entendemos é que Freud estuda os atributos sexuais tanto anímicos e físicos presentes na infância em busca de mais esclarecimentos em torno da pulsão. Freud não se propõe como educador ou instrutor de como se deve sexualizar a criança ou mesmo de como torná-la objeto de estudo para recriminar ou punir o que há de sexual nela. A afirmação de Freud sobre a existência da sexualidade infantil não deve nos levar ingenuamente a pensar que ele é um pedagogo do sexo, pois suas formulações não pleiteiam isso e nem se caracterizam como tal. Quando fala em termos de educação, Freud é um crítico do modo como se educam as crianças ignorando as expressões de sua sexualidade, consideradas comumente como manifestações precoces e impróprias, pois a falta de conhecimento e os preconceitos em torno da vida erótica infantil contribuiriam para o desenvolvimento das psiconeuroses no indivíduo adulto.

Freud é antes um desertor dos códigos que regem a educação formal e crítico dos efeitos danosos que o conservadorismo presente nela pode trazer aos indivíduos,

especialmente na formação das crianças. Nesse sentido é que parafraseamos C. Millot<sup>44</sup>, ao dizermos que Freud é um tipo de “anti-pedagogo”, pois enquanto as linhas educacionais tradicionais tentavam inibir ou negar as manifestações da sexualidade infantil, Freud as afirmava, as regularizava no interior das investigações psicanalíticas.

Tratemos agora do terceiro conjunto estratégico sinalizado por Foucault em associação a teoria sexual freudiana, que é a *socialização das condutas de procriação*. O que podemos dizer é que as questões acerca do controle demográfico a partir das práticas de controle de natalidade não estão no centro dos estudos freudianos. As contribuições trazidas por Freud sobre o tema da procriação direcionam-se mais ao questionamento da exclusividade da prática sexual para fins procriativos do que com a divulgação e implementação das estratégias de controle populacional através de estatísticas sociais. O que a teoria sexual freudiana faz, por exemplo, ao estabelecer as categorias objeto e alvo sexuais, é exatamente questionar a exclusividade da pulsão sexual ao ato de procriar, ou seja, Freud já no início dos *Ensaio de teoria sexual* mostra a tamanha variabilidade da pulsão quanto ao objeto de atração e quanto aos atos em direção ao objeto desejado. Que em cada indivíduo isso se dá de maneira diversa e em relação a sua história pessoal e que a pulsão sexual não se encerra na proliferação da espécie, mas que em última instância a pulsão aspira por satisfazer-se à revelia de qualquer modelo comportamental.

Por fim, no tocante ao último ponto estratégico de poder-saber colocado por Foucault está a *psiquiatrização do prazer perverso* que se caracteriza pela apropriação da ciência, representada na medicina e na psicologia, do tema da sexualidade e da perversão. Mais uma vez podemos mostrar como Freud, ao mesmo tempo em que se filia a essa, se pudermos chamar, tendência científica de tomar como objeto de estudo a perversão sexual, se afasta de sua concepção mais comum e do que tradicionalmente se compreende por perverso. Na teoria sexual freudiana vimos que o tema da perversão é amplamente discutido, e podemos dizer que também reformulado, se observarmos o que Freud chama de conduta perversa.

Mostramos que a perversão sexual não é um comportamento exclusivo dos acometidos por psiconeuroses. O perverso sexual não é necessariamente uma pessoa alterada do seu estado de saúde mental, nem tampouco a doença mental se dá puramente

---

<sup>44</sup> Referência ao livro *Freud – Antipedagogo* de C. Millot.

por conta de uma prática sexual considerada como perversa. As psiconeuroses por maior complacência que tenha com certos aspectos da vida erótica não nos autorizaria, pelo menos no pensamento freudiano, a dizer que o perverso sexual é um enfermo. Mas antes, a perversão seria uma qualidade, uma disposição da própria pulsão sexual, portanto, da própria conduta humana.

Vimos como Freud ao investigar no primeiro ensaio, *As aberrações sexuais*, compreende que o que se considera como perversão sexual na verdade compõe o repertório de práticas sexuais da maioria dos indivíduos. A perversão diferente da degeneração é considerada como um efeito da pulsão sexual de modificar-se do impulso de nutrição. Assim, a teoria sexual freudiana explica que a perversão constitui a pulsão sexual e caracteriza toda vida erótica, dessa maneira acaba por questionar os limites entre normal e patológico haja vista que a perversão não é exclusiva dos neuróticos e nem a doença nervosa levaria obrigatoriamente a uma perversão. Enfim, o que faz a teoria sexual freudiana é desmistificar que a perversão sexual seja uma degeneração, uma anomalia, ou mesmo uma indecência como é encontrada na literatura especializada das perversões sexuais no século XIX.

Portanto, o que compreendemos ao reunirmos esses quatro conjuntos estratégicos e correlacioná-los à teoria sexual freudiana é que a interpretação feita por Foucault se distancia do que é entendido por sexualidade na psicanálise e do modo como ela se apropria desse assunto. No entanto, entendemos também que essa distância não é casual, nem tampouco fruto da ignorância de Foucault no que tange ao saber psicanalítico. Foucault tem conhecimento do discurso freudiano e sabe de sua importância e alcance culturais, e por isso mesmo lhe colocou interrogações permanentes, porém, acaba por enquadrar de maneira forçada a teoria freudiana, por via da sexualidade, no que ele chamou de dispositivo através desses argumentos que viemos apresentando: o legado da *hipótese repressiva*, a semelhança com a sexologia e a relação com os conjuntos estratégicos de *poder-saber*.

Foucault em nome de suas análises sobre a questão do poder e de como se relacionam poder e sexo, não só restringe estrategicamente o projeto freudiano à teoria da sexualidade como limita-se a tratá-lo de um ponto de vista generalizado. Além do mais, Foucault ao priorizar em seus estudos as relações de poder, interpreta a teoria freudiana à revelia de suas especificidades conceituais. Absorve-a e a situa no interior de sua genealogia, para enfim, afirmar seu papel no funcionamento do dispositivo de

sexualidade como técnica do biopoder, ou seja, como uma dentre as novas formas de controle social, aplicadas diretamente ao corpo do indivíduo e à população disciplinando-os.

Contudo, ao reunirmos nesse derradeiro capítulo os argumentos que supostamente caracterizariam a teoria sexual como dispositivo, temos enfim, alguma condição para realçar o que compreendemos como limites da leitura de Foucault acerca da teoria sexual freudiana. Com isso, não estamos desqualificando as análises de Foucault direcionadas ao discurso freudiano, até porque é de reconhecida importância sua interpretação e o alcance de seus questionamentos, mas como insistimos, estamos buscando acentuar os limites de suas argumentações que acabam por enquadrar a teoria sexual psicanalítica na restrita função de normatização e controle das condutas entendidas por Foucault como operações do biopoder.

Da tarefa que nos propomos fazer até aqui, depreende-se que, apesar da leitura de Foucault visar a teoria sexual freudiana em termos de hipótese repressiva, sexologia e técnica de poder-saber, ela não se restringiria à categoria de dispositivo nem, tampouco, a um instrumento do biopoder. Defendemos a ideia de que o discurso freudiano não é simplesmente um utensílio para se fazer funcionar o dispositivo de sexualidade expresso nas formas da vigilância e do monitoramento, justamente pelas razões que viemos desenvolvendo até aqui. Procuramos demonstrar, conscientes das diferenças conceituais entre Foucault e Freud, que no referente à *hipótese repressiva* a teoria sexual freudiana não se reduz à afirmativa de que haja uma repressão social à sexualidade. Mas vimos, que em psicanálise é o mecanismo de recalque, mais complexo do que uma censura externa sobre a vida erótica dos indivíduos, que está em questão.

Mesmo o recalque funcionando como uma espécie de lei no interior do psiquismo impedindo que certos pensamentos venham à tona na consciência parece-nos que para Freud, ao descrever o processo de recalque, suas investigações não transitam pela questão de saber qual a função de poder que possui o recalque. Esse é um interesse das análises de Foucault: adaptar a teoria sexual freudiana e os conceitos a ela associados à concepção jurídica do poder. Para Foucault, mesmo o discurso freudiano não lidando exclusivamente com o proibicionismo sexual por tratar a sexualidade em termos de recalque, ele ainda vincular-se-ia a uma noção de poder negativa, ou seja, que diz não, que causa impedimento. Reconhecemos essa aproximação da concepção freudiana com

a concepção jurídica na teoria do recalque e também no Édipo. Mas como insistimos e procuramos evidenciar essa não parece ser uma preocupação para Freud.

Examinamos que é segundo a dinâmica do desejo inconsciente que Freud desenvolve suas investigações acerca da pulsão sexual e que diferente das sexologias e dos discursos sexuais, aborda o tema da sexualidade concebendo-a em sua dimensão psicosexual, ou seja, considerando os aspectos psíquicos e emocionais que envolvem a vida erótica e a relevância do sistema inconsciente para o funcionamento do aparelho psíquico em sua totalidade. Não é sobre as relações de poder e sexo que se ocupa Freud, tampouco sobre as técnicas de *poder-saber*. Vimos como as técnicas de *histerização do corpo da mulher*, *pedagogização do sexo da criança*, *socialização das condutas de procriação* e a *psiquiatrização do prazer perverso*, entendidas como conjuntos estratégicos dos Estados modernos não se aplicam *stricto sensu* à psicanálise nem ao modo como Freud elaborou sua teoria sexual. Compreendemos que o discurso freudiano não está a serviço do biopoder, isto é, de contribuir como técnica disciplinar que recai sobre a totalidade dos indivíduos através da formulação de um discurso verdadeiro sobre a sexualidade.

Para concluir, direcionemo-nos, portanto, a responder a pergunta sugerida por nós como título deste capítulo: o discurso freudiano da sexualidade é um dispositivo, como o definiu Foucault? Defendemos o posicionamento de que a teoria sexual freudiana não se restringe à caracterização de dispositivo e procuramos desenvolver neste capítulo as razões que sustentassem nossa hipótese. Mas ainda queremos lançar mão de uma razão, que para nós pareceu central em meio ao desenvolvimento de nosso estudo: que em última instância, a teoria sexual freudiana só pôde figurar como dispositivo de sexualidade por conta, particularmente, da ausência nas análises de Foucault, da apreciação do conceito psicanalítico de inconsciente. A noção de inconsciente é um termo negligenciado por Foucault quando de suas análises direcionadas a teoria freudiana. E dizemos isso, baseando-nos no que escreve Mezan, diz ele:

A inclusão da psicanálise no dispositivo de sexualidade é obtida por Foucault ao preço de uma omissão capital. O leitor familiarizado com a psicanálise não deixará de se admirar de que, embora *A vontade de saber* se apresente como (entre outras coisas) uma arqueologia da disciplina freudiana, nela não se mencione uma única vez o termo *inconsciente*. E, se passada essa surpresa, o leitor se interrogar sobre as razões de tão estranha negligência, perceberá que

ela é solidária de uma série de deslizamentos e de reduções, ao cabo das quais – e *somente* ao cabo das quais – a psicanálise poderá surgir como a forma moderna pela qual se perpetua a *confissão* da sexualidade. (MEZAN, 1985, p. 117).

São esses deslizamentos e reduções conceituais que nosso trabalho procurou evidenciar. Para falar da teoria freudiana, para encaixá-la em sua analítica do poder, Foucault omitiu em *A vontade de saber* as especificidades conceituais da psicanálise, e a noção de inconsciente é um exemplo claro disso. Nenhuma alusão a esse sistema e ao seu modo de operar no aparelho psíquico e nenhuma diferenciação da teoria freudiana das demais teorias que têm como tema à sexualidade, por introduzir a noção de inconsciente. Foucault não se descuida ingenuamente quanto à abordagem dos conceitos psicanalíticos, mas há uma razão para isso, e essa razão é a caracterização da teoria freudiana como forma moderna da confissão da sexualidade, para conseqüentemente situá-la como arqueologia do dispositivo em suas análises das relações entre poder e sexo na sociedade ocidental. Nessa direção continua Mezan:

Mas cabe questioná-lo, e vigorosamente, quando pretende que *A vontade de saber* constitua uma “arqueologia da psicanálise”, ainda que somente a título indicativo, posto que se trata de uma introdução. Introdução a uma *História da sexualidade*, que deveria traçar o percurso desta entidade do mundo antigo aos dias de hoje, no bojo de um projeto mais amplo: o de pesquisar a origem do sujeito. Ora, cabe perguntar – e agora sim, legitimamente – pelas razões que conduziram Foucault a esta escolha. E isto em três dimensões: trata-se, de fato, de uma arqueologia? Trata-se, de fato, de uma arqueologia da psicanálise? E será que a arqueologia da psicanálise é, de fato, um capítulo da história da sexualidade? (MEZAN, 1985, p.112/113).

Mezan centraliza sua argumentação em afirmar quão inapropriada é a tese foucaultiana de que seria a psicanálise a arqueologia do dispositivo de sexualidade. E nessa direção analisa o que Foucault chama de arqueologia e se, de fato, ele aplica a metodologia arqueológica à sua interpretação da teoria freudiana. Mezan defende a ideia de que em *A vontade de saber* encontramos na verdade as bases contrárias à concepção de arqueologia proposta inicialmente por Foucault no texto de 1969 *Arqueologia do saber*. Nessa obra apresenta-se que o que define o método arqueológico é a investigação segundo o modelo da descontinuidade histórica, ou seja, a arqueologia não visaria como



pudemos acompanhar o estudo dos fatos históricos a partir da sucessão contínua dos eventos, nem lançaria as bases de sua investigação em saber a origem ou causa de um dado fenômeno. Mas a arqueologia seguiria o modelo da descontinuidade e de localizar as condições de possibilidade, o contexto, que permite tal evento ou fenômeno surgir.

Então, Foucault em *A vontade de saber* estaria fazendo uma arqueologia às avessas, segundo Mezan, já que o que se vê neste livro é uma espécie de continuidade entre, por exemplo, a pastoral cristã e o dispositivo de sexualidade, quando se afirma que a psicanálise é herdeira do sacramento da confissão. Para Mezan, Foucault propõe uma arqueologia da psicanálise, mas nem mesmo utiliza-se dela como método já que o desenvolvimento de sua argumentação sugere uma continuidade histórica até que se forme o moderno dispositivo de sexualidade. Essa continuidade se expressaria na manutenção do modelo confessional como forma de obter-se uma verdade sobre a sexualidade. Desde as primitivas formas de confessionário à ampla emergência de teorias sexuais no século XIX o que se sucedeu foi o interesse pela sexualidade tornando-a objeto de estudo científico. A variedade de discursos e a crescente interrogativa em torno do sexo e da sexualidade no intuito de revelar a verdade do sujeito.

Portanto, para Mezan, tanto a negligência ao conceito de inconsciente quanto a aparente arqueologia da psicanálise desatualiza a interpretação de Foucault da teoria freudiana como categoria de dispositivo. Concordamos com esse pensamento e concluímos que na tentativa de aproximar os discursos de Foucault e Freud, mesmo sabendo das diferenças radicais entre ambos, que existe uma tentativa no pensamento de Foucault de se apropriar do discurso freudiano para encerrá-lo com dispositivo. Isto é, como instrumento moderno do Estado que define a sexualidade humana a partir de práticas discursivas e de técnicas disciplinares. No entanto, essa apropriação feita por Foucault nos parece inexata. Inexata porque foge às especificidades conceituais psicanalíticas, especialmente quanto à concepção de sexualidade que é o tema central para nós aqui e porque essa abordagem generalizada do que seja o discurso freudiano não tem em vista a psicanálise em sua totalidade, com seus temas e práticas.

Seja dito mais uma vez: que *A vontade de saber* contorne a psicanálise sem jamais abordá-la, que desfigure o conceito psicanalítico de sexualidade para enfiá-lo à força numa sequência artificial, não significa que a disciplina freudiana veio de Marte nem que tematize a sexualidade a partir de um

relâmpago libertador. Precisar as relações da teoria, da prática e da instituição social que a psicanálise é com a realidade igualmente social na qual se enraíza – e sem a qual não haveria psicanalistas, pacientes, teoria do inconsciente e muito menos teoria da sexualidade – não implica nem caricaturá-la nem idealizá-la, como a chave que permite explicar todos os fenômenos humanos e tudo destes fenômenos. Implica, isto sim, questioná-la a fundo, traçar a rede que lhe serve de suporte e mostrar como se inscreve, alterando-a, nesta rede, obrigando-a a se rearticular e absorvendo por sua vez os efeitos desta rearticulação. Só que, para tanto, é preciso no mínimo renunciar a ideia de eu ela se reduz a uma teoria da sexualidade que gostaria de brincar de revolução, ou a uma versão laicizada do sacramento da penitência. (MEZAN, 1985 p. 124).

A psicanálise é uma disciplina de amplo alcance cultural. E tornou-se também objeto de interesse das análises de Foucault na sua *História da sexualidade*. Entretanto introduzida nessa análise, concluímos nós, de forma grosseira. Exatamente pelos argumentos que viemos desenvolvendo aqui. Mas queremos registrar também que a interpretação foucaultiana apesar dos seus limites e incongruências quanto às especificidades relativas ao discurso freudiano, é extremamente rica por suscitar uma série de questões para a própria psicanálise e seus estudiosos. As investigações de Foucault, mesmo com suas limitações, e talvez por conta delas, nos levaram a revisitar o texto freudiano e a atualizar-nos quanto a sua proposta. Na análise de como se deram historicamente as relações entre poder e sexo na sociedade ocidental, Foucault, com sua crítica ao discurso freudiano não nos levou a execrar Freud ou a psicanálise, ao contrário, fez com que retomássemos o sistema de pensamento freudiano e percebêssemos como nesse discurso se articulam seus conceitos, de como se chega a certas hipóteses e de como se estabelece e se modifica o significado de alguns de seus termos e teorias. E conseqüentemente, com que aprendêssemos com as reflexões que o discurso psicanalítico promove e ainda pode promover.

## Considerações Finais

Neste trabalho tivemos a oportunidade de promover a interlocução entre os pensamentos de Foucault e Freud no que tange à problemática da sexualidade. Num primeiro momento tratou-se das considerações de Foucault acerca do discurso da sexualidade e o modo específico de sua construção como um conhecimento cientificamente verdadeiro nas sociedades ocidentais, considerando as imbricadas relações entre poder e saber. Apresentamos a importância do fenômeno de superprodução sociocultural da sexualidade para Foucault e os desdobramentos dessa produção discursiva em seu pensamento que o levaram a desqualificar a *hipótese repressiva* e a investigar as singularidades do discurso sexual freudiano e o papel atribuído a esse discurso no interior do dispositivo de sexualidade.

No segundo capítulo, abordou-se a teoria sexual freudiana e as especificidades da concepção de sexualidade pensada enquanto pulsão. Procuramos mostrar o percurso teórico feito por Freud na elaboração dos *Três ensaios* e o modo como se apropria de conceitos como “perversão”, por exemplo, e acaba por questionar os critérios clássicos que determinam o que é normal e patológico no campo das condutas sexuais. Além, evidentemente, de termos apresentando como no pensamento freudiano aparece a questão da moralidade sexual e seus possíveis efeitos no desenvolvimento psicosssexual dos indivíduos. Por fim, trouxemos a hipótese da sexualidade infantil, um marco para a teoria sexual freudiana, que nos possibilitou sinalizar as operações promovidas no saber psicanalítico entre as adaptações das teorias da sedução e da fantasia.

Nosso objetivo, nesses primeiros capítulos, foi apresentar de onde se inicia nossa pesquisa, ou seja, da problemática da produção discursiva em torno da sexualidade, colocada por Foucault, e a situação do discurso freudiano no interior dessa proliferação de discursos. Ao mesmo tempo, em que procuramos fazer a exposição do próprio discurso da sexualidade em Freud, com vistas a compreender em que consiste sua teoria sexual e o encadeamento de seus conceitos. Com isso, nosso intuito de estudar o texto freudiano junto ao posicionamento de Foucault sobre o fato discursivo da sexualidade, foi o de buscar na teoria sexual de Freud os recursos para melhor analisar as possibilidades e as possíveis lacunas de sua caracterização como dispositivo histórico de sexualidade, como indicou Foucault, e assim, podermos vislumbrar os limites de sua interpretação.

Por isso mesmo, é que no derradeiro capítulo, encadeamos uma a uma as hipóteses levantadas por Foucault acerca da situação que ocupa e da função que exerce o discurso psicanalítico na *Vontade de Saber*, questionando sua pertença ao dispositivo de sexualidade e evidenciando o que não é condizente a esse discurso na crítica foucaultiana. Para isso é que traçamos as diferenças entre as noções de recalque e repressão, respectivamente, como as pensaram Freud e Foucault, ao passo que intercalamos a concepção jurídica do poder as estas noções na busca por questionar a apropriação feita por Foucault da teoria sexual freudiana em sua analítica do poder. Ainda nessa direção, deixamos manifesta a distância entre o discurso freudiano das sexologias tradicionais por conta, exatamente, do objeto de estudo que investigam, já que a sexologia restringe-se à apuração da sexualidade humana e a teoria freudiana utiliza-se da sexualidade com vistas ao estudo do inconsciente.

Por último lançamos mão do que Foucault define de conjuntos estratégicos de *poder-saber* e pudemos acompanhar quais são esses conjuntos e de como a teoria freudiana pareceu se aproximar deles, mas que essa aproximação é apenas aparente por conta dos conteúdos que compartilham, mas a metodologia com que abordam tais conteúdos diferencia-se substancialmente. Vimos como o fato de Freud se debruçar a respeito desses temas como a *histerização do corpo da mulher*, a *pedagogização do sexo da criança*, a *socialização das condutas de procriação* e a *psiquiatrização do prazer perverso* não qualifica sua teoria como prática discursiva com vistas ao controle social, tampouco, a submeter os indivíduos a uma situação de fiscalização e monitoramento constante de suas condutas. Ao contrário, aprendemos como os estudos freudianos provocaram mudanças e acréscimos não apenas no campo da medicina e das psicopatologias, mas a toda esfera sociocultural, devido à importância de suas reflexões.

Contudo, fica claro para nós, que a pergunta sobre a possibilidade de caracterização do discurso freudiano como dispositivo se dissolve. Se por um lado partimos da perspectiva de Foucault para analisar o papel do discurso psicanalítico no saber da sexualidade, por outro, utilizamos da própria teoria freudiana para contrapor a leitura de Foucault. Nossa ideia é que uma vez reunidos os argumentos de ambas as perspectivas acerca da sexualidade em discurso, pudemos constatar, através da nossa argumentação, que o saber psicanalítico tal como Freud o desenvolveu nos *Três ensaios de teoria sexual* não se reduz ao dispositivo de sexualidade foucaultiano, nem tampouco a um instrumento de disciplinarização dos corpos.

## Referências Bibliográficas

- CAROPRESO, F. *Freud e a natureza do psiquismo*. São Paulo: Anablume; FAPESP, 2010.
- CHAVES, E. P. *Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14.ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado. 3.ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Malhas do Poder*. revista de cultura libertária: Barbárie, especial anarquismo. Ano 3. n. 4. Salvador, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*; tradução de Luiz Felipe B. Neto. 6.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Estratégia, Poder-Saber*. In: Ditos e Escritos; v.4 – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. In: Ditos e Escritos; v.5 – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FREUD, S. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VII.
- \_\_\_\_\_. “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. III.
- \_\_\_\_\_. “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. IX.
- \_\_\_\_\_. “Sobre as teorias sexuais infantis” (1908) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. IX.
- \_\_\_\_\_. “Mal estar na civilização” (1930) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- IBERTIS, C.M. *O desafio de prometeu: sobre cultura e moralidade na teoria freudiana*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Campinas – São Paulo, 2000.
- LANTERI-LAURÁ, G. *A leitura das perversões*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 22.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MEZAN, R. “Uma arqueologia inacabada: Foucault e a Psicanálise”. In: RIBEIRO R. J. (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MILLOT, C. “Sexualidade e Civilização” in: *Freud Antipedagogo*, trad. Ari Roitman – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: UNICAMP, 1989.
- TESHAINER, M. *Psicanálise e biopolítica: contribuição para a ética e a política em Michel Foucault* / Porto Alegre, RS; Zouk, 2006.
- TRILLAT, E. *História da histeria*, trad. P. Porchat, São Paulo: Escuta, 1991.

## Bibliografia Consultada

- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BIRMAN, J. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BOCCA, F. V. / MONZANI, L. R. “Novo aporte ético em face da concepção freudiana da sexualidade”. In: *Ipseitas*, São Carlos, v.1, n.1, 2015.
- DAVIDSON, A. I. “Arqueologia, Genealogia, Ética”. In: *Cultura y sociedad* – Buenos Aires: Nueva Vision, 1988.
- DELEUZE, G. *Foucault*; tradução de Claudia Sant’Ana Martins. 1.ed. – São Paulo: Brasiliense, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O que é um dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo; tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990.
- ERIBON, D. *Michel Foucault: 1926-1984*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. – São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. In: Ditos e Escritos; v.1 – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade*. In: Ditos e Escritos; v.9 – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do College de France: 1970-1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FREUD, S. “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (1906) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VII.
- \_\_\_\_\_. “Cinco conferencias sobre psicoanálises” (1910) in: *Sigmund Freud - Obras Completas*, trad. José Luis Etcheverry – Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu, 1979. Tomo XI.
- \_\_\_\_\_. “Os instintos e seus destinos” (1915) in: *Sigmund Freud (1914-1916) – Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*; trad. e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- \_\_\_\_\_. “O inconsciente” (1915) in: *Sigmund Freud (1914-1916) – Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*; trad. e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. “A repressão” (1915) in: *Sigmund Freud (1914- 1916) – Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*; trad. e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XV.
- \_\_\_\_\_. “Dois verbetes de enciclopédia: (2) A teoria da libido” (1923) in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, trad. e direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVIII.
- LAPLANCHE, J / PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*; trad. Pedro Tamen – São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAPLANCHE, J. *El extravío biologizante de la sexualidad en Freud*, trad. Sílvia Bleichmar – Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- MASSON, J. M. “Introdução” in: FREUD, S. *A correspondência completa de Freud para Fliess (1886-1904)*. RJ: Imago.
- MONZANI, L. R. “O que é Filosofia da Psicanálise”. In: *Philosophos*, Goiânia v.13, n. 2, 2008.
- MUCHAIL, S. T. *Foucault, Simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- OKSALA, J. *Como Ler Foucault*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*; trad. de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROUDINESCO, E. / PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SCARFONE, D. *As pulsões*, trad. Paulo Neves, São Leopoldo: UNISINOS, 2005.
- SHERIDAN, A. *Discours, sexualité et pouvoir initiation à Michel Foucault*, traduction par Philip Miller – Bruxelles: Pierre Mardaga editeur, 1980.
- SOUZA, P. C. *As palavras de Freud – O vocabulário freudiano e suas versões* – São Paulo: Editora Ática, 1998.